UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

Claudia Stephan

HIZBULLAH: A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ISLÂMICO PARA AS NEGOCIAÇÕES DE PAZ ÁRABE-ISRAELENSES

© Copyright Claudia Stephan, 2010

É proibida a reprodução, total ou parcial, da obra sem autorização prévia da autora.
Contato: claudia.stephan@hotmail.com

CURITIBA
2009

Claudia Stephan

HIZBULLAH: A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ISLÂMICO PARA AS NEGOCIAÇÕES DE PAZ ÁRABE-ISRAELENSES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.
Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Eugênio Pereira.

CURITIBA
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

Claudia Stephan

HIZBULLAH: A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ISLÂMICO PARA AS NEGOCIAÇÕES DE PAZ ÁRABE-ISRAELENSES

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais no Curso de Relações Internacionais da Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba, 11 de Dezembro de 2009.

_____

Relações Internacionais
Universidade Tuiuti do Paraná

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Eugênio Pereira
Universidade Tuiuti do Paraná

Prof. Dr. Marcos Vinícius Pansardi
Universidade Tuiuti do Paraná

Prof. Dr. Mário Sérgio C. Alencastro
Universidade Tuiuti do Paraná

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu melhor amigo e namorado Allan, pois sem o seu suporte minha tarefa teria sido imensamente mais difícil. Agradeço por sua paciência e colaboração incondicionais em todos os sentidos imagináveis ao longo dessa jornada, sem duvidar por um segundo que eu cumpriria minha missão da melhor maneira possível. Essa monografia é para você, meu amor!

AGRADECIMENTOS

É incrível chegar ao final dessa fase da minha vida aonde pude perceber o quanto aprendemos, não somente através dos livros e das pesquisas, mas também pela interação com nossos professores e colegas. Quão maravilhoso é poder observar, dia após dia, semestre após semestre, nossa própria evolução nos temas das Relações Internacionais, ligando situações cotidianas aos grandes eventos da História ou aclamadas teorias aos acontecimentos mundiais hodiernos?

Foi uma maravilhosa jornada de conhecimento e enriquecimento pessoal pela qual agradeço a todos os meus professores por compartilharem, não somente sua sabedoria, mas também suas experiências de vida. Com certeza as levarei em minhas lembranças!

Gostaria de agradecer especialmente ao meu grande professor e guia durante esse último trabalho, Alexsandro Eugênio Pereira, o qual se dedica à arte de ensinar com tanta excelência, sendo merecedor desse reconhecimento. E, sem dúvida alguma, agradecer aos meus colegas e amigos de turma que acreditaram na minha proposta e deram suporte durante minha pesquisa pelo mundo do Hizbullah – Cicero, Thayana e Adriana, só para mencionar os mais próximos.

Finalmente, porém não menos importante, agradeço à minha doce mãe Olivia e meu querido pai Paulo por me ensinarem o caminho para uma vida correta e feliz na qual nossos esforços e perseverança são bem recompensados.

All truth passes through three stages. First, it is ridiculed. Second, it is violently opposed. Third, it is accepted as being self-evident.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de mostrar a importância do Movimento de Resistência Islâmico Hizbullah para as negociações de paz árabe-israelenses, apresentando sua estrutura, seus objetivos e seu papel no Líbano. Através das teorias de Segurança Internacional das Relações Internacionais, diferenciar a "guerra" da "paz do terror", o "terrorismo" da "resistência armada", enfocando na relevância do diálogo com todas as partes envolvidas no conflito árabe-israelense na busca por uma solução justa.

Palavras-chaves: Hizbullah, Segurança Internacional, Relações Internacionais, terrorismo, conflito árabe-israelense.

ABSTRACT

This work has the intent to show the importance of the Islamic Resistance Movement Hizbullah for the Arab-Israeli peace negotiations, presenting its structure, objectives and role in Lebanon. Through the International Relations theories of International Security, distinguish “war” from “terror peace”, “terrorism” from “armed resistance”, focusing on the relevancy of the dialogue with all parties involved in the conflict on the search for a fair solution. Através das teorias de Segurança Internacional das Relações Internacionais, diferenciar a “guerra” da “paz do terror”, o “terrorismo” da “resistência armada”, enfocando na relevância do diálogo com todas as partes envolvidas no conflito árabe-israelense na busca por uma solução justa.

Key words: Hizbullah, International Security, International Relations, terrorism, Arab-Israeli conflict.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: PROPOSTA DA ONU DE PARTILHA DA PALESTINA 30

MAPA 2: PERDA DE TERRAS PALESTINAS ENTRE 1946 E 2000 31

MAPA 3: ÁREA DE OPERAÇÕES DA FINUL (UNIFIL) 35

MAPA 4: CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE (ATUAL) 37

MAPA 5: AS RELIGIÕES NO LÍBANO 41

MAPA 6: ÁREAS DE ATUAÇÃO DO HIZBULLAH 45

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO HIZBULLAH 47

FIGURA 2: SECRETÁRIO-GERAL SAYYED HASSAN NASRALLAH 51

FIGURA 3: VICE-SECRETÁRIO GERAL SHEIKH NAIM QASSEM 51

FIGURA 4: AYATOLLAH IMAM SAYYED RUHOLLAH KHOMEINI 52

FIGURA 5: AYATOLLAH IMAM SAYYED ALI KHAMENEI 52

FIGURA 6: CAMPANHA POLÍTICA DO HIZBULLAH (2009) 66

FIGURA 7: APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS DO HIZBULLAH (2009) 66

FIGURA 8: PARTIDÁRIOS DO HIZBULLAH EM CAMPANHA (2009) 66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 SEGURANÇA INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS 14
2.1 GRUPOS TERRORISTAS X MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIAS 22
2.2 A PROBLEMÁTICA DE DENOMINAÇÕES TERRORISTAS 26
3 A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL E SEUS DESDOBRAMENTOS NO LÍBANO 29
3.1 CRONOLOGIA DOS CONFLITOS ÁRABE-ISRAELENSES 31
3.2 UMA BREVE INTRODUÇÃO AO ISLAM 39
3.2.1 O Islam e suas principais escolas de pensamento 40
3.2.2 O Xiismo: doutrina islâmica do Hizbullah 42
4 O MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ISLÂMICO HIZBULLAH 45
4.1 QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DO HIZBULLAH 53
4.2 DE QUE FORMA O HIZBULLAH ATUA NO LÍBANO? 57
4.3 COMO O HIZBULLAH É VISTO NO LÍBANO? 62
5 A IMPORTÂNCIA DO HIZBULLAH PARA AS NEGOCIAÇÕES DO CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE 67
6. CONCLUSÃO 80
REFERÊNCIAS 84
ANEXOS 91

1 INTRODUÇÃO

Observamos na atualidade uma intensificação da interferência do Ocidente em assuntos internos de países do Oriente Médio. Razões das mais variadas podem ser levadas em consideração para justificar intervenções, sanções e mesmo denominações terroristas desnecessárias.

É crucial uma melhor compreensão acerca dos movimentos de resistência islâmicos e seu papel nacional para os assuntos de segurança internacional. Somente com uma interpretação mais realista de seus objetivos e sua operacionalidade será possível um melhor entendimento dos conflitos recorrentes na região.

Este trabalho pretende apresentar o Movimento de Resistência Islâmico *Hizbullah* (Partido de Deus) e a importância que seu papel representa no Líbano, bem como sua inclusão em negociações internacionais de segurança. Mostrar de que forma este movimento, rotulado como terrorista principalmente pelos Estados Unidos e sua mídia de propaganda americana, tenta focar a atenção internacional para suas atividades de resistência. Como ponto de referência inicial a criação do Estado de Israel e sua influência direta nos conflitos árabe-israelenses.

A proposta é expor o Hizbullah sob a ótica não-ocidental, ou seja, a partir do contexto histórico e dos conflitos na região do ponto de vista do próprio movimento de resistência islâmico. Desta forma evitando atribuir denominações preconceituosas, como grupo terrorista, criminosos ou fundamentalistas islâmicos, termos estes comumente usados pelas mídias ocidentais, e proporcionando uma visão imparcial do conflito árabe-israelense. Além disso, apresentar a religião islâmica e suas principais vertentes a fim de separar a denominação de um indivíduo

como muçulmano da denominação de outro como terrorista ou fundamentalista religioso. [1]

Destacar também a importância dos movimentos de resistência, e por hora exclusivamente o Hizbullah, ser vistos como atores que influenciam nas negociações de paz do conflito árabe-israelense na Palestina.

Finalmente, estimular a reflexão acerca do tema como oportunidade para uma reavaliação do conflito enfrentado pelos palestinos, e com repercussões nos países vizinhos, como no caso do Líbano. Desta maneira, promover a discussão sobre novas formas de abordagem, pacíficas e não intervencionistas, envolvendo nas negociações de paz os atores tidos como dispensáveis pelos grandes centros de poder, caso do Hizbullah, na busca por uma solução justa para a Palestina.

[1] O debate acerca da posição de Israel e seus habitantes em relação à legitimidade do Hizbullah – se reconhecem ou não o movimento de resistência do Líbano – não faz parte deste trabalho, pois o tornaria muito extenso, dificultando a manutenção do foco temático. Porém, a autora reconhece que um grande número de judeus, especialmente os que sempre habitaram a região, também apóiam a atuação do Hizbullah e a causa palestina.

2 SEGURANÇA INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS

A disciplina de Segurança Internacional é imprescindível para a compreensão das relações internacionais, sejam históricas, sejam contemporâneas. Esta temática é, sem dúvida, um dos grandes focos de estudos e debates das Relações Internacionais, uma vez que seu conceito envolve "poder" e "paz", distinguido de forma diferente por realistas e idealistas (RUDZIT, 2005, p. 297).

No período da Guerra Fria, o conceito de segurança internacional abrangia essencialmente o âmbito político-militar (*id.*, 2005, p. 298). Durante este período, três modalidades da estratégia diplomático-militar, denominada por Aron como "paz do terror" [2], eram utilizadas frequentemente na tentativa de convencer ou constranger um Estado inimigo: a dissuasão, a persuasão e a subversão (ARON, 2002).

A dissuasão consiste no uso ou ameaça do uso da força por um Estado para tentar convencer outro Estado a não entrar em conflito. É geralmente utilizada pelas grandes potências, como no caso da Guerra Fria, as quais possuem armas de destruição em massa (*ibid.*, 2002).

A persuasão consiste na mobilização ideológica, tanto no âmbito nacional como no âmbito internacional, da população civil de um Estado, bem como das populações inimigas. É a propaganda utilizada para persuadir as massas a favor, como "justificação política e moral da causa" (âmbito nacional e/ou internacional) ou contra um conflito (âmbito inimigo). Esta técnica utiliza os mais diversos meios disponíveis, como rádio e televisão, assim como panfletos, revistas, músicas e filmes (*ibid.*, 2*002*).

---

[2] A paz do terror é a que reina (ou reinaria) entre unidades políticas que têm (ou teriam) a capacidade de desferir golpes mortais sobre as outras.

A subversão consiste em uma técnica mais profunda e complexa que a anterior, “quando a ação dirigida à derrubada de um poder estabelecido, para substituí-lo, junta-se à propaganda” (*ibid.*, 2002, p. 237). É a intervenção de um Estado em um conflito civil de outro Estado através de ajuda econômica e militar, com a intenção de ganhar confiança no território inimigo. É usada por partidos políticos para retirar um aparelho militar e administrativo do poder (*ibid.*, 2002).

Logo após o término da Guerra Fria, o conceito de segurança internacional passou a abranger especialmente o âmbito político-econômico, quando a despolarização e a descontenção do sistema internacional mudaram o foco das relações internacionais da área militar para novas áreas de interesse (RUDZIT, 2005).

Apesar deste novo enfoque, as técnicas da estratégia diplomático-militar de Aron ainda são frequentemente utilizadas, não apenas pelas grandes potências, mas também por grupos nacionalistas, fundamentalistas, terroristas e movimentos de resistência.

Hodiernamente, o conceito de segurança internacional passou a ser ainda mais dinâmico, devido às novas temáticas, novos focos de preocupação do sistema internacional: economia, meio ambiente, mudanças climáticas, terrorismo e a própria segurança nacional dos Estados (*ibid.*, 2005).

Um dos principais fatores para esta mudança de enfoque das relações internacionais sobre segurança internacional fica por conta do processo de globalização, o qual possibilitou uma expansão e uma abertura nas relações entre os Estados, facilitando-as ou dificultando-as. Esta expansão melhorou a área da comunicação e da tecnologia, porém possibilitou, ao mesmo tempo, maior inserção das idéias ocidentais no Oriente, contribuindo para o aumento do terrorismo.

Além disso, a noção de interdependência entre os Estados e das influências externas sobre o ambiente doméstico dos países também contribuiu para relações mais amigáveis no sistema internacional, mesmo que naturalmente conflituosas.

Esta nova noção de segurança internacional foi alternativamente apresentada por Rafael Villa como "segurança global multidimensional",

> "Global" porque a interdependência e a transnacionalização dos novos fenômenos de segurança permitem ao conceito abranger significados não apenas localizados como também planetários. "Multidimensional" porque não se constitui só de conteúdo estratégico-militar, mas também de outros conteúdos transnacionais, como explosão demográfica, desequilíbrios ecológicos e migrações internacionais, que fazem a segurança internacional ser encarada sob diferentes ângulos. (2001, p. 66).

Mas apesar desta nova conjuntura internacional, mais diplomática e menos propensa à guerra, na qual os conflitos regionais não estão mais sujeitos à intervenção mandatória de uma ou outra potência do mundo bipolar, a "política como relação amigo-inimigo" proposta por Carl Schmitt[3] persiste. Os conflitos ainda são frequentes e passíveis de ganhar maiores proporções, transformando-se em guerras *de facto*.

O conceito de guerra mais conhecido em Segurança Internacional foi definido pelo General Carl Von Clausewitz como a continuação da política por outros meios, ou seja, pelo uso da violência:

> […] War is nothing but a duel on an extensive scale. If we would conceive as a unit the countless number of duels which make up a war, we shall do so best by supposing to ourselves two wrestlers. Each strives by physical force to compel the other to submit to his will: his first object is to throw his adversary, and thus to render him incapable of further resistance. […] Violence, that is to say physical force (for there is no moral force without the conception of states and law), is therefore the *means*; the compulsory

[3] Jurista e filósofo político alemão, citado no verbete "Política" de Norberto Bobbio, o qual definia política a partir da antítese "amigo e inimigo": a distinção política específica na qual ações e motivações políticas podem ser reduzidas é a de amigo e inimigo. Promove uma definição no sentido de critério [...] não derivado de outros critérios [...] a distinção [...] denota o mais alto grau de intensidade de união ou separação, de associação ou dissociação [...] é como "o outro", "o estranho" [...] de forma que em casos extremos são passíveis de conflitos.

> submission of the enemy to our will is the ultimate *object*. *War therefore is an act of violence to compel our opponent to fulfil our will* [4] (1873).

Dentro deste contexto, três definições são importantes para o entendimento dos conflitos internacionais, distinguindo-se assim os tipos de guerras na visão de Aron (2002):

I. Interestatais;

II. Superestatais ou imperiais; e

III. Infraestatais ou infraimperiais.

As guerras interestatais são aquelas que podem ocorrer entre Estados. É também chamada de guerra "perfeita", devido à conhecida noção política que se tem sobre este tipo de conflito, o qual acontece entre unidades políticas que se reconhecem como legítimas. Este tipo de conflito pode se tornar superestatal (ou imperial) quando um dos Estados envolvidos estabelece sua hegemonia sobre seus inimigos (ARON, 2002). A guerra entre o Estado do Líbano e o Estado de Israel em 2006 é um bom exemplo de conflito interestatal.

As guerras superestatais ou imperiais são aquelas que podem ocorrer para formação ou dissolução de um império, bem como "têm por objeto, origem ou conseqüência a eliminação de certos beligerantes" (*ibid.*, 2002). Este tipo de conflito pode "se transformar em *guerra hiperbólica* quando um dos atores ameaça adquirir uma superioridade de forças esmagadoras" (*ibid*, 2002). As guerras napoleônicas foram exemplos de conflitos imperiais.

[4] A guerra nada mais é que um duelo em uma escala extensiva. Se quisermos conceber como uma unidade o número incontável de duelos que compõem uma guerra, vamos fazê-lo melhor, supondo a nós dois lutadores. Cada um esforça-se pela força física para obrigar os outros a apresentar a sua vontade: o primeiro objeto é a lançar seu adversário e, assim, torná-lo incapaz de resistência. Violência, isto é, a força física (pois não há força moral, sem a concepção de estados e de direito), é, portanto, os meios, a apresentação obrigatória do inimigo à nossa vontade é o objeto final. Guerra, portanto, é um ato de violência para compelir nosso oponente a cumprir a nossa vontade.

O último tipo apresentado por Aron corresponde às guerras infraestatais ou infraimperiais, as quais têm o propósito de manter ou decompor uma unidade política, seja esta nacional ou imperial. Observa-se este tipo de conflito com bastante freqüência na atualidade (*ibid.*, 2002).

O conflito entre o movimento de resistência islâmico Hizbullah e o governo do Líbano é um exemplo, pois acontece dentro do território libanês com o intuito de desestabilizar a unidade política estabelecida. Outro exemplo de conflito infraestatal são as chamadas guerras civis, as quais podem evoluir para superestatais (ou imperiais) quando o conflito interno não mais pretende discutir problemas domésticos, mas se propõe a destruir a unidade política (ou império) (*ibid.*, 2002).

Uma outra definição de guerra é proposta por Hedley Bull, o qual parte do pressuposto de que aquela somente pode acontecer entre Estados soberanos, afirmando que

> a guerra é a violência organizada promovida pelas unidades políticas entre si. A violência só é guerra quando exercida em nome de uma unidade política. O que distingue a morte infligida ao inimigo durante a guerra do assassinato é o caráter do testemunho oficial, a responsabilidade simbólica da unidade política em nome da qual atua quem matou. Da mesma forma, a violência exercida em nome de uma unidade política só é guerra se dirigida contra outra unidade política; a violência empregada pelo Estado para executar criminosos e eliminar piratas não se qualifica como tal porque tem por alvo indivíduos. (2002, p. 211).

No moderno sistema de Estados, esta conceitualização só permite legitimar a guerra no sentido estrito de guerra internacional, pois somente os Estados detêm o monopólio legítimo do uso da força (*ibid.*, p. 212).

Dentro deste contexto, Bull explica as funções da guerra nos três âmbitos mundiais relevantes:

I. Estado;

II. Sistema Internacional;

III. Sociedade Internacional.

A perspectiva do Estado entende a guerra como um instrumento, um meio da política para atingir seus objetivos. O autor segue os preceitos de Clausewitz e de Aron e tem prevalecido ao longo da história do Sistema de Estados (*ibid.*, 2002).

A perspectiva do Sistema Internacional entende a guerra como determinante fundamental de sua configuração. A guerra ou apenas sua ameaça vem determinar a sobrevivência ou eliminação de um Estado, seu crescimento ou declínio, mudanças fronteiriças e se há equilíbrio de poder ou preponderância de um Estado sobre os demais (*op. cit.*, 2002).

A última perspectiva sugerida por Bull corresponde ao entendimento da guerra pela Sociedade Internacional, a qual pretende limitá-la e contê-la através do estabelecimento de regras propostas pela própria sociedade de Estados, pois entende a guerra como uma desordem e uma ameaça à sua estabilidade e existência. Além disso, "a guerra é um meio de implementar o Direito Internacional, de preservar o equilíbrio do poder e possivelmente de promover mudanças na lei consideradas, de modo geral, como justas" (*op. cit.*, 2002, p. 215).

A partir destes conceitos é possível uma melhor compreensão acerca da complexidade das relações internacionais e das diferentes visões que os Estados têm nas questões de segurança. A diversidade de natureza dos Estados também dificulta o entendimento entre eles, possibilitando interpretações superficiais ou errôneas que levariam aos conflitos.

O mundo pós-Guerra Fria presenciou um aumento dos conflitos infraestatais e uma diminuição dos conflitos interestatais. Esta mudança ocorreu devido ao sistema internacional ter começado a se relacionar com maior liberdade e maior negociação diplomática entre Estados, frente à nova economia mundial que preconizava a abertura econômica em detrimento das diferenças ideológicas.

De certa forma isto pode ser considerado uma boa evolução para a segurança internacional. Porém, as razões que levam os Estados à guerra permaneceram essencialmente as mesmas.

A primeira motivação para uma guerra, segundo ARON (2002), seria a natureza das unidades políticas e das idéias históricas, ou seja, os objetivos de um Estado estariam relacionados diretamente às suas decisões de adentrar ou não em um conflito. Desta maneira, um Estado com base na Teoria do Realismo e um Estado com base na Teoria Liberal encontram diferentes motivos para guerra.

Joseph Nye já estabelecia razões diversas para os conflitos mundiais nas visões realista e liberal, partindo do pressuposto de que o sistema internacional é anárquico, ou seja, que não há governo superior situado acima dos Estados e que "a força desempenha um papel diferente na política interna e na política internacional" (2002, p. 2).

A Teoria Realista tem como característica o estado de natureza de Thomas Hobbes ("estado de guerra"), no qual a sobrevivência dos indivíduos depende de seus próprios atos. Portanto, os conflitos são motivados pelo medo, pela competição e pela honra. A guerra e o uso da força são meios legítimos utilizados pelo Estado na perspectiva realista para atingir seus objetivos. Logo, este tipo de natureza política prioriza o unilateralismo, a segurança, os ataques preventivos e a superioridade e vitória militar (*ibid.*, p. 3).

A Teoria Liberal, em contraposição, tem como característica o estado de natureza de John Locke, no qual é possível a união entre os indivíduos no estado de natureza e o contrato social teria como propósito eliminar certas inconveniências existentes nesse estado, existindo a possibilidade de conflito, devido à ausência de um árbitro. A racionalidade é o fator principal para evitar conflitos e o uso da força e

a guerra são meios utilizados apenas como últimos recursos de um Estado na perspectiva liberal. Este tipo de natureza política prioriza a interdependência econômica, a cooperação entre os Estados e as relações internacionais diplomáticas para a manutenção de um sistema internacional anárquico, porém harmonioso (*ibid*., p. 3).

A segunda motivação para uma guerra, na visão de Aron (2002), seria a natureza das armas e do aparelho militar, ou seja, os meios que um Estado possui para decidir adentrar em um conflito, sua organização e sua estrutura militar.

Outro fator importante para a análise de Segurança Internacional diz respeito à legalidade das guerras, uma vez que a existência (questionável) de uma sociedade internacional pressupõe um *status quo* de paz e harmonia entre os Estados, preconizando o *Jus in bello* (direito na guerra, limitações) em detrimento ao *Jus ad bellum* (direito à guerra, condições).

Desta forma, o Direito Internacional e suas ramificações atuam na tentativa de regulamentar as ações dos Estados com vistas à segurança mundial e manutenção da moral e dos bons costumes, como as Convenções de Genebra e a Convenção de Haia. Consequentemente, algumas condições se fazem necessárias para que uma guerra seja considerada “justa” pelo sistema internacional.

Bull já alertava para a necessidade de distinção entre uma guerra no sentido “material” e uma guerra no sentido “legal” (2002, p. 212). A guerra no sentido “material” caracteriza-se pela “hostilidade e violência efetivas”, enquanto a guerra no sentido “legal ou normativo” tem efeito de cumprimento de certos critérios legais ou normativos (*ibid*., p. 212). Neste último sentido de guerra encontram-se, por exemplo, as decisões aprovadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas para intervenções humanitárias.

Portanto, o sistema internacional trabalha de forma cooperativa na tentativa de evitar as guerras, tendo o Direito Internacional como forte aliado. Porém, os Estados, individualmente, insistem na manutenção do *Jus ad bellum*, ou seja, do direito à guerra. Logo, a antítese “paz” e “guerra” acaba por dominar e padronizar as relações internacionais de forma contraditória.

A Segurança Internacional, após o atentado ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001, na cidade de Nova York nos Estados Unidos, está voltada ao tema “terrorismo”. Os noticiários internacionais anunciam acontecimentos relacionados à temática diariamente. Os debates científicos e acadêmicos sobre terrorismo também ganharam força e importância. Enfim, o assunto foi inserido no cotidiano mundial.

Logo, surge a problemática das denominações dos grupos e movimentos político-ideológicos de oposição, como terroristas ou não-terroristas. Desta forma, o subcapítulo seguinte se propõe a mostrar as diferenças essenciais entre grupos terroristas e movimentos de resistência, imprescindíveis para a análise proposta por este trabalho.

2.1 GRUPOS TERRORISTAS X MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIAS

Qualquer conflito que envolva grupos ou movimentos político-ideológicos é frequentemente mal compreendido devido à sua complexidade e à divergência de opiniões dos Estados, dos organismos internacionais e dos próprios indivíduos sobre a natureza destes grupos e a legitimidade de ação da parte opositora.

Alguns são classificados como grupos terroristas, outros como movimentos de resistência, mas nem sempre estas denominações condizem com a realidade,

uma vez que a falta de identificação com estas organizações ou a mera falta de conhecimento acerca dos temas acaba levando quase que instantaneamente a rotulações desnecessárias ou parciais.

As novas tecnologias, como a internet, permitiram a utilização da palavra terrorismo cotidianamente de forma “livre” a partir do século XX. A mídia moderna vinculou de maneira promíscua o rótulo de “terrorismo” a uma diversidade de atos violentos e desta forma dificultando o entendimento e a formulação de uma definição verdadeira e apropriada (HOFFMAN, 2006).

Na tentativa de esclarecer as diferenças essenciais entre uma denominação de “terrorista” ou de “resistência” - e sem levar em consideração a natureza dos Estados que influenciam diretamente na escolha de uma dessas opções - este subcapítulo apresenta algumas definições necessárias para uma análise pragmática de organizações contemporâneas, como o Hizbullah.

O termo terrorismo teve sua origem na Revolução Francesa de 1789 devido à fase chamada de “Terror”, entre setembro de 1793 e julho de 1794, na qual houve grande violência e centenas de execuções. Foi usado pela primeira vez em 1798 no Suplemento do Dicionário da Academia Francesa para “caracterizar o extermínio em massa de pessoas de oposição ao regime promovido pela autoridade governamental instituída. Nesse sentido, o Estado é o agente do terror” (SUTTI & RICARDO, 2003, p. 1-3).

Não há uma definição unânime e completa para terrorismo, pois esta se modificou ao longo da história e envolve conceitos complexos, como políticos, ideológicos, militares e religiosos (*id.*, 2003). Entretanto, algumas definições são abrangentes e relevantes.

Uma delas, de acordo com o Dicionário de Termos Militares e Associados do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, entende o terrorismo como “o calculado uso da violência ou da ameaça de sua utilização para inculcar medo, com a intenção de coagir ou intimidar governos ou sociedades, a fim de conseguir objetivos, geralmente políticos, religiosos ou ideológicos” (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS EUA, 2009, p. 550).

Na visão de Bruce Hoffman,

> o terrorismo, no mais amplamente aceito uso contemporâneo do termo, é fundamental e inerentemente político. E está vinculado de forma inextricável ao poder: a busca, a conquista e o uso do poder para conseguir mudança política. O terrorismo é, assim, violência – ou, igualmente importante, ameaça de violência -, usada e direcionada na perseguição de objetivo político ou a seu serviço. (2006, p. 1).

O Governo do Reino Unido, teoricamente mais rígido, define-o como “o uso da ameaça, com o propósito de avançar uma causa política, religiosa ou ideológica, de ação que envolve violência séria contra qualquer pessoa ou propriedade” (WHITTAKER, 2005, p. 18).

Logo, um grupo terrorista é uma forma de organização de indivíduos (civis) que se utilizam da violência para alcançar seus objetivos. Ainda no entendimento americano, um grupo terrorista é “qualquer quantidade de terroristas que se reúnam, tenham estreita relação ou sejam organizados com o propósito de cometer um ato ou atos de violência ou ameaçam utilizá-la para atingir seus objetivos políticos, religiosos ou ideológicos” (*op. cit.*, 2009, p. 550).

Por outro lado, os movimentos de resistência nem sempre se utilizam da violência para promover sua causa porque suas ações de resistência podem ser não-violentas ou pacíficas. Um ótimo exemplo deste tipo de resistência aconteceu sob a liderança de Gandhi para a independência da Índia da colonização inglesa em

1947. Além disso, geralmente pretendem resistir e expulsar forças de ocupação estrangeiras que se encontram em território nacional.

É considerado um movimento de resistência o “esforço organizado por uma parte da população civil de um país para resistir a um governo legalmente estabelecido ou uma força de ocupação e para romper com a ordem e a estabilidade civil” (*op. cit.*, 2009, P. 470).

Assim é possível perceber a diferença entre um grupo terrorista que usa a violência deliberadamente para atingir objetivos diversos pré-estabelecidos e um movimento de resistência que prioriza a integridade territorial nacional e formas não-violentas de luta por uma causa legítima.

Além disso, o terrorista “*nunca* reconhece que é um terrorista e, além do mais, fará o possível para encobrir qualquer inferência ou conexão a respeito”. Desta forma, evitando o uso de uniformes, insígnias e símbolos através dos quais possam ser identificados como parte da organização em questão (HOFFMAN, 2006, p.1).

Finalmente, o terrorismo apresenta cinco características que o distingue de outras formas de violência:

I. Inevitavelmente político em seus objetivos e motivações;
II. Violento – ou, igualmente importante, sua ameaça de violência;
III. Preconizam a repercussão psicológica além das vítimas e alvos;
IV. Conduzido por organização com uma identificável série de comandos e células conspiratórias;
V. Perpetrado por um grupo subnacional ou entidade não-estatal (HOFFMAN, 2006).

Porém, a dificuldade de distinguir uma denominação da outra se agrava na medida em que a resistência recorre à forma violenta de luta pela causa, mesmo

quando a violência é apenas um meio de legítima defesa. A linha que separa a violência gratuita da violência legítima não é clara o bastante para uma distinção eficaz, mesmo porque o próprio Estado também se utiliza da força – se necessário - em suas prerrogativas.

É possível concluir que o uso da violência fora do contexto estatal é frequentemente contestado, devido à falta de sustentação doutrinária da legitimidade dos atores não-estatais e da própria retórica do Estado acerca do monopólio do uso legítimo da força.

2.2 A PROBLEMÁTICA DE DENOMINAÇÕES TERRORISTAS

Os conceitos apresentados no subcapítulo anterior elucidam sobre o problema de rotulação inadequada dos grupos e movimentos organizados, pois possibilitam uma diferenciação clara entre terrorismo e resistência. Percebe-se então que denominações inadequadas, errôneas ou mesmo parciais não contribuem para um real entendimento da realidade destes grupos e muito menos do conflito no qual estão inseridos.

Dentro deste contexto, é importante ressaltar que os objetivos dos grupos e movimentos devem ser levados em consideração para, então, juntamente com o estudo de sua origem, suas características, organização, estrutura e dos acontecimentos nos quais estão envolvidos, denominá-los de forma adequada.

Martha Crenshaw já atentava para a necessidade de análise sob vários aspectos quando se trata do tema terrorismo:

> Both the phenomenon of terrorism and our conceptions of it depend on historical context – political, social, and economic – and on how the groups and individuals who participate in or respond to the actions we call terrorism relate to the world in which they act. [...] Furthermore, terrorism shapes interactions among political actors over long periods of time through a dynamic process in which violence alters the conditions under which it

> initially occurs. Many consequences are unintended, but it is rare that terrorism (or, more frequently, the government's reaction to oppositional terrorism) does not alter political institutions, values, and behavior as well as the functioning of society[5] (2007, p. 3 -6).

A apresentação do movimento de resistência islâmico Hizbullah, no capítulo 4, possibilitará a visualização de como as denominações de "terrorista" pelas grandes nações, como os Estados Unidos, Israel e a Grã-Bretanha, influenciam no propósito último de findar a resistência.

Ao intitular um movimento de resistência como terrorista afasta-se a possibilidade de conhecê-lo mais profundamente, seja através da observação imparcial ou através de uma aproximação. Quanto mais rígido o padrão desta intitulação, menor a possibilidade de negociação entre as partes.

Além disso, o termo é negativo e pejorativo, "que se aplica, em geral, aos inimigos e oponentes ou àqueles com os quais se discorda e que, de preferência, devem ser ignorados" (HOFFMAN, 2006, p.1). E, devido à mínima existência de termos neutros na política - uma vez que sua linguagem interfere nas percepções dos protagonistas e do público -, o efeito é sempre maior em relação ao terrorismo (CRENSHAW, 2007).

Segundo Magnus Ranstorp,

> [...] enquanto o terrorismo [?] do Hezbollah estereotipou no mundo ocidental a imagem dos xiitas libaneses como religiosos fanáticos propensos ao martírio, o papel e os serviços prestados pelo movimento, abrindo e comprando seu caminho nos corações e mentes da comunidade xiita, sobrepujaram de longe as conseqüências de quaisquer constrangimentos morais não-islâmicos impostos pela opinião pública ocidental (RANSTORP, 1997, p. 192-4 *apud* WHITTAKER, 2005, p. 108-9).

[5] O fenômeno do terrorismo e nossas concepções sobre este tema dependem do contexto histórico – político, social e econômico -, e de como os grupos e indivíduos que participam ou respondem às ações que chamamos de terrorismo se identificam com o mundo em que atuam. [...] Ademais, o terrorismo modela as interações entre os atores políticos em longos períodos de tempo através de um processo dinâmico no qual a violência altera as condições sob as quais inicialmente ocorrem. Muitas das conseqüências não são intencionais, mas é raro que o terrorismo (ou, mais frequentemente, a reação governamental ao terrorismo de oposição) não altere as instituições políticas, os valores e o comportamento assim como o funcionamento da sociedade.

O Hizbullah consta na lista de organizações terroristas dos Estados Unidos, Canadá e Austrália, além da inclusão de seu "braço" militar na lista do Reino Unido (ABDEL-LATIF, 2009). Mas, ao contrário do que estas listagens tentam transmitir a respeito do movimento, durante os seus dezessete anos de luta contra Israel "nunca foi estabelecido por nenhuma das partes diretamente envolvidas (incluindo o contingente terrestre das Nações Unidas) que o Partido de Deus tenha perpetrado um único ataque terrorista contra civis israelenses" (HARIK, 2006, p. 2).

Amal Saad-Ghorayeb sintetiza a ótica do Hizbullah acerca da definição "terrorista":

> [...] o partido defende a convicção de que o principal determinante do terrorismo de um ato repousa nas circunstâncias que o envolvem e não na conformidade com definições conceituais. Em linha com essa ética situacional, a crença é de que a violência não pode ser vista em termos absolutos e sim percebida num sentido relativo. A concepção de terrorismo do Hezbollah gira em torno da benignidade ou da maldade de uma causa, sejam os meios empregados convencionais ou não ("terroristas") (SAAD-GHORAYEB, 2002, p. 145-7 *apud* WHITTAKER, 2005, p. 111).

Logo, é importante que as denominações e conceitos sejam pragmáticos e não usados como ferramentas políticas. É imprescindível a observação do contexto social, político e geopolítico do conflito estudado para que resulte em uma análise verídica e que possa realmente influenciar positivamente na prática. Afinal, este distanciamento acaba dificultando uma possível mediação ou mesmo uma solução viável para o conflito.

3 A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL E SEUS DESDOBRAMENTOS NO LÍBANO

O final da I Guerra Mundial teve desdobramentos significantes devido à instituição do "sistema de mandato" [6], instituído também na Palestina, criado pela Liga das Nações e sustentado pelos Estados Unidos, a fim de erradicar o colonialismo e promover independências gradualmente nas regiões de domínios alemão e turco, incluindo-se aqui a região do Oriente Médio (MARGULIES, 1967).

A Palestina, em 1922, era um protetorado britânico, quando o então Secretário do Exterior britânico James Arthur Balfour assinou a Declaração Balfour[7], prometendo aos judeus seus esforços para constituição de um "lar nacional" naquela região (BALFOUR, 1917).

Em 1947, é proposta a partilha da Palestina pela ONU em dois Estados, um judeu e um árabe. O Estado judeu ficaria com 56,5% das terras palestinas, Estado árabe com 42,9% dessas terras e Jerusalém ficaria sob controle internacional, após o final do mandato britânico na Palestina[8]. Portanto, se as negociações fossem finalizadas positivamente, a divisão ocorreria a partir de maio de 1948 (OLIC, 1996).

A proposta de partilha da Palestina não foi aceita pelos árabes, pois visualizavam na divisão, além do estabelecimento dos judeus em uma área maior

---

[6] O Oriente Médio foi partilhado entre as grandes potências européias vencedoras da 1ª Guerra Mundial, Inglaterra e França. O acordo (Mark) Sykes-Picot (Georges) de 1916, confirmado pelo tratado de Sèvres/Lausanne de 1920, concedeu aos franceses o protetorado sobre a Síria e o Líbano, e aos britânicos o Iraque e a Palestina, além do Egito que estava sob seu domínio. Este acordo estabeleceu secretamente as esferas de influência anglo-francesas no Oriente Médio.

[7] A Declaração de Balfour expressava a simpatia britânica pela causa sionista e os futuros esforços para a constituição de um "lar nacional judeu" na Palestina, desde que fossem respeitados os direitos políticos e religiosos da população não judaica da região.

[8] Havia interesse dos Estados Unidos e da URSS em pressionar pela proposta de partilha da Palestina da ONU e criação do Estado de Israel, como forma de enfraquecer a colonização britânica na região da Palestina e do Iraque, assim como os domínios britânicos e franceses na região como um todo.

que a proposta aos árabes, um favorecimento às intenções sionistas de formar a "Grande Israel", pontos considerados injustos pelos árabes.

MAPA 1: PROPOSTA DA ONU DE PARTILHA DA PALESTINA

Fonte: BBC

Mediante a não aceitação da partilha pelos árabes foi criado, logo na seqüência, o Estado de Israel na Palestina. Automaticamente, cinco países árabes se mobilizaram na guerra chamada *Al Nakba* [9] ou "a tragédia" em árabe, Guerra da Independência para os judeus. Egito, Síria, Líbano, Iraque e Jordânia atacam o recém-criado Estado de Israel.

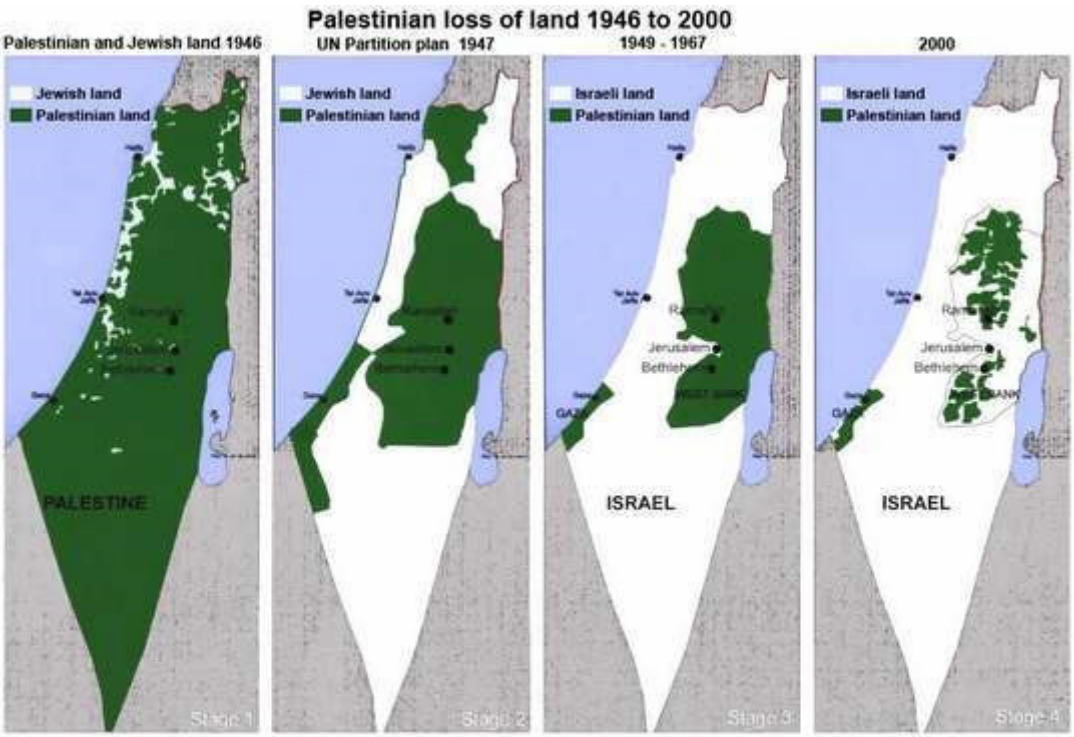
A Guerra Árabe-Israelense de 1948 foi o marco dos conflitos que envolvem a questão Palestina, assim como o início dos conflitos envolvendo o Líbano.

Em 1949, os árabes não só perderam a guerra, mas perderam também, a este ponto, 77,4% do território total da região da Palestina para Israel, restando a

[9] *Al Nakba* é a expressão usada pelos árabes para designar, literalmente, "a tragédia" gerada pela criação do Estado de Israel através da expulsão e saída em massa de milhares de palestinos, o massacre de civis, a destruição de centenas de vilas palestinas.

Cisjordânia e a parte árabe de Jerusalém para a Jordânia, e a Faixa de Gaza para o Egito. Milhares de refugiados árabes fugiram de Israel. Grande parte em direção á Jordânia, mas também à Síria e ao Líbano (SALEM, 1991).

MAPA 2: PERDA DE TERRAS PALESTINAS ENTRE 1946 E 2000



Fonte: Palestine Monitor.org

Neste contexto surge o conflito Israel-Líbano, como um dos desmembramentos da Questão Palestina, uma das razões que levará à formação do movimento de resistência islâmico Hizbullah décadas adiante.

3.1 CRONOLOGIA DOS CONFLITOS ÁRABE-ISRAELENSES

A cronologia dos conflitos árabe-israelenses é extensa e complexa, porém imprescindível para o estudo proposto neste trabalho. Desta forma, será apresentado um resumo dos principais eventos relacionados ao Líbano e ao movimento de resistência islâmico Hizbullah, inseridos no contexto do conflito árabe-israelense.

Em 1948 chega ao fim o mandato britânico na Palestina, e surge a proposta da ONU de partilha do território Palestino em dois Estados: um estado Árabe e um Estado Judeu. Com a rejeição da proposta pelos árabes, o governo provisório judeu de David Ben-Gurion criou o Estado de Israel, reconhecido pelos Estados Unidos e pela União Soviética, iniciando o conflito que persiste até a atualidade.

A Liga Árabe não reconheceu o Estado de Israel e imediatamente ocorre uma grande guerra entre os exércitos árabes do Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque contra forças sionistas de Israel.

Apesar da resolução194(III) [10] da Assembléia geral da ONU, o Estado judeu já ocupava, em 1949, quase 70% do território do mandato palestino britânico. Neste mesmo ano, Israel é aceito como membro da ONU, porém não permite aos refugiados o retorno à “Palestina” e autoriza a entrada em massa de judeus vindos de todas as partes do mundo.

Em 1956 surgem os primeiros movimentos guerrilheiros palestinos: Frente de Libertação da Palestina, e mais tarde a Frente Popular de Libertação da Palestina. Três anos mais tarde, em 1959, Yasser Arafat e Khalil al-Wazin Abujihad formam o Fatah e lançam revista clandestina do partido no Líbano, *Filastinuna.*

A Organização para a libertação da Palestina (OLP) nasce bem mais tarde, em1964, sob presidência de Ahmed Shukeini.

O avanço israelense continuava em ritmo acelerado em 1967, com a Guerra dos Seis Dias, na qual Israel ocupou a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a

[10] A Resolução 194(III) confirmava os direitos de retorno, restituição e compensação aos refugiados palestinos.

Cisjordânia e as Colinas de Golã e manteve o descumprimento da resolução 242 [11] do Conselho de Segurança da ONU.

No ano seguinte, em 1968, houve confronto da resistência palestina e do exército jordaniano contra o exército israelense na Batalha de Al-Karameh para a retirada deste da vila de mesmo nome, no Vale do Rio Jordão. Os palestinos conseguiram expulsar a tropa israelense e, com isso, o Fatah ganha nova dimensão e credibilidade, fato que contribuiu para o aumento do apoio à causa palestina.

Yasser Arafat torna-se presidente da OLP em 1969, mesmo ano da formação da frente Democrática Popular para a Libertação da Palestina, transferindo a credibilidade e a legitimidade conquistadas com o sucesso em Al-Karameh para essa organização.

Os movimentos de libertação tomavam nova dimensão, crescendo e necessitando de maior exposição na mídia para que sua causa se propagasse internacionalmente. E, seguindo esta linha de pensamento, em 1972, o Grupo Setembro Negro[12] realiza um atentado terrorista à Delegação Israelense durante as Olimpíadas de Munique.

Israel respondeu bombardeando campos de refugiados palestinos no Líbano e na Síria, gerando novo confronto no ano seguinte, 1973, entre árabes – Egito e Síria – e judeus, na Guerra do Ramadã.

A partir do reconhecimento da OLP como única organização legítima de representação dos palestinos pela Liga Árabe, em 1971, a causa palestina ganha visibilidade, e Yasser Arafat discursa na Assembléia Geral da ONU. No ano

[11] A Resolução 242 exigia a retirada das tropas israelenses das áreas ocupadas e negociação de fronteiras permanentes, porém referia-se à situação dos palestinos apenas como “problema de refugiados”.

[12] O “Setembro Negro”, grupo denominado terrorista pela maioria dos países do sistema internacional, matou 11 atletas israelenses nesta ocasião.

seguinte, a ONU aprova a resolução 3379, a qual considera o sionismo como forma de racismo.

Em 1975, a situação no Líbano se agravou com o início da guerra civil. Forças palestinas armadas e do movimento Nacional Libanês enfrentavam a Frente Libanesa e, em 1976, também as tropas Sírias que entraram no país a convite do Presidente.

O conflito árabe-israelense tornou-se assunto relevante internacionalmente com a assinatura dos Acordos de Camp David, em 1978, entre os governos do Egito e de Israel, mediado pelo então Presidente americano Jimmy Carter, como conseqüência do reconhecimento do Estado de Israel pelo presidente Egípcio Anuar Sadate no ano anterior. Porém, esta atitude gerou mal-estar entre os países árabes, uma vez que não reconheciam a existência do Estado judeu, deteriorando ainda mais as relações no Oriente Médio.

Neste mesmo ano, Israel invade o Líbano na "Operação Litani", a qual pretendia retirar a OLP do território Libanês, após ataques da organização ao norte de Israel de suas bases no sul do país árabe.

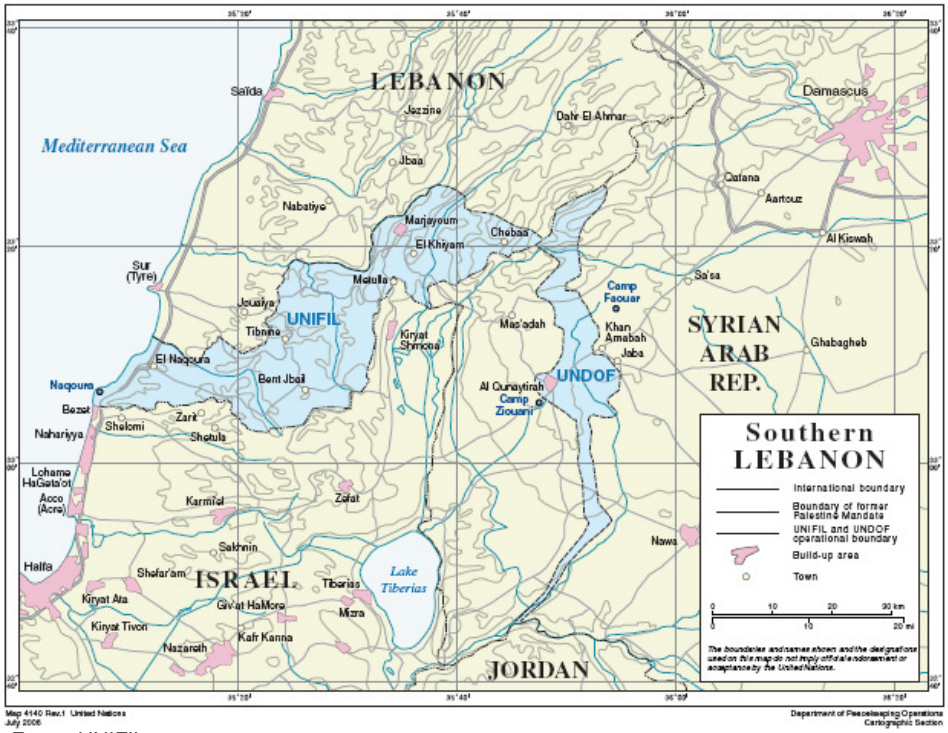
O exército israelense se retira do sul do Líbano, com base na resolução 425[13] do Conselho de Segurança da ONU e a Força Interina das Nações Unidas no Líbano – FINUL – se estabelece na região.

Um evento bastante importante para o contexto do conflito árabe-israelense foi a Revolução Islâmica Iraniana, em 1979, com a deposição do Xá Muhammad Reza Pahlevi e o regresso do *Ayatollah* Xiita Ruhollah Khomeini do exílio como novo líder do Irã.

[13] A resolução 425 pedia a retirada de Israel do território libanês, e o estabelecimento da FINUL, para confirmar a retirada das tropas, restaurar a paz e ajudar o governo libanês a restabelecer a autoridade na área.

Nova resolução do Conselho de Segurança da ONU foi estabelecida (Resolução 446) pedindo o desmantelamento dos assentamentos ilegais em território palestino, incluindo Jerusalém. Mais uma vez Israel ignora as resoluções da ONU e dá seqüência à sua programação de expansão e dominação na região, anexando as Colinas de Golã, em 1981.

MAPA 3: ÁREA DE OPERAÇÕES DA FINUL (UNIFIL)



Fonte: UNIFIL

A emergência do movimento de resistência xiita libanês Hizbullah aconteceu após a invasão israelense de 1982 no Líbano, com a “Operação Paz na Galiléia” que matou aproximadamente 20.000 civis, estabelecendo-se no sul do país, contra as agressões de Israel. Em 16 e 18 de setembro deste mesmo ano também ocorreram os massacres nos campos de refugiados de Sabra e Shatila, matando aproximadamente 2.000 palestinos.

A Liga Árabe oferece reconhecimento implícito do Estado de Israel em troca da retirada israelense de todos os territórios ocupados, desmantelando todos os assentamentos pós-1967, e declaração do Estado da Palestina, com capital em

Jerusalém Oriental. Obviamente, a oferta não foi aceita pelo Estado judeu a esta altura dos acontecimentos.

Alguns anos mais tarde, em 1987, as principais facções do movimento de resistência palestino se unem à OLP. Nasce também o Hamas, formado pelo Xeque Ahmad Yassin do braço da Irmandade Islâmica de Gaza. Neste mesmo período ocorre a chamada "Primeira Intifada"[14] na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém Ocidental.

Frente à situação desesperadora da região ocupada, a Palestina declara independência em 1988, porém não obteve o reconhecimento internacional necessário. Não restavam muitas opções para a Palestina e o próximo passo não seria bem recebido pelos povos árabes: Yasser Arafat reconhece o Estado de Israel.

Após quase quinze anos de guerra civil que devastou o Líbano, é assinado o Acordo Taef[15], em 1989, para reconciliação e unificação do país, além da retirada das tropas israelenses, desarmamento dos movimentos armados, incluindo o Hizbullah, entre outras disposições.

Apesar de certo esforço internacional em negociar uma solução para o conflito árabe-israelense, nem o Acordo Taef, nem a Conferência de Paz para o Oriente Médio em Madri, em 1991, resultaram em ações positivas das partes envolvidas.

Novos acordos foram assinados nos anos consecutivos e seriam de grande valia, caso fossem colocadas em prática as disposições acordadas. Os Acordos de Oslo[16] (1993), os Acordos da Faixa de Gaza e Jericó[17] (1994), e Oslo 2[18] (1995) se

[14] *Intifada* significa levante, na ocasião, contra a Força de Defesa israelense que ocupava a Palestina.
[15] Acordo assinado na cidade de Taef, Arábia Saudita, pelos deputados libaneses, o qual previa a redistribuição interna do poder entre os chefes civis das grandes comunidades religiosas, bem como a retirada das tropas sírias da Planície de Bekaa num prazo de dois anos.
[16] Neste acordo, Israel se comprometia a devolver os territórios ocupados em 1967, em troca de acordo de paz definitivo.

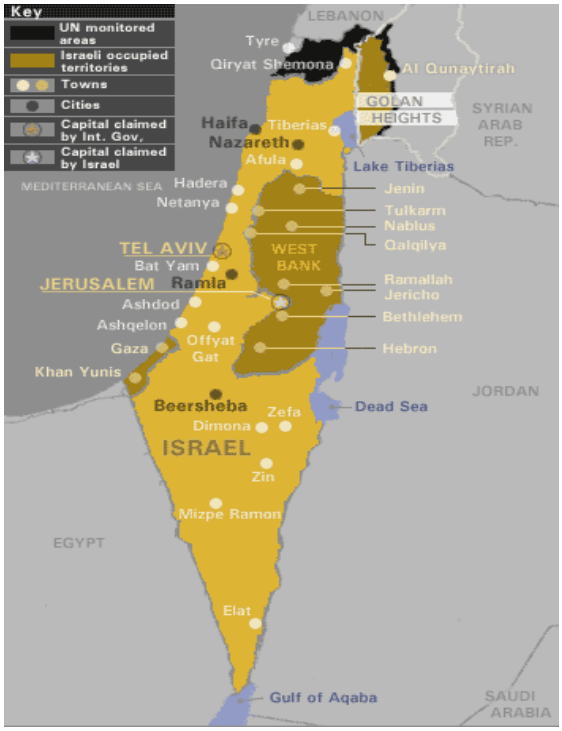
aproximaram de uma solução parcial para os problemas da região. Porém, a sucessão do Primeiro Ministro de Israel Yitzhak Rabin, após sua morte em 1995, por Benjamin Netanyahu dificultou as negociações de paz. Além disso, a postura israelense se tornou mais agressiva e menos propensa a futuros acordos.

No ano seguinte, 1996, a Força de Defesa Israelense (FDI) organiza nova operação militar no Líbano, “Vinhas da Ira”, a fim de conter os bombardeios do Hizbullah ao norte de Israel.

A retirada total das tropas israelenses do sul do Líbano só se efetivou após 22 anos de presença militar naquele território, no ano 2000, mesmo ano em que ocorre a “Segunda Intifada ou Al-Aqsa Intifada” nas áreas ocupadas da Palestina.

Em 2002, Israel inicia a construção do muro na Cisjordânia, separando os seus territórios dos supostos territórios palestinos.

MAPA 4: CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE (ATUAL)



Fonte: Tracking Change.net

[17] Acordo entre o líder palestino Mahmoud Abbas e o Primeiro Ministro israelense Ariel Sharon, o qual estabelecia a autonomia dos palestinos naquelas áreas.
[18] Acordo interino entre Israel e a ANP para cumprimento da segunda parte do “Plano de Autonomia Palestina”

Os eventos mais recentes, a partir de 2005, implicaram diversas tentativas de estabilização da região da Palestina. Entre outros acontecimentos importantes, podem ser citados os mais relevantes para este estudo:

I. Eleições para a presidência da Autoridade Nacional Palestina (ANP), em 2005, vencendo Mahmoud Abbas do Partido Fatah;
II. Assassinato do Primeiro Ministro do Líbano Hafik Hariri, também em 2005, na capital Beirute;
III. Partido Hamas vence as eleições parlamentares de 2006 na Cisjordânia e na Faixa da Gaza, eleito democraticamente como governo da ANP;
IV. Guerra de 2006 entre Israel e o Hizbullah, após o seqüestro de dois soldados israelenses pelo movimento de resistência xiita. Cessar-fogo intermediado pela ONU tem efeito em 14 de Agosto daquele ano;
V. Líder do Hizbullah, Sheikh Hassan Nasrallah, afirma no pós-guerra de 2006 sua cooperação com o governo libanês nas negociações de paz;
VI. Conferência de Anápolis para a paz no Oriente Médio, em 2007;
VII. Novas ofensivas israelenses contra a Faixa de Gaza em 2009.

O contencioso entre os países árabes e o Estado de Israel se mantém até os dias de hoje. Israel continua expandindo sua ocupação nas áreas palestinas. O governo libanês é frequentemente pressionado por Israel para desarmar o Hizbullah, sem sucesso. Apesar das diversas negociações na busca por uma solução viável para o conflito árabe-israelense, uma decisão unânime parece estar bem distante da realidade.

3.2 UMA BREVE INTRODUÇÃO AO ISLAM

Uma breve apresentação do Islam[19] se faz necessária para que este trabalho apresente o resultado a que se propõe. Desta maneira, proporcionando um mínimo de esclarecimento acerca da religião islâmica e suas principais vertentes e maior compreensão da complexidade que envolve o tema e os conflitos no Oriente Médio.

O Islam

> é a mensagem celestial que Deus revelou ao profeta Mohammad Ibn Abdellah (s.a.a.s.) através do anjo Gabriel. É o resumo de todas as mensagens celestiais e tem como base o Alcorão Sagrado. O objetivo desta mensagem é ligar Deus ao ser humano e baseado nisso, ele deverá preencher todos os campos de sua vida. (ISLAM..., 2001).

A palavra Islam, segundo Al-Khazraji, significa obediência, submissão e determinação. Em outras palavras, é a determinação da ordem e advertência do Imperativo, sem objeção (2006, p. 13).

O Islam é uma religião baseada na fé, na determinação e no trabalho, e tem como Mensageiro o Profeta Mohammad (s.a.a.a.s) [20]. Todo fiel que possua verdadeira convicção no deus único, Allah, obediência e devoção ao seu Criador, com base no pensamento e comportamento adotado pelo Islam e que pronunciou os dois testemunhos[21] de fé, é considerado um muçulmano, *Muslim* em Árabe (*ibid.*, p. 13).

---

[19] *Islam* significa Islã, em Árabe, e foi mantida sua grafia original para guardar sua relação com a palavra *muslim*, pois possuem uma mesma raiz consonantal triliteral: “s” (sin), “l” (lam) e “m” (mim).

[20] “s.a.a.a.s” corresponde a “salla allahu a’leihi uá aalihi uá sallam”, em Árabe transliterado, que significa “Deus saudou a ele e à sua purificada família e os abençoou”. Esta sigla é sempre usada quando citado o nome do profeta Mohammad.

[21] Os dois testemunhos: *Ash-hadu na lá illáha illa’ Láh ua ash-hadu anna Mohammadan Rassúlo’ Láh*, em Árabe transliterado. Seu significado em Português: Testemunho que não há outra divindade senão Deus, e testemunho que Mohammad é seu Mensageiro.

São três os elementos fundamentais da Mensagem Islâmica: a crença, os deveres e os sistemas sociais – legislação, e a índole, a polidez, as diretrizes, os esclarecimentos, as idéias sociais e o desenvolvimento humano (*ibid.*, p. 14).

Os regimes islâmicos estão divididos em cinco esferas de influência no comportamento humano: o regime político, o regime econômico, o regime social, o regime judiciário e o regime de militância *Jihad*[22] (*ibid.*, p. 81). Para os muçulmanos devotos não há separação entre a religião e a vida cotidiana, entre a igreja e o Estado, pois é intrínseca à comunidade (em árabe, *Ummah*). Este tipo de comunidade, estabelecida pelo Profeta Mohammad (s.a.a.a.s) entre 622 e 632 D.C., serve como modelo islâmico até os dias de hoje (HARIK, 2006).

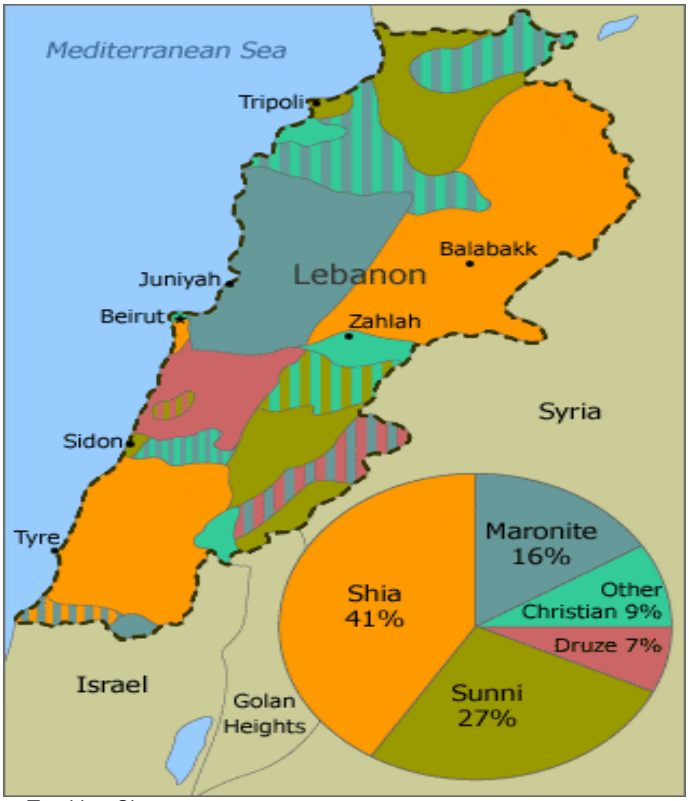
Desta forma, os muçulmanos pretendem viver de acordo com os princípios fundamentais do Islam, os quais regem todas as esferas do comportamento humano, constituindo uma religião completa. Além disso, é necessário lembrar que o Islamismo prega a paz mundial e a boa convivência entre as diversas religiões – Judaísmo e Cristianismo, por exemplo, ao contrário de interpretações errôneas e extremistas do Livro Sagrado, o Alcorão (KHALIL, 2003).

3.2.1 O Islam e suas principais escolas de pensamento

As principais escolas de interpretação doutrinária são cinco: Hanbali, Maliki, Shafii, Hanifi e Já'fari. As quatro primeiras pertencem à tradição sunita e a última à tradição xiita (KHALIL, 2003, p. 103).

[22] *Jihad*, em Árabe, significa esforço e luta. Esta palavra, no Alcorão Sagrado, tem sentido de esforço e luta para manter-se no caminho de Deus. Portanto, entende-se como a luta para afastar-se de todas as tendências negativas que alimentam o ego e desviam os indivíduos do caminho do bem. Logo, é ambígua a interpretação de *Jihad* como "guerra santa" para expansão do islamismo.

MAPA 5: AS RELIGIÕES NO LÍBANO



Fonte: Tracking Change.net

As duas principais divisões do pensamento islâmico são a Xiita e a Sunita, diferenciando-se, basicamente, pela escolha dos líderes espirituais sucessores do Profeta Mohammad (s.a.a.a.s) após sua morte (*id.*, 2003, p. 103).

Segundo Khalil,

> Com respeito aos pontos de vista distintos entre os xiitas e os sunitas, podemos dizer que giram em torno da liderança e suas características para alcançar os objetivos comuns. Para os xiitas, esta liderança recai, por vontade de Deus e expressa designação do Profeta (s.a.a.a.s), sobre os chamados Imames (guias), que são doze, assim como os apóstolos ou as tribos de *Banu Isra'il* (filhos de Israel). Somente os Imames gozam de suficiente capacidade moral e espiritual para liderar a comunidade muçulmana e os homens em geral. São eles que podem manter a excelência profética, a correta interpretação corânica e a garantia do cumprimento do conteúdo da Revelação. [...] O primeiro destes Imames foi Ali bin Abi Talib (a.s)[23], primo e genro do Profeta (s.a.a.a.s).
> Para os sunitas, a liderança após a morte do Profeta (s.a.a.a.s) ficou a critério dos chefes das grandes tribos, que deveriam eleger o sucessor. Logo, cada sucessor fixaria o critério para que se desenvolvesse esta eleição. Até que a dinastia omíada tomou o poder e instituiu a monarquia, cerca de trinta anos após o falecimento do Profeta (s.a.a.a.s). A eleição do *khalifa* (califa), de acordo com esta concepção, já não era incumbência de

[23] A sigla "a.s" corresponde às expressões "a'leihi salam", "aleiha salam" ou "aleihem salam", em Árabe, as quais significam, respectivamente, "a paz esteja com ele", "a paz esteja com ela" ou "a paz esteja com eles". São usadas em anexo aos nomes dos profetas citados em textos.

> Deus, mas algo a dirimir entre os homens com base na sua cota de poder político (2003, p. 103-104).

Entretanto, é necessário lembrar que xiitas e sunitas compartilham o mesmo livro sagrado, o Alcorão, o qual convida todos os muçulmanos a se unirem independentemente de sua escola de pensamento (*ibid.*, p. 103).

3.2.2 O Xiismo: doutrina islâmica do Hizbullah

O xiismo, como foi visto anteriormente, é uma das principais divisões tradições do islamismo. E esta é a doutrina seguida pelo movimento de resistência islâmico Hizbullah. Portanto, este subcapítulo pretende mostrar um pouco mais sobre a doutrina xiita em particular.

A palavra Xiismo ou Xíat significa seguimento, continuidade. Xiitas são os muçulmanos que admitem que a sucessão do Profeta Mohammad (s.a.a.a.s), segundo Al-Tabatabaí, "é transmitida aos seus descendentes proveniente de *Ahel Al-Bait*, isto é, da linhagem de sua filha Fátima Azzahrá (a.s) e seu marido Ali Ben Abi Taleb (a.s).. os quais são os primórdios nos conhecimentos islâmicos" (2006, p. 10).

A dissidência da minoria xiita da maioria sunita aconteceu após a morte do Profeta Mohammad (s.a.a.a.s) e a eleição de seu sucessor, sem consulta prévia aos familiares do Profeta (s.a.a.a.s), supostamente para fins de pacificação dos muçulmanos. Este acontecimento gerou mal-estar da minoria xiita que acreditava na sucessão pela vontade divina, resultando na divisão conhecida (AL-TABATABAÍ, 2006, p. 24).

A maioria xiita é seguidora dos doze Imames, e opositores ao Califado, denominado "xiismo Imamita" ou "xiismo Duodécimo". As ramificações xiitas só

apareceram após os três primeiros Imames – Ali, Al-Hassan e Al-Hussein (a.s), devido a divergências sobre o 4° sucessor. A primeira ramificação de uma minoria xiita foi chamada de *Azzaidíya*, seguida das outras ramificações *Ismailitas* e *Al-Wáquefíya* (*ibid.*, p. 69-70).

No xiismo o décimo - segundo Imam ou autoridade suprema religiosa é considerado o enviado divino do Profeta (s.a.a.a.s) para assumir o papel político-religioso dominante da comunidade (HARIK, 2006).

O xiismo ainda se diferencia na interpretação do Corão, pois não acredita nas divergências de interpretação, considerando seus livros, versículos e todo seu conteúdo, assim como toda a doutrina dos familiares do Profeta (s.a.a.a.s) provenientes de Ahel Al-Bait (a.s), claros e singelos, portanto, estando ao alcance de todos (*ibid.*, p. 107).

A ideologia do Hizbullah tem como base religiosa o xiismo, especificamente o conceito de *Wilayat al-Faqih* ou regra suprema de jurisprudência, uma combinação de autoridade política e religiosa, na qual a base governamental é a *Sharia* (leis islâmicas) e o líder supremo um erudito islâmico. Este conceito foi preconizado pelo *Ayatollah* Khomeini e ainda é seguido por outros líderes do Irã (MOQAWAMA, 2009).

A representação oficial xiita no Líbano foi liderada pelo libanês de origem iraniana, Imam Musa al-Sadr, que estabeleceu no final da década de 1960 o “Higher Shiite Islamic Council” ou Supremo Conselho Islâmico Xiita e foi seu primeiro presidente (HARIK, 2006). Este Conselho inaugurou o “reconhecimento formal da comunidade no âmbito do Estado e buscou seus interesses”. (*ibid.*, p. 22).

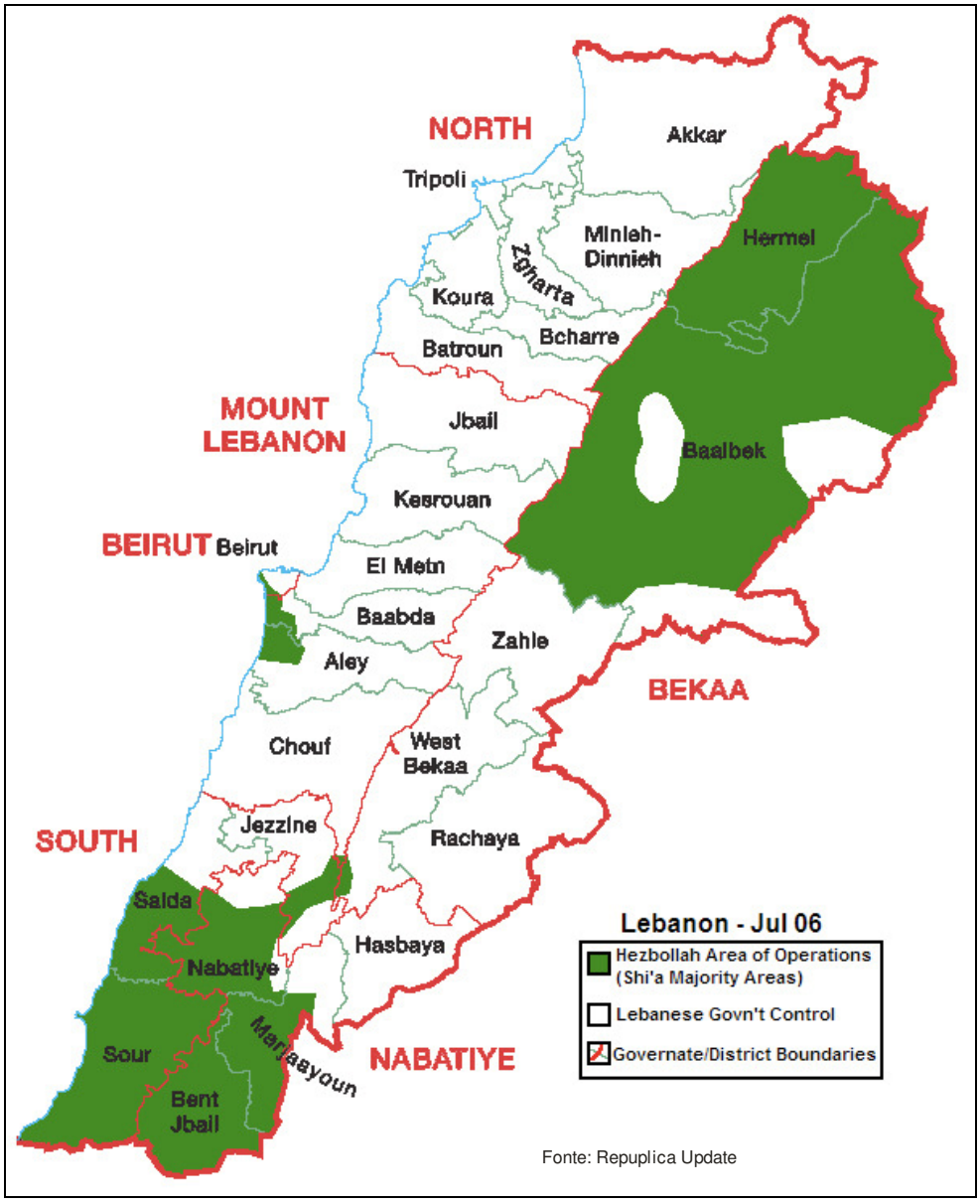
Atualmente, o Imam Ali Khamenei é o líder da comunidade xiita no Irã, assumindo este posto após a morte do Ayatollah Imam Ruhollah Khomeini em 1989.

(MOQAWAMA, 2009). O Hizbullah, como será apresentado no próximo capítulo, é influenciado diretamente pela doutrina xiita e pelo Irã.

4 O MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ISLÂMICO HIZBULLAH

O Hizbullah ou “Partido de Deus” é um movimento de resistência islâmico baseado no Vale do Beeka, estendendo-se aos subúrbios no sul da capital Beirute e ao sul do país. Sua influência islâmica é xiita, tendo no líder supremo do Irã Imam Khomeini, falecido em 1989, a jurisprudência e a inspiração divina que movem o atual partido libanês. Também possui estreita relação com o Irã e com a Síria.

MAPA 6: ÁREAS DE ATUAÇÃO DO HIZBULLAH



A influência síria e iraniana foi uma consequência do próprio interesse desses dois países em expandir suas políticas externas: enquanto a Síria tinha interesse em recuperar as Colinas de Golã e estabelecer permanentemente sua autoridade na esfera libanesa, o Irã tinha aspirações de expandir o islamismo xiita na região e intensificar o combate aos usurpadores das terras árabes – Israel (HARIK, 2006).

Os xiitas fundamentalistas do Líbano representavam a oportunidade de realização das pretensões anti-imperialistas desses dois países. Logo, Síria e Irã, independentemente de suas diferentes orientações estatais - secular e islâmica -, forjaram uma cooperação com o intuito de incitar a luta contra o Estado de Israel. E o Hizbullah pareceu a escolha perfeita para levar adiante essas ambições (*id.*, 2006).

Desta articulação saiu uma divisão de responsabilidades estratégicas: o Irã se encarregou do treinamento e do salário dos militantes – além dos benefícios estendidos às suas famílias e o envio de armas; a Síria se encarregou da logística e da segurança do treinamento dos militantes no Vale do Bekaa, Líbano - além do transporte terrestre das armas até esta região (*id.*, 2006).

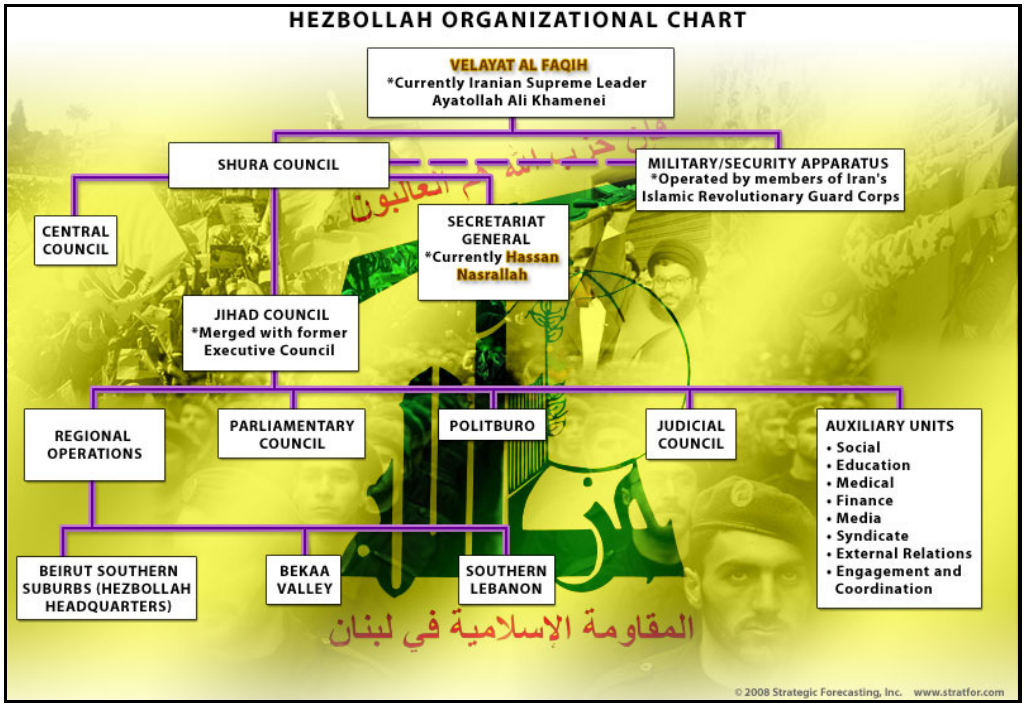
Todo esse suporte e investimento possibilitaram ao Hizbullah uma continuidade em suas atividades e sua transformação ao longo dos anos, ganhando legitimidade. Tornou-se um ator não-governamental de grande importância no Líbano e no contexto do conflito árabe-israelense, principalmente pela ascendência política da Síria nos assuntos domésticos daquele país (*ibid.*, 2006).

Ao longo de dezessete anos de atividades contra Israel, o Hizbullah passou de uma milícia radical clandestina a um moderado e popular partido político possuidor de um “braço” militar. Em meados da década de 1980 estimava-se que o

movimento tivesse 7.000 membros (*ibid.*, 2006). Recentemente esta estimativa aumentou para aproximadamente 200.000 membros (HAMZEH, 2004).

O Hizbullah é hoje uma organização complexa constituída[24] essencialmente por: um "braço" militar, responsável pelas atividades de segurança e de resistência a Israel e demais intervenientes; um "braço" político, responsável pela participação do partido no governo do Líbano e pelas ações sociais na comunidade xiita; além de seu próprio canal de televisão *Al-Manar* ("o forte"), sua própria estação de rádio *Al-Nour* ("a luz"), redes de telecomunicações, escolas, hospitais, entre outras instituições.

FIGURA 1: ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO HIZBULLAH



Desta maneira, o movimento vem ocupando um espaço importante na sociedade libanesa, principalmente entre as populações mais carentes. Grande

[24] A estrutura do Hizbullah foi apresentada de forma simplificada para facilitar seu entendimento. Um esquema de como esta complexa estrutura supostamente é foi elaborado por Ahmad Nizar Hamzeh e apresentado em seu livro *In The Path of Hizbullah*.

parte de seus adeptos são muçulmanos xiitas, mas também se encontram entre os que são a favor do Hizbullah cristãos e outras designações.

Segundo Ranstorp,

> ao mesmo tempo em que a atividade do Hezbollah contribuiu para consolidar a assistência material do Irã ao movimento, seu rápido crescimento de milícia confusa para organização sólida, com força militar impressionante e extenso programa de serviços sociais pra a comunidade xiita, significou que o Partido de Deus posicionou-se como verdadeiro defensor político, ideológico e econômico daquela comunidade, preenchendo o vazio deixado pelas débeis proteção e assistência proporcionadas pelo Governo libanês e por outras milícias. (RANSTORP, 1997, p. 192-4 *apud* WHITTAKER, 2005, p. 108-9).

A formação do Hizbullah, assim como de outros movimentos populares do Oriente Médio, teve diversas motivações. A primeira delas era o descontentamento com a política libanesa que era dominada pelos cristãos, a corrupção e a falta de um novo censo[25] – o censo é a base de instituição do Pacto Nacional[26] - que revelasse a realidade de maiorias e minorias, principalmente, porque os xiitas acreditavam agora fazer parte da maioria do país (HARIK, 2006).

A segunda razão ficava por conta do abandono das comunidades xiitas, em sua maioria da área rural do sul e do Vale do Beeka, pelo governo libanês em contraposição às melhorias oferecidas a outras comunidades (*op. cit.*, 2006).

Outra razão encontrava-se na falta de amparo e compensação financeira do governo libanês aos habitantes daquelas áreas rurais devido às incursões israelenses contra militantes palestinos da OLP, os quais se refugiaram em grande parte no Líbano (*op. cit.*, 2006).

[25] O censo de 1932 serviu de base para a instituição do Pacto Nacional. Porém, nenhum outro censo foi feito desde então, para uma estimativa atual das secções religiosas no Líbano.

[26] Em março de 1943 foi proclamado o Pacto Nacional fixando as regras da representação das diversas comunidades confessionais. As fundações do estado são definidas de forma que o Líbano admite ser um país árabe independente voltado para o Ocidente, mas que coopera de forma neutra com outros países árabes. O presidente deveria ser cristão maronita; o primeiro ministro, um muçulmano sunita e o porta-voz da Câmara dos Deputados, um muçulmano xiita.

Porém, o agravante para o surgimento do Hizbullah foi o desaparecimento do líder da primeira representação formal xiita[27], Imam Moussa Al-Sader, em 1978. Sua "ausência" resultou na perda do contexto islâmico do grupo e de seu desmembramento. (HARIK, 2006).

E foi neste contexto que Hussein al-Mousawi desertou o AMAL e atraiu clérigos fundamentalistas para "estabelecer uma contrapartida islâmica do AMAL ao norte do Beeka com os objetivos anunciados de combater a injustiça e os "infidéis" – os israelenses – no sul do Líbano", da qual emergiu o Hizbullah, em 1982. (*ibid.*, p. 22-23).

A emergência do Hizbullah aconteceu em meio à invasão israelense de 1982 no Líbano - a qual tinha como missão desarmar e retirar a OLP do sul daquele território -, na qual o movimento incorporou aos seus objetivos o apoio aos seus vizinhos palestinos na luta contra o invasor Israel (MOQAWAMA, 2009).

O movimento se consolidou em 1985, um ano após o assassinato de um de seus fundadores, Sheikh Ragheb Harb, ocasião em que anunciaram sua programação ideológica e estratégica no que seria o primeiro manifesto do Hizbullah (RANSTORP, 1997).

Neste manifesto intitulado *An Open Letter: The Hizballah Program* apresentava-se o movimento de resistência apenas como uma comunidade islâmica com um propósito comum:

> […] We are the sons of the umma (Muslim community) - the party of God (Hizb Allah) […] We obey the orders of one leader, wise and just, that of our tutor and faqih (jurist) […] Ruhollah Musawi Khomeini. […] We are an umma linked to the Muslims of the whole world by the solid doctrinal and religious connection of Islam […]As for our culture, it is based on the Holy Koran, the

[27] Em 1974, o Imam Musa Al-Sadr formou aquela que seria a primeira organização política xiita, o "Movimento dos Deserdados" (em árabe, *harakat al-mahrumin*), a qual pedia uma reforma do sistema libanês. Em 1975, como consequência da guerra civil, um braço armado do grupo foi desenvolvido com o apoio da Líbia, o "Battalions of the Lebanese Resistance" ou Batalhões da Resistência Islâmica (em árabe, afwaj al-muqawamat al-lubnaniyya) – AMAL.

> Sunna and the legal rulings of the faqih who is our source of imitation. […] Each of us is a fighting soldier. And when it becomes necessary to carry out the Holy War, each of us takes up his assignment in the fight[28] […]. (1985, p. 1).

O Hizbullah possui um *Majlis al-shura al-karar* (Conselho Executivo Consultivo), segundo mais alto comando do movimento e um *Maktab-al-siyassi* (Politburo) responsável pelas frentes sociais *Jihad al-Binaa* (HARIK, 2006).

O Hizbullah possui uma *Shoura* ou *Majlis al-shura* (Conselho Consultivo) responsável pela escolha da liderança do movimento, a qual é constituída por um Secretário Geral, um Vice-Secretário Geral e cinco membros do Comitê Executivo (*id.*, 2006).

A nova *Shoura* foi recentemente eleita - o anúncio foi feito em 19 de novembro de 2009, e está constituída pelos seguintes membros:

I. Sayyed Hassan Nasrallah – Secretário Geral;
II. Sheikh Naim Qassem – Vice-Secretário Geral;
III. Sheikh Mohammad Yazbek – Presidente da Comissão de Legitimidade;
IV. Sayyed Ibrahim Amin Sayyed – Presidente do Conselho Político;
V. Sayyed Hashem Safieddine – Presidente do Comitê Executivo;
VI. Hajj Hussein Khalil – Assessor Político do Secretário Geral;
VII. Parlamentar Hajj Mohammad Raad – Chefe da Lealdade ao Bloco de Resistência (MOQAWAMA, 2009).

[28] [...] Nós somos os filhos da *Umma* (Comunidade Islâmica) – o partido de Deus (Partido de Deus) [...] Nós obedecemos um único líder, sábio e justo, nosso tutor e *faqih* (jurista) [...] Ruhollah Musawi Khomeini. [...] Nós somos uma Umma ligada aos muçulmanos do mundo todo por uma sólida doutrina e conexões religiosas do Islam [...] Quanto à nossa cultura, é baseada no Corão Sagrado, na Sunna e nas regras do faqih nossa fonte de imitação. [...] Cada um de nós é um soldado em luta. E quando se tornar necessário levar adiante uma Guerra Santa, cada um de nós se encarregará de sua tarefa na luta [...].

FIGURA 2: SECRETÁRIO GERAL SAYYED HASSAN NASRALLAH

Fonte: AFP

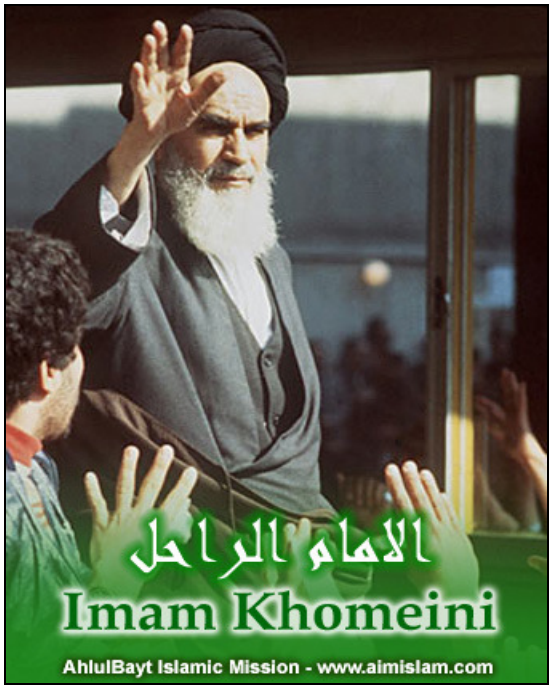
FIGURA 3: VICE-SECRETÁRIO GERAL SHEIKH NAIM QASSEM

Fonte: PSP

A liderança do Hizbullah, ou seja, a sua fonte de consulta islâmica com base na jurisprudência e na interpretação literal do Alcorão é constituída por cinco líderes:

I. Ayatollah Imam Sayyed Ruhollah Khomeini (1902 – 1989);
II. Ayatollah Imam Sayyed Ali Khamenei;
III. Imam Sayyed Moussa al-Sader (desaparecido desde 1978);
IV. Sayyed Abbas al-Mousawi (assassinado em 1992);
V. Sheik Ragheb Harb (assassinado em 1984) (MOQAWAMA, 2009).

FIGURA 4: AYATOLLAH IMAM SAYYED RUHOLLAH KHOMEINI



Além desses cinco líderes, o movimento possui um Secretário Geral, Sayyed Hassan Nasrallah, figura-chave do Hizbullah, responsável pelas atividades de inteligência (segurança) e pela representação tanto do partido (político) quanto da resistência (armada) (MOQAWAMA, 2009).

FIGURA 5: AYATOLLAH IMAM SAYYED ALI KHAMENEI

Fonte: Wikimedia

O Vice-Secretariado Geral é ocupado pelo Sheikh Naim Qassem. Hierarquicamente abaixo das lideranças fundamentais (acima citadas) encontram-se outros membros responsáveis pelas diversas áreas de atuação regionais (MOQAWAMA, 2009).

A evolução do Hizbullah deu-se em grande parte pela excelente atuação e carisma de seu Secretário Geral (Nasrallah), levando a população libanesa a legitimar e dar suporte político ao movimento de resistência possibilitando a ascensão do Partido Hizbullah ao governo libanês. Nasrallah é o líder e a face do Hizbullah e sua visão moderada, aberta ao diálogo e muito mais secular do que outros integrantes da alta hierarquia projetou o movimento nacional e internacionalmente.

Hassan Nasrallah foi eleito ao cargo de Secretário Geral em 1992 e re-eleito em 1995. Sua liderança no movimento é de tal importância que o Líder Supremo Imam Khamenei interveio[29] para tornar possível uma terceira re-eleição em 1998 e uma quarta re-eleição em 2001 (HAMZEH, 2004).

4.1 QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DO HIZBULLAH

O manifesto de 1985, intitulado *An Open Letter - The Hizballah Program*, apresentava sua ideologia e propósito:

> We declare openly and loudly that we are an *umma* which fears God only and is by no means ready to tolerate injustice, aggression and humiliation. America, its Atlantic Pact allies, and the Zionist entity in the holy land of Palestine, attacked us and continue to do so without respite. Their aim is to make us eat dust continually. This is why we are, more and more, in a state of permanent alert in order to repel aggression and defend our religion, our existence, our dignity. They invaded our country, destroyed our villages, slit the throats of our children, violated our sanctuaries and appointed masters

[29] Imam Ali Khamenei utilizou-se de sua suprema liderança como *Wali al-Faqih* (jurista) para permitir as re-eleições de Nasrallah, pois as regras eleitorais do partido não permitem um terceiro mandato. Nasrallah ainda continua como Secretário Geral do Hizbullah em 2009.

> over our people who committed the worst massacres against our umma. They do not cease to give support to these allies of Israel, and do not enable us to decide our future according to our own wishes.[30] (1985, p. 1-2).

A transformação do Hizbullah de milícia clandestina a um partido popular libanês não modificou totalmente os objetivos do movimento de resistência. Ao contrário, sua missão alinhada ao pensamento xiita iraniano se manteve, com exceção da proposta inicial de instituição de uma república islâmica no Líbano (HARIK, 2006).

A mudança com relação ao objetivo inicial do movimento - tornar o Líbano um Estado islâmico gradativamente – ocorreu especialmente porque o ambiente interno nacional não o favorecia. O sectarismo religioso no Líbano, formado por dezesseis sectos reconhecidos, não permitiria que tal ambição fosse alcançada sem gerar intensos conflitos (*id.*, 2006).

Diante dessa situação, os objetivos que permaneceram foram "a luta contra o secularismo, a injustiça e a opressão de muçulmanos por estrangeiros imperialistas liderados pelos Estados Unidos e sua manifestação regional, Israel" (DABASHI, 1993 *apud* HARIK, 2006, p. 16).

A invasão israelense no Líbano em 1982 veio reforçar a missão do emergente Hizbullah de remover as tropas inimigas estabelecidas no território libanês (HARIK, 2006).

Outro objetivo fundamental do movimento é a "expulsão de israelenses de Jerusalém e da Terra Santa e restauração dos direitos da comunidade islâmica

[30] Nós declaramos abertamente e em voz alta que somos uma *Umma* que teme somente a Deus e de forma alguma está pronta para tolerar injustiça, agressão e humilhação. América, seus aliados, e a entidade sionista na terra sagrada da Palestina, nos atacaram e continuam incessantemente. Seu propósito é nos fazer comer pó continuamente. É por isso que estamos, cada vez mais, em estado de alerta a fim de repelir agressão e defender nossa religião, nossa existência, nossa dignidade. Eles invadiram nosso país, destruíram nossa vilas, cortaram as gargantas de nossa crianças, violaram nossos santuários e apontaram líderes para nossa população os quais cometeram os piores massacres contra nossa comunidade. Eles não cessam seu suporte aos aliados de Israel, e nos deixam decidir nosso futuro de acordo com nossas próprias vontades.

como um imperativo sagrado" (KRAMER, 1990, p. 105-30 *apud* HARIK, 2006, p. 16). Assim incorporando o suporte à causa palestina em sua missão.

Muito além dos objetivos citados anteriormente encontram-se em sua atual prerrogativa, mais pragmática e adequada à realidade hodierna, a ascensão política e social do Hizbullah, em parte já conquistada pela sua presença nas eleições de 2009 e de sua coligação com o General Michel Aoun do (partido cristão) Movimento Patriótico Livre.

O Programa Eleitoral do Hizbullah de 1996 enumerava claramente os objetivos do Partido:

I. Resistir à ocupação israelense;
II. Buscar igualdade e estabelecer um Estado justo;
III. Novas políticas econômicas;
IV. Implementar o sistema educacional público e dar suporte aos sindicatos;
V. Implementar o sistema de saúde, os programas sociais assistenciais, bem como promover o respeito à mulher e seu papel na sociedade;
VI. Salvaguardar as liberdades públicas (de religião, de expressão, de participação política, de imprensa, entre outras), respeitando a moral, a ética e os bons costumes;
VII. Implementar as relações internacionais com os países árabes e islâmicos, bem como todos os outros países que compartilhem da visão de não-ingerência americana nos assuntos domésticos. (HIZBULLAH, 1996).

A unificação e pacificação do Líbano também aparecem como ponto forte da política do Partido de Deus. Em um discurso datado de 03 de agosto de 2007, o Secretário Geral do Hizbullah Sayyed Hassan Nasrallah afirmava que o movimento estava pronto para fechar acordo com o governo libanês para a união e coexistência pacífica no país:

> We are looking for real coexistence at a time the US is bringing arms into this region to start up wars. We are looking for unity, cooperation and solidarity because Lebanon cannot be divided. This country cannot rise unless there is cooperation and unity. Let us implement the Taef Accord. Unfortunately, some people don't see anything in this accord except the truce of 1949 with "Israel" and disarming the resistance. We told you that these are arms of a resistance organization, not a militia. We also told you that we agree to discuss the issue of the arms in the framework of a defensive strategy. We do not want to keep our weapons forever. We would be very thankful when a strong state exists with a strong army to protect all of Lebanon. [31][…] (2007, MOQAWAMA).

Em entrevista concedida recentemente ao jornal *Financial Times*, o Vice-Secretário Geral do Hizbullah, Sheikh Naim Qassem, falou sobre o programa eleitoral 2009 do bloco da oposição *March 8*:

> […] For the political programme, of course it will be very important for us to keep Lebanon as an independent sovereign state and to able to have no foreign hegemony from any side. For us, the role of the resistance and the relationship of the resistance with the army and the people [is important] and so is making Lebanon strong enough to stand up and challenge any threat from Israel. These are very important priorities for us. The next part of our programme we call development and here we will be tackling the economic problems and societal problems and the crisis of the country. We will approach this from the point of view that the person is the axis. We will make it our priority to have a balance between the regions in the country. We will make it a priority to fight and limit corruption and we will also have financial and administrative reforms to make sure that the country goes down the right path.[32] (NOW LEBANON, 2009).

---

[31] Nós buscando uma coexistência efetiva em uma época que os Estados Unidos trazem armas a esta região para incitar guerras. Estamos buscando união, cooperação e solidariedade porque o Líbano não pode estar dividido. Esse país não pode crescer a menos que exista cooperação e unidade. Vamos implementar o Acordo Taef. Infelizmente, algumas pessoas não enxergam no acordo algo além da trégua de 1949 com "Israel" e do desarmamento da resistência. Nós dissemos a vocês que estas são armas de uma organização de resistência, não uma milícia. Também dissemos que concordamos em discutir o assunto das armas no âmbito de uma estratégia de defesa. Não queremos manter nossas armas para sempre. Nós ficaríamos agradecidos com o surgimento de um Estado forte com um exército forte para proteger todo o Líbano.

[32] Para o nosso programa político, sem dúvida será muito importante para nós mantermos o Líbano como um Estado soberano independente e capaz de não ter hegemonia estrangeira de nenhum lado.

Há poucos dias o Hizbullah anunciou o fim do congresso do movimento, no qual foram eleitos os novos membros da *Shoura* (Conselho consultivo) e foi também adotado um novo documento político, semelhante ao documento de fundação de 1985 (*The Hizballah Program*), uma atualização de suas prerrogativas.

O novo programa é o resultado das diversas transformações pela qual o movimento vem passando, mas ainda não foi divulgado na mídia.

4.2 DE QUE FORMA O HIZBULLAH ATUA NO LÍBANO?

O Hizbullah, como foi visto anteriormente, tem uma estrutura organizacional complexa e atuante em diversas áreas. Essas frentes – social, educacional, econômica, islâmica, militar, entre outras - são divididas por temáticas fundamentais ao suporte e manutenção do Partido e legitimidade do movimento de resistência no âmbito nacional.

O Hizbullah não realiza somente atividades militares como também conta com a participação civil nas mais diversas instituições pertencentes ao movimento. Dessa forma, o movimento atua diretamente nas áreas e frentes que o Governo libanês negligenciou ou não conseguiu expandir suas iniciativas públicas, especialmente no período da guerra civil e após seu término (HARIK, 2006).

Na área social o Hizbullah conta com instituições assistenciais, escritórios regionais de auxílio na reconstrução do país, serviço de retirada de lixo de *Dahiyeh*, consultas médicas a preços módicos, postos de saúde e hospitais - Complexo Hospital/ Mesquita Al-Rasul al-Azam. Um de seus programas sociais, inicialmente

---

Para nós, o papel da resistência e o relacionamento da resistência com o exército e a população [é importante] e dessa maneira construindo um Líbano forte suficiente para confrontar e desafiar qualquer ameaça de Israel. Essas são importantes prioridades. A próxima parte do nosso programa será de desenvolvimento e aqui nós enfrentaremos os problemas econômicos e sociais e a crise em nosso país. Nós partiremos do princípio de que ao indivíduo é o eixo. Faremos nossa prioridade combater e limitar corrupção e também teremos reformas administrativas e financeiras para ter certeza que nosso país está no caminho certo.

direcionado aos desalojados pelos bombardeios israelenses, estendeu-se oferecendo casas populares gratuitas ao público em geral (HARIK, 2006).

De acordo com a agência de informações e análises humanitárias *IRINNEWS*, afiliada do Escritório da ONU de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), o Hizbullah "opera no mínimo 4 hospitais, 12 clínicas, 12 escolas e 2 centros agrícolas que proporcionam aos fazendeiros assistência técnica e treinamento" (2006, IRINNEWS).

Possivelmente o mais celebrado feito do movimento tenha sido a Campanha de Reconstrução *Jihad al-Binaa*, baseada no modelo iraniano de instituição de caridade e registrada no Governo do Líbano. O financiamento iraniano possibilitou (e ainda possibilita) uma extensa programação social e assistencial nas áreas menos favorecidas, ampliando cada vez mais a atuação político-econômica do Hizbullah no Líbano (HARIK, 2006).

A partir dessa iniciativa os habitantes das áreas xiitas - principalmente em *Dahiyeh* - puderam ter acesso à água potável e eletricidade, através da distribuição de água por caminhões-tanques do Hizbullah, da construção de poços artesianos, geradores e estabilizadores de energia elétrica. A renovação de escolas também fez parte do programa. (*id*., 2006).

A Fundação Iraniana dos Mártires é responsável pelo financiamento das obras assistenciais no Líbano, ligadas ao Hizbullah e é também responsável pelos gastos médicos de seus combatentes feridos e de 70% dos gastos médicos de combatentes feridos civis. Além disso, as unidades médicas aliam modernas instalações com excelente cuidado médico, oferecendo tarifas mínimas pelos serviços prestados e acesso ao público local (HARIK, 2006).

Na área de educação o movimento está envolvido através de suas próprias escolas regulares – com ênfase no ensino religioso islâmico xiita, de suas escolas vocacionais para meninas de famílias ligadas à resistência, iniciativas que oferecem descontos em livros escolares, além do contato direto com universitários simpatizantes da causa (*id.*, 2006).

Outra área de atuação, bastante extensa e importante, abrange os serviços e programas rurais mantidos pelo Hizbullah na região de *Bekaa-Hermel*. Nesta frente é longa a lista de benefícios criados e estendidos aos agricultores, destacando-se os mais relevantes:

I. Cooperativas;
II. Fazenda-modelo de laticínios;
III. Laboratórios agrícolas,
IV. Crédito para agricultores pobres;
V. Maquinário pesado para uso coletivo gratuito;
VI. Planta de processamento e embalagem de tomate;
VII. Consultoria de engenheiros gratuita;
VIII. Sementes e fertilizantes a preços abaixo de mercado;
IX. Distribuição de panfletos sobre o uso dos materiais agrícolas e novos procedimentos;
X. Planos de saúde hospitalar a preços módicos para cobrir possíveis gastos não cobertos pelo Governo (*id.*, 2006).

Na área militar o Hizbullah realiza o recrutamento, doutrinamento e treinamento dos membros da resistência. Esse treinamento pode acontecer tanto em território libanês quanto em território iraniano. Ademais, as famílias dos militantes

recebem salário e assistência social para garantir a estabilidade econômica na ausência de arrimo.

Atribui-se ao “braço” militar dois órgãos: a Resistência Islâmica e a Segurança. O Órgão de Resistência Islâmica é responsável pelo recrutamento e doutrinamento de militantes e combate. Os órgãos de combate dividem-se em quatro seções específicas:

I. Mártires;
II. Comandos ou forças especiais;
III. Lançadores de foguetes e combatentes;
IV. Combatentes regulares (HAMZEH, 2004).

Cada subdivisão do órgão de combate é responsável, respectivamente, pelas operações suicidas (I), técnicas de guerrilha (II), manuseio de diversos tipos de armas (III) - principalmente foguetes do tipo superfície – superfície e superfície – espaço aéreo - e guarda, logística e suporte médico (IV). Estima-se entre 5.000 e 20.000 o número de combatentes ativos. (*id.*, 2004).

O Órgão de Segurança é responsável pelas atividades de inteligência e segurança, interna e externa, estimando-se entre 3.000 e 5.000 os seus membros. Suas atividades são altamente sigilosas, com o intuito de evitar que suas informações caiam em mãos alheias ao movimento.

São duas as subdivisões de segurança:

I. Segurança do Partido;
II. Segurança Externa (*id.*, 2004).

A Segurança do Partido é responsável pelas informações acerca dos militantes do Hizbullah e pela observação da população nacional, a fim de evitar infiltrações rivais e desavenças entre seus membros (*ibid.*, 2004).

A Segurança Externa é responsável pelas atividades de contra inteligência e contatos do partido em países estrangeiros (*ibid.*, 2004).

Esses órgãos de combate estão sob o comando direto do Conselho Consultivo (*Shoura*) e o Departamento de Informações, responsável pelo canal de televisão Al-Manar, pela estação de rádio Al-Nour e pelas publicações ficam sob o comando do Secretário Geral. (HARIK, 2006).

Ainda há outra área de extrema importância na qual o Partido atua e vem se destacando: a política. Desde a década de 1990, mais precisamente em 1992, o Hizbullah participa ativamente no Governo do Líbano, como forma de demonstrar suas intenções de renovação. Sua estratégia eleitoral se favorece das conquistas da resistência e das benfeitorias públicas que oferece à população menos favorecida. (*id.*, 2006).

Porém, Harik adiciona aos dois elementos acima citados, três fatores determinantes para a emergência política do Partido de Deus:

> First, rather astonishingly, the fundamentalist party relied on democratic precepts to counter challenges from its rivals. Second, it adapted strategies and tactics that are traditionally associated with this type of [sectarian] election in Lebanon. And third, it used the election machine that had been finely tuned and polished after the preceding parliamentary elections and developed modern campaign tactics in ways that could not be matched by any single competitor or coalition of rivals.[33] (2006, p. 96).

Em 1992, das 128 cadeiras parlamentares 12 eram do Partido de Deus, caindo para 9 cadeiras no ano de 1996, mas ainda assim constituía o maior bloco

[33] Primeiramente, ainda que impressionante, o partido fundamentalista confiou em preceitos democráticos para conter os desafios de seus rivais. Em segundo lugar, adaptou suas estratégias e táticas tradicionalmente associadas a este tipo [sectário] de eleições no Líbano. E em terceiro lugar, usou a máquina eleitoral que tinha sido bem ajustada e refinada após as precedentes eleições parlamentares e desenvolveu táticas de campanha modernas imbatíveis por qualquer de seus rivais.

independente do legislativo. Nas eleições municipais de 1998 o Partido conseguiu destaque, aproximando-se de seus rivais em números de cadeiras ganhas, provando que estava na direção certa da concorrência eleitoral (HARIK, 2006).

O sectarismo ainda é bastante discutido e interfere nos assuntos políticos de interesse comum e na tentativa de unificação nacional, assim como também reforça o antagonismo entre as bases já estabelecidas no Governo do Líbano e o emergente político Partido de Deus.

Mas a atuação do Hizbullah, como foi vista nesse capítulo, é bastante extensa e complexa, abrangendo aspectos de extrema importância em áreas carentes de assistência governamental e influenciando diretamente na posição política de destaque que o Partido vem ganhando. E por essas mesmas razões o movimento ganhou uma importância ímpar para as negociações de paz árabe-israelenses, o que será discutido no próximo capítulo.

4.3 COMO O HIZBULLAH É VISTO NO LÍBANO?

A transformação do Hizbullah de uma milícia a um partido político de resistência, como foi discutido nos subcapítulos anteriores, consolidou a legitimidade de sua existência e de suas atividades, tanto no Líbano quanto em outros países árabes e islâmicos.

Seu caráter assistencialista proporcionou a aproximação da população ao movimento e, consequentemente, ganhou desta última sua simpatia e admiração. Afinal, nenhum outro grupo fundamentalista libanês conseguiu cobrir social e economicamente tantas áreas e com tanta eficiência. Nem mesmo o próprio Governo teve tal destreza de manter os recursos básicos de subsistência em meio a

tantos conflitos – leiam-se diversas guerras contra Israel, anos de guerra civil, sectarismo e corrupção.

As inúmeras tentativas ocidentais - e aqui os Estados Unidos têm um papel de destaque – de afastar a população libanesa do Hizbullah, colocando-os em sua lista de organizações terroristas e rotulando seus membros de fanáticos, só aumentou a popularidade do Partido e o número de simpatizantes da causa anti-imperialista.

O longo histórico de ingerências e intervenções ocidentais, lideradas especialmente pelos Estados Unidos, já eram por si só uma ótima justificativa para o sucesso do Hizbullah no Líbano. Aliado à turbulenta relação ocidental com os vizinhos Síria e Irã, com suas aspirações hegemônicas na região, o território libanês virou terreno fértil para o movimento expandir suas atividades e massificar sua aprovação, ganhando dimensões não antes previstas pelos seus rivais.

Em outras palavras, o conceito que o ocidente tem do Hizbullah é o inverso do conceito que o Líbano e o Oriente Médio, de forma geral, têm acerca do movimento. Harik reforça que o Hizbullah "é considerado uma força de resistência legítima no mundo árabe e muçulmano" (2006, p. 7).

A entrada do Partido de Deus nas eleições parlamentares, em 1992, foi a prova de fogo de sua legitimidade. Nesta época o movimento ainda não era visto como um partido político e por esta razão sua investida poderia ser frustrada. Porém, não foi (HARIK, 2006).

Segundo Harik,

> Regardless of their sentiments about the post-war power equation or their lingering suspicions about Hezbollah's Islamic plans for Lebanon, a consensus seemed to have formed among the Lebanese by the beginning of

> the 1990s that the Party of God was doing a good job on the battlefield against the Israelis and should continue its operations (2006, p. 48). [34]

Esta virada em relação ao Hizbullah e a aprovação de suas atividades militares não aconteceram ao acaso. Importantes motivações levaram a população a respeitar e a direcionar sua esperança ao Partido:

I. Sentimento de antipatia pelos israelenses frente à destruição causada pelas invasões de 1978 e 1982 e a onerosa ocupação que se manteve em seguida;
II. O movimento era visto como a única solução para a retirada das tropas israelenses, uma vez que o exército libanês estava apenas se reconstituindo e a Síria não poderia, teoricamente[35], se envolver diretamente no conflito;
III. A suspeita de que o real motivo para a "zona de segurança" estabelecida por Israel era a retirada de água da região;
IV. As ameaças[36] às famílias xiitas e cristãs que moravam na "zona de segurança" para que alistassem seus filhos no Exército do Sul do Líbano – o qual ali se encontrava para reforçar a força israelense contra os movimentos de oposição libaneses;
V. Os descontentes com a presença das tropas sírias no território acreditavam que, antes da saída destas, os israelenses evacuariam a

[34] Independentemente de seus sentimentos sobre a equação final do pós-guerra ou de suas inconstantes suspeitas acerca dos planos islâmicos do Hezbollah para o Líbano, parecia ter sido formado um consenso entre os libaneses no início da década de 1990 que o Partido de Deus estava fazendo um bom trabalho no campo de batalha contra os israelenses e que deveria continuar suas operações.
[35] A Síria não poderia se envolver diretamente no conflito Israel-Líbano para que não chamasse a atenção do ocidente para si e fosse condenada internacionalmente por instigar as batalhas na região. Porém, esta relutância não acontecia efetivamente na prática.
[36] As famílias que se contrapunham à ocupação e fossem suspeitas de colaborar com o Hezbollah eram expulsas de suas casas pelos israelenses e só levavam consigo os pertencentes que conseguiam carregar. Este tipo de tratamento a civis é proibido por convenções internacionais, mas estas não eram respeitadas.

região e as atividades da resistência contribuiriam para este acontecimento;

VI. O fracasso do rival AMAL em corresponder às expectativas dos xiitas ao longo dos anos (HARIK, 2006).

Finalmente, um acordo entre o Estado libanês e a resistência harmonizaria a entrada do Hizbullah na arena política. O "entendimento" entre as partes foi mediado pela Síria e "significou de maneira geral que cada ator teria que aceitar a legitimidade do outro, por mais difícil que possa ser ideologicamente ou praticamente" (*ibid.*, p. 48).

Desta maneira, o Hizbullah abriria mão de sua prerrogativa islâmica radical de instituir uma república islâmica no Líbano para atuar de forma moderada, respeitando o secularismo do Estado. Em contrapartida, suas atividades contra Israel seriam oficialmente reconhecidas como resistência nacional (*ibid.*, 2006).

Estava fechado o círculo que possibilitou o reconhecimento do Hizbullah como um partido político de resistência armada, legitimado pela população libanesa e de certa forma também pelo Estado libanês, o que impulsionou seu envolvimento no âmbito político e lhe rendeu visibilidade internacional.

Esta nova dimensão e projeção além-fronteiras do Hizbullah lhe conferiu uma importância jamais prevista nas Relações Internacionais e é exatamente esta realidade que será abordada no próximo capítulo.

FIGURA 6: CAMPANHA POLÍTICA DO HIZBULLAH (2009)

Fonte: AFP/Ramzi Haidar

FIGURA 7: APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS DO HIZBULLAH (2009)

Fonte: Joseph Barrak/AFP/Getty Images

FIGURA 8: PARTIDÁRIOS DO HIZBULLAH EM CAMPANHA (2009)

Fonte: Occident.blogspot.com

5 A IMPORTÂNCIA DO HIZBULLAH PARA AS NEGOCIAÇÕES DO CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE

O capítulo anterior apresentou o movimento de resistência islâmico Hizbullah e sua interação com os diferentes atores libaneses, esclarecendo a sua importância no âmbito nacional. Neste capítulo a ênfase será na importância do movimento no âmbito internacional.

Ao longo desse estudo foi possível perceber que a falta de diálogo e o isolamento dos atores não-governamentais acabam por estender uma situação de conflito ao invés de solucioná-la. Diante desse fato, a busca por uma solução efetiva e justa está diretamente relacionada com a necessidade desses atores (não-governamentais) fazerem parte de discussões e negociações de paz do conflito no qual estão inseridos.

Portanto, é imprescindível o reconhecimento destes atores como peças fundamentais da solução de conflitos. E no caso do conflito árabe-israelense o Hizbullah é uma dessas peças-chaves.

O Hizbullah, como partido político libanês de resistência armada, tem significativa relevância internacional, abrangendo os aspectos social, geopolítico e das relações internacionais.

Em primeiro lugar, porque suas atividades econômico-sociais preenchem um enorme vácuo deixado pelo Estado em áreas populosas e, em grande parte, carentes. Seu papel de empregador, investidor e educador nestas áreas não pode ser negligenciado, uma vez que seus moradores dependem tanto desta assistência quanto da infraestrutura já estabelecida no território libanês.

A continuidade dessas atividades econômico-sociais contribui para o crescimento e desenvolvimento profissional e individual dos habitantes, bem como das próprias regiões do Vale do Bekaa, dos subúrbios ao sul de Beirute e do sul do Líbano – áreas de atividade do Hizbullah e um conseqüente aumento de consciência coletiva e política. Áreas antes dominadas pela pobreza, onde a única opção talvez fosse a associação a grupos extremistas como forma de subsistência, poderão converter-se em pólos de iniciação educacional e profissional, gerando renda, integração e proporcionando melhor qualidade e expectativa de vida.

Dessa maneira, os militantes são transformados em cidadãos que valorizam a integridade física de sua comunidade através da participação política, de reivindicações governamentais pacíficas, abdicando cada vez mais da violência gratuita.

Em segundo lugar, porque o Estado no qual o Hizbullah atua encontra-se em uma região estratégica – o Oriente Médio. Conhecida região, palco de diversos conflitos étnicos e religiosos, além de seus recursos naturais – petróleo e gás natural -, o Líbano encontra-se em meio a um cenário político em constante transformação. E a evolução política do movimento possibilitou uma mudança no cenário libanês, transformando as regiões fronteiriças em áreas muito mais pacíficas e controladas desde 1985 (HARIK, 2006).

As orientações estatais dos países vizinhos são diversas, variando de seculares a teocráticas islâmicas – agravante no estabelecimento de uma ordem harmônica na região. E, no caso do Líbano, a influência da Síria e do Irã sobre o Hizbullah colocava o país sob suspeita de não conseguir controlar seus assuntos domésticos, facilitando a ingerência ocidental – mais especificamente dos Estados Unidos, da Inglaterra e de Israel.

Porém, a atuação cada vez mais moderada do Hizbullah e direcionada à política libanesa – em especial à unificação política entre os sectos religiosos através do diálogo – favoreceu a estabilidade doméstica do Líbano, dando início à união do povo libanês independentemente de sua religião. Este processo propiciou ao país fortalecimento e segurança aos olhos internacionais, reforçando a idéia de que as armas da resistência serão mantidas somente até a construção de um exército nacional capaz de salvaguardar o território libanês.

Hassan Nasrallah enfatiza neste discurso que a discussão acerca das armas da resistência será discutida no âmbito da estratégia de defesa nacional, isto é, nas reuniões para assuntos de interesse nacional – o chamado *National Dialogue Table*:

> […] I declare that, in my meeting with the PM-designate before he was appointed I did say to him we do not want guarantees for the resistance weapons […]. This is something we were clear about, it is a closed issue and behind us now, because we both agreed that the discussion of this subject is on the dialogue table, and this table of dialogue discusses the subject of the arms of the resistance in the context of a national defense strategy. So we are not raising the issue of the arms of the resistance when we meet the PM-designate or any of the other political leaders concerned with the forming of the cabinet one way or another[37] (MOQAWAMA, 2009).

Dessa forma, uma postura mais flexível também por parte dos países ocidentais que enquadram o Hizbullah apenas como organização terrorista facilitaria o diálogo e a negociação dos conflitos pendentes.

Em um recente discurso do Secretário Geral do movimento, dia 17 de julho de 2009, Nasrallah coloca as questões regionais como fundamentais para o Líbano, pois este sofreu diretamente as conseqüências do conflito com Israel, alertando para a necessidade de um Governo forte e pró-ativo:

---

[37] [...] Eu declaro que, na reunião com o Primeiro-Ministro designado antes de sua indicação Eu disse a ele que não queríamos nenhuma garantia para as armas da resistência [...]. É um assunto que esclarecemos, está encerrado e deixado para trás, porque concordamos que este assunto está na rodada de diálogos nacionais, e essa rodada de diálogos discute o tema das armas da resistência no contexto da defesa estratégica nacional. Portanto, não discutiremos o assunto durante a formação do gabinete governamental.

> […] the regional situation and what is being planned for in the region, (the statements of) Netanyahu, Lieberman, the American administration, the new American rhetoric and demands to the Arab countries, the issues of the naturalization of Palestinians, normalization of ties with "Israel", the Judaization Palestine faces on every level, and the threats to transform Palestine into a Jewish state and the threats of the displacement of the 1948-Palestinians. These are all very important issues in the region and Lebanon is a part in this region but Lebanon is even one of the countries affected most by what happens in the region whether we like it or not, even if we put our heads in the sand, Lebanon first and foremost is affected by these events. Based upon the scenario […] we say we want a government of true partnership […] what is most important is to reach a formula which leads to partnership and cooperation, not a partnership of dispute, obstruction, or disruption, but a partnership of cooperation and collaboration.[38] (NASRALLAH, 2009, MOQAWAMA).

Outro fator que reforça a importância do Hizbullah é o não-reconhecimento de Israel pela maioria dos países árabes e islâmicos – com exceção do Egito e da Jordânia[39], legitimando o movimento de resistência no âmbito regional, pois também afirmam que aquele país ocupa terras estrangeiras, violando direitos internacionais, resoluções da ONU e convenções internacionais. E suportam tanto a resistência como a premissa de *land for peace*, ou seja, um acordo de paz em troca da devolução das terras ocupadas pelos israelenses (HARIK, 2006).

Neste contexto, as posições ocidentais radicais e inflexíveis somente dificultam as tentativas de negociar um acordo de paz entre árabes e israelenses, uma vez que reconhecem a ocupação militar de Israel como legítima e desprezam a legitimidade da resistência de combater essas ocupações.

Em terceiro lugar, a importância do Hizbullah também está ligada ao aprimoramento das relações internacionais, tanto entre os países do próprio Oriente

---

[38] […] a situação regional e o que está sendo planejado para a região, (o discurso de) Netanyahu, Lieberman, da administração americana, a nova retórica americana e demandas aos países árabes, os problemas de naturalização de Palestinos, normalização das relações com “Israel”, a judaização que a Palestina enfrenta em todos os níveis, e as ameaças de transformar a Palestine em um Estado Judeu e as ameaças de deslocamento dos Palestinos de 1948. Todas essas questões são muito importantes na região e o Líbano é parte dessa região, mas o Líbano é mesmo um dos países mais afetados pelos acontecimentos da região, gostemos ou não, mesmo se colocarmos nossas cabeças na areia, o Líbano é o primeiro é ser afetado por esses eventos. Baseado nesse cenário [...] nós afirmamos querer um governo de parceria verdadeira [...] o que é mais importante é buscar uma fórmula que leve à parceria e à cooperação, não uma parceria de disputa, obstrução, ou desordem, mas uma parceria de cooperação e colaboração.

[39] O Egito reconheceu o Estado de Israel em 1979, como parte dos Acordos de Camp David e a Jordânia em 1994, com o Acordo de Paz Jordânia-Israel.

Médio como entre o oriente e o ocidente, na medida em que a estabilização e a unificação do Líbano poderão contribuir para a extensão dos entendimentos entre as facções dos países vizinhos.

Uma vez que a unificação do Líbano se consolide, o país conhecido pelo sectarismo conflituoso servirá de exemplo para que os países vizinhos também promovam políticas similares. É necessário que esse modelo se inicie no Oriente Médio para que se espalhe e acomode confortavelmente religiões e culturas com Estados modernos e mais democráticos. E o Hizbullah, pelo seu caráter transfronteiriço, pode divulgar – e já o faz através de seus discursos - essa necessidade.

Além disso, a estreita relação entre Síria e Líbano, e mais especificamente com relação ao Hizbullah, reforçam a afirmação de que o movimento está diretamente envolvido na questão árabe-israelense. As razões que sustentam essa afirmação perduram desde a década de 1990:

I. A Síria tem interesse na manutenção da resistência com vistas a manter viva a questão da ocupação israelense – neste caso das Colinas de Golã;
II. A Síria – em conjunto com outros países[40] e especialmente o Líbano – não só legitima o movimento de resistência como o defende publicamente das acusações meramente terroristas dos Estados Unidos e de Israel a fim de manter a prerrogativa das negociações de

[40] A OPI (OIC em Inglês) – Organização dos Países Islâmicos, representante de aproximadamente 1.2 bilhões de muçulmanos do mundo todo, declarou em 2002 que toda e qualquer tentativa de ligar o Islam ao terrorismo ou contradições acerca dos direitos das populações – em especial da Palestina e do Líbano – de legitimar a defesa e a resistência contra a ocupação israelense serão rejeitadas.

paz de *land for peace*[41], princípio instituído também pelos Estados Unidos e seus aliados;

III. A Síria suporta a causa palestina de retomada de suas terras ocupadas por Israel, defendendo supostas atividades do Hizbullah naqueles territórios como resistência;

IV. A Síria tem ligações de oportunidade com o Irã, assistindo-o nas operações de fornecimento de armamento para as resistências locais na tentativa de equilibrar os meios utilizados por palestinos e israelenses – pois esses últimos recebem armamento de ponta dos Estados Unidos.

Dessa forma, o Hizbullah está ligado a terceiros países e também a um território ocupado e empenha-se para que haja um retrocesso dessa situação, fato que poderá ter início a partir do reconhecimento americano dos crimes cometidos por Israel – como já tem sido declarado por diversos países do Sistema Internacional e também pela ONU.

A Resolução A/HRC/RES/S-9/1 da Assembléia Geral das Nações Unidas, de 12 de janeiro de 2009, condenou Israel pelas graves violações dos Direitos Humanos dos palestinos, pelo não cumprimento da 4ª Convenção de Genebra sobre a Proteção de Civis em Tempo de Guerra, em relação aos territórios ocupados da Palestina, incluindo Jerusalém Oriental. Reconheceu o bloqueio imposto na Faixa de Gaza, incluindo a travessia de fronteira e corte de suprimentos, como combustível, alimentos e remédios, além da destruição de infraestrutura, de patrimônios culturais, propriedades públicas e privadas. (UNISPAL, 2009).

[41] O princípio de “terra pela paz” foi um entendimento no qual Israel, França, Estados Unidos, Síria, Líbano e Hizbullah indicaram o status de resistência do movimento, em abril de 1996.

Essa resolução foi aprovada por 33 votos a favor, 1 voto contra do Canadá e 13 abstenções – entre as abstenções encontra-se o Reino Unido, reforçando a idéia de que os Estados Unidos e seus aliados fecham os olhos para o terrorismo israelense.

Ademais, o Estado libanês tem uma tradicional ligação com o ocidente e a participação do Partido de Deus no Governo demonstra flexibilidade e maturidade, assim como a possibilidade de novas evoluções das duas partes (Governo libanês e Partido de Deus).

A transformação do Hizbullah em partido político já começou a dar bons frutos nas eleições de 2009. Após a divulgação do resultado - o qual favoreceu o bloco do Governo *March14*, a oposição aceitou o resultado e participou das reuniões para formação do gabinete governamental. E apesar de certa demora nesse processo, devido ao sistema tripartide do Líbano, a formação foi concluída sem maiores episódios controversos entre as partes – indicando uma suposta evolução sem precedentes.

No mesmo discurso pós-eleições, Nasrallah destaca o clima de aceitação geral do resultado e o entendimento entre as facções do novo Governo libanês:

> […] after the elections on June the 7th, all of us in the country accepted the results of the elections, be it the Parliamentary, popular or political results […] and the country entered into a period of stability a period of waiting. The opposition's acceptance of the results enabled a climate of stability and waiting to prevail, it also helped us enjoy the existing positive atmospheres. The reaction of the main parties in the 'March 14' majority to these results also enabled stability to prevail, so both sides contributed to creating these positive stable atmospheres which have spread throughout the country. As a result we saw convergence in the country, with meetings taking place, good meetings took place between us and many important factions, we also saw religious meetings, popular and party getting together, we saw meetings occur between different factions which had good and positive repercussions, and without sounding exaggerated, I can say it helped to a very large extent

> address the treatment of the internal tension and divisions that exited in the previous phase in this country [42] (MOQAWAMA, 2009).

Entretanto, apesar de sua transformação política, de seu sucesso contra as agressões israelenses e no serviço à comunidade xiita, ainda encontra resistência do ocidente em aceitar sua importância no contexto das negociações do conflito árabe-israelense, levando em conta apenas as prerrogativas de Israel. (HARIK, 2006).

Um fator bastante relevante para o reconhecimento do Hizbullah como movimento de resistência legítimo e engajado na proposta de paz entre árabes e israelenses é a postura, muito mais defensiva do que agressiva, na fronteira ao norte de Israel, que vem sendo utilizada desde a retirada israelense da quase totalidade do território do sul libanês no ano de 2000.

A retirada total das tropas israelenses do território libanês é parte das obrigações das Resoluções 425 e 427 (1978) do Conselho de Segurança da ONU, mesmas resoluções que criaram a FINUL – Força Interina das Nações Unidas no Líbano para garantir seu cumprimento e mais tarde implementadas pela Resolução 1701 (2006)[43] para monitorar a cessação das hostilidades ao longo da linha azul[44].

Em inúmeras ocasiões foram e ainda são reportadas violações do espaço aéreo libanês, situações que reforçam o caráter defensivo do Hizbullah e denunciam provocações por parte do Estado de Israel. Logo após os eventos de 11 de

---

[42] […] após as eleições de 7 de julho, todos nós no país aceitamos seus resultados, seja esses parlamentares, populares ou políticos [...] e o país entrou em um período de estabilidade, um período de espera. A aceitação dos resultados pela oposição possibilitou um clima de estabilidade e espera prevalecente, o que nos ajudou a aproveitar essa atmosfera positiva existente. A reação dos principais partidos na maioria da coligação 'March14' também possibilitou estabilidade, então os dois lados contribuíram para criar essa atmosfera positiva e estável que se espalhou pelo país. Como resultado observamos convergência no país, com reuniões acontecendo, boas reuniões aconteceram entre nós e outras importantes facções, também reuniões religiosas, populares e partidárias, reuniões entre diferentes facções e com boas e positivas repercussões, e sem soar exagerado, eu posso dizer que ajudou em larga escala o tratamento das tensões e divisões internas observadas na fase anterior nesse país.

[43] Esta resolução foi aprovada após a guerra de2006 entre Israel e o Hizbullah.

[44] A linha azul é uma demarcação do território libanês no qual a FINUL se encontra em missão de paz.

Setembro de 2001, ocasião em o Presidente dos Estados Unidos George Bush declarou sua "guerra contra o terrorismo", um oficial da FINUL reportou violações israelenses.

> The day began with 12 Israeli violations of Lebanese airspace which included sonic booms over Beirut and the northern capital, Tripoli. Hizbullah anti-aircraft guns opened up each time the plans flew over the border, however the over-flights continued with impunity throughout the day. Towards the end of the afternoon, however, Hizbullah began firing anti-tank missiles at the Israeli outpost at Rousat al-Alam, in the Sheeba area, and sent it up in flames. The Israelis returned fire but no casualties were reported [45] (L'ORIENT-LE JOUR, 2001 p. 2 *apud* HARIK, 2006, p. 183).

O fato de Israel não respeitar as resoluções da ONU não é estranho na história do conflito árabe-israelense. Oficiais e estrategistas israelenses também compartilham dessa visão. Quase uma década antes do relatório da ONU (citado em parte no parágrafo anterior), em 1992, o General israelense Shlomo Gazit, ex-Comandante de Inteligência Militar, afirmou que o conflito naquela época foi iniciado pela violação das regras tácitas[46] estabelecidas entre Israel e o Hizbullah:

> Hizbullah did observe the 'rules of the game' for a long period. They refrained from selling Israeli territory and from infiltration. They limited their operations to the 'Security Zone'. It was our retaliation for their skilful strikes at our soldiers *inside the zone* [my emphasis; a reference to the deaths of five soldiers by roadside explosives], that made them escalate the fighting. We [first] bombed and shelled many targets in Lebanon, including some far to the north. Only then did Hizbullah retaliate by shelling some Israeli locations – with no casualties [47] (SHALAK, 1992, p. 17-8 *apud* HARIK, 2006, p. 183).

---

[45] O dia começou com 12 violações israelenses no espaço aéreo libanês incluindo explosões sônicas sobre Beirute e a capital norte, Trípoli. Armas antiaéreas do Hizbullah abriram fogo cada vez que os aviões sobrevoaram após a fronteira, entretanto o exercício continuou impune ao longo do dia. Próximo ao fim da tarde, entretanto, o Hizbullah começou a atirar mísseis antitanque no posto militar em Rousat al-Alam, na área de Sheeba, e incendiou-o. Os israelenses revidaram, mas nenhuma casualidade foi reportada.

[46] As regras tácitas estabelecidas permitiam somente ataques a alvos militares dentro da "zona de segurança"

[47] O Hizbullah respeitou as 'regras do jogo' for um longo período. Absteram-se de adentrar o território israelense e de infiltrações. Limitaram suas operações à 'Zona de Segurança'. Foi a nossa retaliação pelos ataques precisos aos nossos soldados *dentro da zona* [minha ênfase; uma referência aos cinco soldados israelenses mortos por explosivos no acostamento da estrada], que os fizeram intensificar a luta. Nós [primeiro] bombardeamos e atiramos em diversos alvos no Líbano, incluindo alguns bem ao norte. Apenas após esses acontecimentos o Hizbullah retaliou atirando em alguns locais israelenses – sem casualidades.

Logo, a postura defensiva e o cumprimento de regras por parte da resistência ao longo dos anos demonstram também a preocupação pelo estabelecimento da paz na região – principalmente no Líbano – e seu papel de colaborador na cessação das hostilidades demandadas pela ONU.

As ações do movimento são rechaçadas enquanto Israel tem passe livre para atuar com a aprovação das grandes potências ocidentais. Esta postura em nada tem contribuído para estreitar os laços entre as partes ou entre as nações do sistema internacional. Ao contrário, observa-se atualmente um elevado nível de revolta da sociedade civil e de alguns Estados contra a parceria Estados Unidos – Israel.

Nasrallah continua seu discurso citando este antagonismo, em uma referência à situação de árabes – homens, mulheres e jovens – presos nas cadeias de Israel:

> The whole world sympathized with "Israel's" military assault on Lebanon in July 2006 for 33 days, in which it destroyed and killed people in the thousands, wounded many others, and displaced more than one million human beings, yet the G8, the industrial nations, the Security Council and the whole world sympathized with "Israel", why? Again, when the Palestinian resistance captured Gilad Shalit ("Israeli" Occupation soldier), "Israel" then further tightened the siege on one and a half million people in Gaza, again everyone in the whole world expressed understanding instead of pressuring "Israel" to lift the siege! […] This is how the world is behaving, "Israel" is a racist state, a state which was invented, placed in the heart of our region, its position is adopted and respected by the whole world, and the whole world sympathizes with its brutality and crimes that killed thousands for the sake of one soldier but we as an Umma the whole world does not respect us at a time where thousands not only of our people and youngsters, but our women, Arab women are in "Israeli" jails!! [48] (MOQAWAMA, 2009).

[48] O mundo inteiro simpatizou com o ataque militar de “Israel” no Líbano em julho de 2006 por 33 dias, no qual destruiu e matou milhares de pessoas, feriu muitas outras, e desalojou mais de um milhão de seres humanos, e mesmo assim o G8, as nações industriais, o Conselho de Segurança e o mundo todo simpatizou com “Israel”, por quê? Mais uma vez, quando a resistência Palestina capturou Gilad Shalit (soldado da ocupação “israelense”), “Israel” então reforçou o cerco a um milhão e meio de pessoas em Gaza, novamente todos expressaram entendimento ao invés de pressionar “Israel” a retirar o cerco! [...] É assim que o mundo está se comportando, “Israel” é um Estado racista, um Estado inventado, instalado no coração de nossa região, sua posição é adotada e respeitada pelo mundo, e o mundo todo simpatiza com sua brutalidade e crimes que mataram milhares por um soldado, mas nós como uma Comunidade, não somos respeitados pelo mundo em um momento

O Hizbullah, além de colaborar para a unificação do Líbano, também abraça a causa de unificação dos povos árabes e do povo palestino. A postura anti-Israel não se limita ao território libanês, mas se estende à Palestina e aos demais territórios ocupados. Porém, seus líderes afirmam que sua agenda é voltada apenas para o Líbano.

> Hizbullah concerned itself with its homeland Lebanon, and affirmed to all not to have any branches in any Arab or Islamic countries, even if the name used elsewhere was Hizbullah. If you hear of Hizbullah in this or that country, it would be a different version of the existing one in Lebanon, why? Because we do not have exclusivity of rights over the culture we carry, it is not ours alone and anyone in the world can carry it. We have not needed or found a reasonable logical justification for the idea of an international Hizbullah[49] (QASSEM, 2009, MOQAWAMA).

As declarações do movimento pedem pela unidade da comunidade islâmica (*Ummah*) na luta contra a injustiça, a opressão, a desigualdade e o preconceito étnico ou religioso.

> Here I wish to address the representatives of Arab countries and the Arab peoples to remind them of their responsibility: […] to uphold some of the needed bases, for Palestine and its liberation from the usurper enemy to be our priority.[…] to prevent any sectarian sedition regardless of its wrapping or title.[…] The search for the people's role in revival, in the assumption of their real and practical responsibilities, and not to slacken in pursuing and upholding our basic causes.[…] to seek our common denominators and reduce our differences. We must seek to resolve all these issues and seek to end any issues between movements and regimes, among Arab countries and between Arab countries and Iran, and instead focus our attention on the single enemy called "Israel" [50] (QASSEM, 2009, MOQAWAMA).

---

aonde milhares, não somente de nossa população e jovens, mas nossas mulheres, mulheres árabes se encontram em prisões “israelenses”!!

[49] O Hizbullah se preocupa com seu país Líbano, e afirmou não ter qualquer célula em outros países árabes ou islâmicos, mesmo que seu nome tenha sido usado em outro lugar. Se você escutar sobre o Hizbullah neste ou naquele país, seria uma versão diferente da existente no Líbano, por quê? Porque não temos exclusividade de direitos sobre a cultura que levamos, não é somente nossa e qualquer pessoa no mundo pode adotá-la. Não precisamos ou encontramos uma razão lógica que justifique a idéia de um Hizbullah internacional

[50] Aqui eu desejo discursar aos representantes dos países árabes e as populações árabes para lembrá-los de sua responsabilidade: [...] continuar com as bases necessárias, para que a Palestina e sua libertação do inimigo usurpador seja nossa prioridade. [...] prevenir qualquer desordem sectária não importando seu título. [...] A busca pelo papel da população no renascimento, assumindo sua real e prática responsabilidade, e não relaxar na busca e no suporte às nossas causas básicas. [...] procurar nossos denominadores comuns e reduzir nossas diferenças. Devemos procurar solucionar todas essas questões e acabar com os problemas entre os movimentos e regimes, entre os países árabes e entre os países árabes e o Irã, e focar nossas atenções no único inimigo chamado “Israel”.

Essa chamada à interação e união entre os países árabes também contribui para um processo de paz na região, reduzindo as divergências entre países que lutam por uma mesma causa e deixando de lado interesses nacionais em prol de uma causa humanista internacional que vem se estendendo por décadas. Assim, os antagonismos que interferem diretamente nas negociações ficarão apenas entre as visões ocidentais e orientais.

Logo, reafirma-se a sua importância e alerta para a necessidade de diálogo e cooperação entre todas as partes envolvidas no conflito árabe-israelense para uma paz efetiva, pois o papel do Hizbullah para esse não pode ser desconsiderado. E se a retórica ocidental é realmente resolver esta questão no Oriente Médio, tanto Israel quanto os Estados Unidos – ou qualquer outro país com pretensões de mediar o conflito -, deverão reconhecer seus atores *a priori*.

Essa flexibilização da postura ocidental resultaria em novas estratégias de aproximação e negociação com o Líbano sobre os assuntos relacionados ao Hizbullah e a estabilidade da região. Além do mais, é importante conhecer a opinião das populações locais em questão, já que sofrem diretamente as conseqüências do conflito e conhecem profundamente a situação.

Nicholas Noe, analista político do jornal britânico *Guardian*, alertava no início de 2009 para esta necessidade com a entrada do novo Presidente americano Barak Obama:

> The deeper problem, though, lies in the overall approach […] If a sincere engagement with Hamas and Hezbollah is politically impossible […] should at least start by unshackling one debilitating aspect of US policy […] and spend some time listening to those average people who support the groups we say we will not deal with. […] listen to the residents of Gaza […] spend some time in the southern suburbs of Beirut, too, if your portfolio permits, listening to people who are not members of Hezbollah, but who can articulate a compelling set of reasons why they support the party's de facto and de jure status as a resistance group in Lebanon. Both Hamas and Hezbollah would be hard-pressed to prevent you from making such visits, given their oft-stated attitudes on the importance of change in US policy, as well as their open calls to deal directly and fairly with the region's people. […]

> it certainly stands a better chance of demonstrating some of the humbleness that Obama has said is a founding principle for resolving conflict, in contrast to the Bush administration's practice of ignoring and aggressively isolating whole peoples and movements [51] (LISTEN UP, 2009).

Até o presente momento a política externa americana do novo Governo para o Oriente Médio permanece bastante próxima das iniciativas do Governo passado, sem nuances de uma reformulação vindoura.

Finalmente, é possível afirmar que o Hizbullah não pode ser desconsiderado e é importante para o processo de paz no Oriente Médio pela dimensão histórica que vem atingindo, econômica, social e politicamente, nunca antes atingida por um movimento fundamentalista local e pelo imenso e crescente suporte popular que o Partido de resistência armada possui na região.

[51] O maior problema, entretanto, se encontra na aproximação em si [...] se um sincero engajamento com Hamas e Hezbollah é politicamente impossível [...] deveria pelo menos iniciar se libertando de algum aspecto debilitante da política externa dos EUA [...] e gastar mais tempo escutando a população que apóia esses grupos com os quais não negociamos. [...] escutar os residentes de Gaza [...] gastar um tempo nos subúrbios de Beirute também, se o portifólio permitir, escutando as pessoas que não são membros do Hezbollah, mas que podem compor um quadro de razões pelo qual apóiam o Hezbollah e seu status real e jurídico como grupo de resistência no Líbano. Ambos Hamas e Hezbollah não apoiariam essas visitas, dado sua frequente afirmação acerca da importância de uma mudança na política externa dos EUA, bem como suas chamadas para negociação direta e justa com a população da região. [...] certamente tem uma chance maior de demonstrar alguma humildade que Obama tem dito ser o princípio-base nas resoluções de conflitos, em contraste à prática da administração Bush de ignorar e agressivamente isolar populações inteiras e movimentos.

6. CONCLUSÃO

As Relações Internacionais hodiernas estão bastante avançadas e complexas devido ao processo de globalização que vem se expandindo no Sistema Internacional. Novos processos de integração entre os Estados vêm acontecendo rapidamente, seja por motivos políticos, econômicos ou por novas motivações, como a proteção ao meio ambiente e terrorismo.

Problemas transnacionais necessitam de iniciativas conjuntas dos Estados, atuando em várias frentes na busca por uma solução comum. Essa interdependência é vista tanto de forma positiva como de forma negativa, pois os assuntos internos acabam influenciando os externos e vice-versa.

A temática de Segurança Internacional é atualmente umas das mais debatidas exatamente porque liga o ambiente internacional ao ambiente nacional. E o terrorismo, após o atentado ao World Trade Center em Nova York, Estados Unidos, é a razão para a imensidão de estudos nessa área.

O terrorismo não é um novo fenômeno trazido pela globalização, mas sim intensificado e expandido por essa última. As novas tecnologias, a agilidade na transferência de informações, o fácil acesso a toda uma estrutura moderna disponível (como celulares, computadores, armas, aviões, entre outros) possibilitaram também a evolução das práticas terroristas, transformando o tema em assunto cotidiano.

Essa massificação do assunto nos mais variados formatos de mídia – jornais, telejornais, revistas, web sites, blogs – ocasionou o que poderia ser chamado de “efeito contrário”, uma vez que a oportunidade de entender melhor o terrorismo deu lugar a uma enorme quantidade de informações incorretas ou mesmo

falsas. Além disso, o uso indiscriminado do termo “terrorismo” e “terrorista” fez com que seu real significado fosse ignorado.

Ao longo desse trabalho foi possível entender que o terrorismo é uma prática violenta usada para provocar terror em favor de interesses políticos ou particulares, seja essa praticada por um Estado ou por civis. Prática essa de caráter ilegal, distinguindo-se da resistência que possui caráter legítimo, descrito pela 4ª Convenção de Genebra – reguladora das situações de conflito. É nesse contexto que o Movimento de Resistência Islâmico Hizbullah foi apresentado e discutido ao longo dos presentes capítulos.

A partir da criação do Estado de Israel, em 1947, o Oriente Médio passou por inúmeros conflitos e alguns guerras significativas que aumentaram a instabilidade da região, contribuindo para o aumento da violência. Porém, essa violência chegou especialmente por parte do novo Estado e de suas pretensões expansionistas.

O Oriente Médio, antes de maioria muçulmana, passou a abrigar números cada vez maiores de judeus, concentrados em Israel e desapropriando as terras antes palestinas. Desse momento em diante, muçulmanos passaram a defender suas posses e seu direito de permanecer em uma região livre de frequentes agressões e humilhações, dando vida aos movimentos e organizações de resistência. O Islam passou de uma religião que prega a paz a uma potencial ameaça internacional e os muçulmanos chamados pejorativamente de “terroristas”.

A formação do Hizbullah, em 1982, foi uma resposta à invasão israelense na tentativa de conter a ocupação israelense do território libanês e a adoção da causa palestina foi praticamente imediata. Ao longo dos anos passou de uma milícia desorganizada a um partido político de resistência armada, legitimo pelo Estado

libanês, por Estados árabes e islâmicos e também pelas populações da região, em especial os xiitas. O movimento tem base islâmica xiita e o suporte da Síria e do Irã, tendo esse último um papel preponderante no financiamento de suas atividades.

Sua importância para a região foi aumentando à medida que o movimento foi se re-estruturando politicamente. O vácuo deixado pelo Governo libanês foi a oportunidade para o movimento estabelecer programas de assistência social e econômica nas regiões carentes do Vale do Bekaa, do sul de Beirute e do sul do Líbano – áreas predominantemente rurais e xiitas.

O Hizbullah mantém escolas, clínicas, hospitais, canal de televisão, estação de rádio, cooperativas agrícolas, programas educacionais e de reconstrução, incluindo um programa de casas populares gratuitas para desalojados das guerras com Israel e estendido à população carente em geral, mencionando apenas alguns exemplos entre muitos outros estudados nesse trabalho.

O “braço” militar do movimento é atualmente imponente, porém sua postura bastante moderada e voltada à resistência defensiva na região da fronteira sul com Israel. Abertos ao diálogo entre as facções, colocam as armas da resistência a serviço da integridade do território libanês.

O “braço” político do movimento trabalha pela unificação do Governo do Líbano – devido aos conflitos passados de seu sistema governamental tripartide - e pela convivência pacífica entre xiitas, sunitas, cristãos e outras denominações, a fim de proporcionar maior igualdade social ao povo libanês.

Porém, a visão positiva e legítima que a maioria dos países do Oriente Médio tem do Hizbullah não é compartilhada pelo ocidente. Com uma postura bastante inflexível, o ocidente – principalmente os Estados Unidos – se nega a

reconhecer o papel efetivo do movimento no Líbano e como ator fundamental na região, rotulando-o de “terrorista”.

Essa rigidez ocidental sobre a atuação do Hizbullah espelha a falta de maleabilidade necessária para uma mediação eficaz do conflito árabe-israelense. Atitudes inflexíveis não resultarão em concessões dos países árabes, mas pelo contrário, continuarão a influenciar negativamente as propostas de negociação entre as partes antagônicas. Dessa forma, estendendo os conflitos entre árabes e israelenses.

A falta de uma teoria de Relações Internacionais que defina e dê suporte ao conflito árabe-israelense também contribui para a nebulosidade e dificuldade nas discussões acerca do tema. O conflito em questão não é uma guerra declarada, tampouco é um conflito infraestatal ou uma guerra civil. As teorias existentes explicam apenas partes de uma complexa situação que tem o Hizbullah como um dos atores.

Porém, é imprescindível analisar o conflito e identificar quem são as peças fundamentais que levarão a uma solução viável. Mais ainda, observar de perto e descobrir o que esses povos - e não os Estados representados por poucos – consideram como legal, como legítimo. E a partir dessa premissa tentar uma aproximação.

Os argumentos apresentados ao longo desse trabalho permitem concluir que o Hizbullah é um ator fundamental para a questão árabe-israelense, pois atende às expectativas sociais, econômicas e políticas da região. Ademais, a população libanesa sofre conseqüências diretas do conflito tanto quanto seu território. Portanto, deve ser considerado como ator relevante para o avanço de futuras negociações envolvendo todas as partes diretamente ligadas ao conflito árabe-israelense.

REFERÊNCIAS

ABBAS descarta independência unilateral para os palestinos. O Estadão. P. irreg. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,abbas-descarta-independencia-unilateral-para-os-palestinos,127671,0.htm. Acesso em: 10 Maio 2009.

ABDEL-LATIF, Omayma. *Who is courting whom?* Al-Ahram Weekly, Issue No. 939, March 19-25, 2009. Disponível em: http://carnegieendowment.org/publications/index.cfm?fa=view&id=22892. Acesso em: 18 Out. 2009.

AL-AQSA Intifada. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/3677206.stm. Acesso em: 13 Maio 2009.

AL-KHAZRAJI, Sheikh Taleb Hussein. *O que é o Islam*. 2. ed., v. XI. São Paulo: Centro Islâmico no Brasil, 2006. (Da Orientação do Islam)

AL-NAKBA. Disponível em: www.alnakba.org. Acesso em: 30 Maio 2009.

AL-TABATABAÍ, Assayed Mohammad Hussein. *O Xiismo no Islam*. 2. ed. São Paulo: Embaixada da República Islâmica do Irã no Brasil, 2006. 294 p.

ALVAREZ, Ricardo. *A Formação do Estado de Israel*. Disponível em: http://geografiaeconjuntura.sites.uol.com.br/orientemedio/oriente08.htm. Acesso em: 1° Maio 2009.

AN OPEN Letter: The Hizballah Program, 1985. Disponível em: http://www.ict.org.il/Articles/Hiz_letter.htm. Acesso em: 26 Out. 2009.

APRESENTAÇÃO dos candidatos do Hizbullah. Disponível em: http://www.nowlebanon.com/NewsArchiveDetails.aspx?ID=96445. Acesso em: 15 Jun. 2009.

ARON, Raymond. Dialética da Paz e da Guerra. In: *Paz e guerra entre as nações*. Prefácio de Antônio Paim; Trad. Sérgio Bath. 1. ed. 4 v. Brasília: UNB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002. p. 219-246 (Clássicos IPRI).

AYATOLLAH Imam Sayyed Ali Khamenei. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0b/Grand_Ayatollah_Ali_Khamenei,.jpg. Acesso em: 15 Set. 2009.

AYATOLLAH Imam Sayyed Ruhollah Khomeini. Disponível em: http://aimislam.com/images/khomeini.jpg. Acesso em: 15 Set. 2009.

BAR'EL, Zvi. *Israel's threats to Lebanon only boost Hezbollah*. Disponível em: http://www.haaretz.com/hasen/spages/1106626.html. Acesso em: 11 Ago. 2009.

BRENER, Jayme. *Ferida Aberta: o Oriente Médio e a nova ordem mundial*. São Paulo: Atual, 1993. (História Viva)

BULL, Hedley. A Guerra e a Ordem Internacional. In: *A Sociedade Anárquica*. Prefácio de Williams Gonçalves; Trad. Sérgio Bath. 1 ed. 5 v. Brasília: UNB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002. XXVIII. p. 211-228 (Clássicos IPRI).

CAMPANHA política do Hizbullah. Disponível em: http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=4976. Acesso em: 10 Set. 2009.

CLAUSEWITZ, General Carl Von. What is War? In: *On War – On the Nature of War*. Translation by Colonel J.J. Graham. London: N. Trübner, 1873. Disponível em: http://www.clausewitz.com/readings/OnWar1873/TOC.htm. Acesso em: 18 Out. 2009.

CORM, Georges. *Crise libanesa num contexto regional turbulento*. Le Monde Diplomatique Brasil. Edição digital de abril, 2005. Disponível em: http://diplo.uol.com.br/2005-04,a1092. Acesso em: 16 Maio 2009.

CRENSHAW, Martha. Thoughts on Relating Terrorism to Historical Context. In: *Terrorism in Context.* 614 p. Pennsylvania: Penn State University Press, 2007. Disponível em: http://books.google.com/books?id=9nFyZaZGthgC&dq=Martha+Crenshaw&printsec=frontcover&source=an&hl=en&ei=8tnxSpy6HY2kuAeJ1bkw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CBQQ6AEwBA#v=onepage&q=&f=false. Acesso em: 24 Out. 2009.

CRONOLOGIA dos conflitos entre israelenses e palestinos. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u402571.shtml. Acesso em: 02 Jun. 2009.

CRONOLOGIA dos conflitos no Oriente Médio. Disponível em: http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2008/12/28/cronologia-da-crise-no-oriente-medio-587717129.asp. Acesso em: 12 Jun. 2009.

EURONEWS. Michel Aoun: “O Hezbollah não é Terrorista”. Disponível em: http://pt.euronews.net/2009/03/27/michel-aoun-o-hezbollah-nao-e-terrorista/. Acesso em: 20Jun2009.

FALCÃO, Rodrigo. *Oriente e Ocidente: a terra dos vivos, a terra dos mortos*. (tese) Disponível em: http://www.unieuro.edu.br/downloads_2005/hegemonia_01_oriente_e_ocidente.pdf. Acesso em: 30 Maio 2009.

HAMZEH, Ahmad Nizar. *In the Path of Hizbullah*. New York: Syracuse University Press, 2004. 218 p.

HARIK, Judith Palmer. *Hezbollah – The Changing Face of Terrorism*. 3. ed. New York: I.B. Tauris, 2006. 241 p.

HEZBOLLAH'S Organizational Chart. Disponível em: http://web.stratfor.com/images/middleeast/art/Hezbollah_Organization_Chart_800.jpg . Acesso em: 20 Jun. 2009.

HEZBOLLAH – Special Series 2. Disponível em: http://www.stratfor.com/theme/hezbollah. Acesso em: 15 Ago. 2009.

HIZBULLAH. Disponível em: http://reut-institute.org/en/Publication.aspx?PublicationId=695. Acesso em: 13 Jul. 2009.

HIZBULLAH ends its general congress and approves a new political document. Disponível em: http://english.moqawama.org/essaydetails.php?eid=9567&cid=214. Acesso em: 19 Nov. 2009.

HIZBULLAH'S 1996 Electoral Program. Disponível em: http://almashriq.hiof.no/lebanon/300/320/324/324.2/hizballah/hizballah-platform.html. Acesso em: 20 Set. 2009.

HIZBULLAH'S new political manifesto 2009. Disponível em: http://english.moqawama.org/essaydetails.php?eid=9632&cid=214. Acesso em: 30 Nov. 2009.

HOFFMAN, Bruce. Defining Terrorism. In: *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2006. 388 p. Disponível em: http://books.google.com/books?id=O6QTfAkk22AC&printsec=frontcover&dq=author+bruce+hoffman&source=gbs_book_other_versions_r&cad=5#v=onepage&q=author%20bruce%20hoffman&f=false. Acesso em: 30 Out. 2009.

ISLAM. Disponível em: http://www.arresala.org.br/text.php?op=5. Acesso em: 15 Maio 2009.

ISRAEL Ministry of Foreign Affairs. Israel-Jordan Peace Treaty. Disponível em: http://www.mfa.gov.il/MFA/Peace+Process/Guide+to+the+Peace+Process/Israel-Jordan+Peace+Treaty.htm. Acesso em: 30 Out. 2009.

KHALIL, Muhammad Jaafar; NASSER FILHO, Omar. *Um Diálogo sobre o Islamismo*. Curitiba: Criar, 2003. 167p.

LAMB, Franklin. *Why is Hezbollah on the terrorist list? And who isn't but should be?* Disponível em: http://www.counterpunch.org/lamb04062007.html. Acesso em: 20 Set. 2009.

LÍBANO Independente – História. Disponível em: http://www.libano.org.br/olibano_hist_secxx.html. Acesso em: 16 Maio 2009.

LOVE, Major James B. Monograph – Hezbollah: A Charitable Revolution. U.S. Army, 2008. 109 p. Disponível em: http://handle.dtic.mil/100.2/ADA499513. Acesso em: 02 Nov. 2009.

MAPA da Palestina. Disponível em: http://www.palestinemonitor.org/spip/IMG/jpg/palestinian-loss-of-land.jpg. Acesso em: 20 Jun. 2009.

MAPA das áreas de atuação do Hizbullah. Disponível em: http://www.republicaupdate.comimageshezbollah.jpg. Acesso em: 15 Set. 2009.

MAPA das religiões no Líbano. Disponível em: http://www-tc.pbs.org/wnet/wideangle/shows/lebanon/images/handbook_map1.gif. Acesso em: 03 Nov. 2009.

MAPA do conflito árabe-israelense atual. Disponível em: http://www-tc.pbs.org/newshour/bb/middle_east/conflict/images/israel_map.gif. Acesso em: 15 Maio 2009.

MARGULIES, Marcos. Os Árabes e a Palestina. In: *Israel - Origem de uma crise*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967. 81 p. (Série Mundos em Conflito)

MIDDLE East in Crisis: Timeline of Recent Events. Disponível em: http://www.cbc.ca/news/background/middleeast-crisis/index.html. Acesso em: 15 Maio 2009.

MOQAWAMA - Islamic Resistance in Lebanon - Leaders. Disponível em: http://english.moqawama.org/index.php. Acesso: 20 Maio 2008.

MOQAWAMA - Islamic Resistance in Lebanon - Secretary General. Disponível em: http://english.moqawama.org/index.php. Acesso: 20 Maio 2008.

MOQAWAMA - Islamic Resistance in Lebanon. Sayyed Hassan Nasrallah: A Short Biography. http://english.moqawama.org/essaydetails.php?eid=5523&cid=227. Acesso em: 21 Maio 2009.

NASRALLAH, Sayyed Hassan. *In Operation Al-Redwan Memory: We Don't Want Guarantees from Anyone Regarding Arms*. Disponível em: http://english.moqawama.org/essaydetails.php?eid=8829&cid=231. Acesso em: 30 Jul. 2009.

NASRALLAH, Sayyed Hassan. *We Accept Official Results, Let's Start Build*. Disponível em: http://english.moqawama.org/essaydetails.php?eid=8598&cid=231. Acesso em: 22 Jul. 2009.

NOE, Nicholas. *Listen up, George*. Disponível em: http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2009/jan/28/middle-east-george-mitchell. Acesso em: 24 Nov. 2009.

NORTON, Richard Augustus. *Hezbollah: A Short History*. 2. ed. United States: Princeton University Press, 2009. 199 p.

NOW Lebanon. Sayyed Hussein: Parties may agree through Dialogue to Integrate Hezbollah's Arms. Disponível em:

http://www.nowlebanon.com/NewsArchiveDetails.aspx?ID=126465. Acesso em: 15 Nov. 2009.

NYE JUNIOR, Joseph S. Existe uma Lógica Duradoura de Conflito na Política Mundial? In: *Compreender os Conflitos Internacionais: Uma Introdução à Teoria e à História*. 1. ed. Lisboa: Gradiva, 2002. 304 p.

OLIC, Nelson Bacic. *Oriente Médio: uma região de conflitos*. São Paulo: Moderna, 1991. (Coleção Polêmica)

ONU abre tribunal para julgar suspeitos por morte de Hariri. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,onu-abre-tribunal-para-julgar-suspeitos-por-morte-de-hariri,331652,0.htm. Acesso em: 20 Maio 2009.

ONU: Plano de partilha da Palestina. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/2001/meast_maps/images/2.gif. Acesso em: 13 Maio 2009.

OTV Special Interview Marks Historic Understanding. Disponível em: http://www.moqavemat.ir/?lang=en&state=showbody_news&row_id=25080&key=hamad. Acesso em: 15 Maio 2009.

PALESTINIANS turn out for historic vote. Disponível em: http://www.cnn.com/WORLD/9601/palestine_elex/. Acesso em: 10 Maio 2009.

PARTIDÁRIOS do Hizbullah em campanha. Disponível em: http://occident.blogspot.com/2009/06/lebanons-hizbullah-in-iran-rumor.html. Acesso em: 03 Nov. 2009.

POLÍTICA. In: *Dicionário de Política*. 6 ed. Brasília: Editora UNB, 2003. p. irreg. Verbete.

QASSEM, Sayyed Naim. *Hizbullah concerned itself with its homeland Lebanon & has no branches in any Arab or Islamic countries*. Disponível em: http://english.moqawama.org/essaydetails.php?eid=9595&cid=214. Acesso em: 24 Nov. 2009.

RANSTORP, Magnus. *Hizb'Allah in Lebanon: the politics of the western hostage crisis*. London: Palgrave MacMillan Press Ltd, 1997. 280 p.

RUDZIT, Gunther. *O Debate Teórico em Segurança Internacional – Mudanças frente ao terrorismo?* Revista de Ciências Sociais, vol. 5, n. 2, jul.-dez. 2005. Porto Alegre: Civitas. p. 297-323.

SALEM, Helena. *O Que é a Questão Palestina?* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos).

SAYEGH-Assafir, Nasri. The Devils of Anti-Semitism and the Angels of Racism. Disponível em:

http://www.almanar.com.lb/NewsSite/ArticlePrintPage.aspx?id=82726. Acesso em: 28 Maio 2009.

SCHMITT, Carl. *The Concept of the Political*. Translation by George Schwab. 111 p. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 26-27. Disponível em: http://books.google.com/books?id=JFqV-VtjlLoC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=false. Acesso em: 18 Out. 2009.

SECRETÁRIO Geral Sayyed Hassan Nasrallah. Disponível em: http://www.ynetnews.com/PicServer2/20122005/874966/NIK01_wa.jpg. Acesso em: 14 Jun. 2009.

SILVA, Ana Paula Maielo. *O papel da democracia na construção do Estado Palestino e na resolução do conflito palestino-israelense*. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de pós-graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas – UNESP, UNICAMP e PUC-SP, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/defesas/maielo.pdf. Acesso em: 11 Dez.. 2009.

SUTTI, Paulo; Ricardo, Sílvia. *As Diversas Faces do Terrorismo*. São Paulo: Editora Harbra, 2003. 116 p.

THE BALFOUR Declaration. Disponível em: http://www.mfa.gov.il/MFA/Peace+Process/Guide+to+the+Peace+Process/The+Balfour+Declaration.htm. Acesso em: 30 Maio 2009.

THE FIRST Intifada, 1987 – 1993. Disponível em: http://www.jafi.org.il/education/100/maps/fintifada.html. Acesso em: 12 Maio 2009.

UNISPAL – UN Resolution S-9/1: The Grave Violations of Human Rights in the Occupied Palestinian Territory, Particularly due to the Recent Israeli Military Attacks Against the Occupied Gaza Strip. Disponível em: http://unispal.un.org/UNISPAL.nsf/eed216406b50bf6485256ce10072f637/404e93e166533f828525754e00559e30?OpenDocument. Acesso em: 20 Nov. 2009.

UNIFIL – Lebanon mandate. Disponível em: http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/unifil/mandate.html. Acesso em: 29 Jun. 2009.

UNITED States Department of the Army. U.S. Army Counterinsurgency Handbook. New York: Skyhorse Publishing Inc., 2007. 288 p.

UNITED States Department of Defense. ABBREVIATIONS and Acronyms. *In: Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*. Joint Publication 1-02. (As Amended through 19 August 2009). Versão digitalizada, 2001. Disponível em: http://www. Dtic.mil/doctrine/jel/doddict. Acesso em: 18 Out. 2009.

VICE-Secretário Geral Sheikh Naim Qassem. Disponível em: http://www.psp.org.lb/Portals/0/Ahdab/Ns3im-Kassem.jpg. Acesso em: 14 Jun. 2009.

VILLA, Rafael A. Duarte. *A Construção de um Sistema Internacional Policêntrico: atores estatais e não-estatais societais no pós-guerra fria*. Revista Cena Internacional. Ano 3. n. 2. Dez. 2001. p. 65-87. Disponível em: http://ftp.unb.br/pub/UNB/ipr/rel/cena/2001/3576.pdf. Acesso em: 06 Maio 2009.

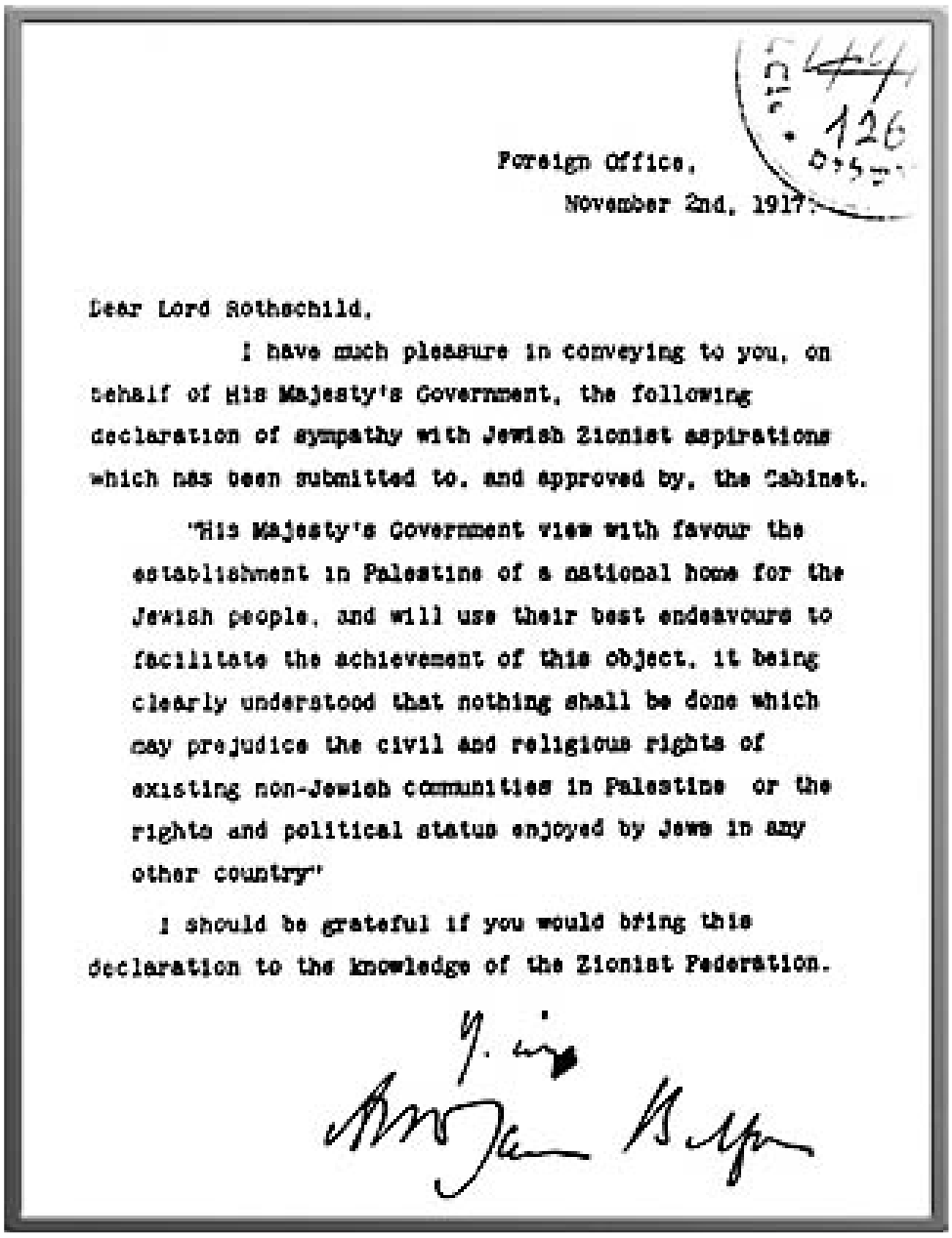
VILLA, Rafael A. Duarte. A Segurança Global Multidimensional. In: *Da crise do realismo à segurança global multidimensional*. 1 ed. 1 v. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999. p. 169-177.

WHITTAKER, David J. Definição de Terrorismo. In: *Terrorismo – Um Retrato*. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Vol. 422. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005. 488 p. (General Benício)

YAZBEK, Mustafa. *Palestinos: em busca da pátria*. São Paulo: Ática, 2001. 2 ed. (História em Movimento)

ANEXOS

The Balfour Declaration, 1917



Foreign Office,
November 2nd, 1917.

Dear Lord Rothschild,

I have much pleasure in conveying to you, on behalf of His Majesty's Government, the following declaration of sympathy with Jewish Zionist aspirations which has been submitted to, and approved by, the Cabinet.

'His Majesty's Government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavours to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine or the rights and political status enjoyed by Jews in any other country'

I should be grateful if you would bring this declaration to the knowledge of the Zionist Federation.

An Open Letter
The Hizballah Program

Our Identity

We are often asked: Who are we, the Hizballah, and what is our identity? We are the sons of the umma (Muslim community) - the party of God (Hizb Allah) the vanguard of which was made victorious by God in Iran. There the vanguard succeeded to lay down the bases of a Muslim state which plays a central role in the world. We obey the orders of one leader, wise and just, that of our tutor and faqih (jurist) who fulfills all the necessary conditions: Ruhollah Musawi Khomeini. God save him!

By virtue of the above, we do not constitute an organized and closed party in Lebanon. Nor are we a tight political cadre. We are an umma linked to the Muslims of the whole world by the solid doctrinal and religious connection of Islam, whose message God wanted to be fulfilled by the Seal of the Prophets, i.e., Muhammad. This is why whatever touches or strikes the Muslims in Afghanistan, Iraq, and the Philippines and elsewhere reverberates throughout the whole Muslim umma of which we are an integral part. Our behavior is dictated to us by legal principles laid down by the light of an overall political conception defined by the leading jurist (wilayat al-faqih).

As for our culture, it is based on the Holy Koran, the Sunna and the legal rulings of the faqih who is our source of imitation (marja' al-taqlid). Our culture is crystal clear. It is not complicated and is accessible to all.

No one can imagine the importance of our military potential as our military apparatus is not separate from our overall social fabric. Each of us is a fighting soldier. And when it becomes necessary to carry out the Holy War, each of us takes up his assignment in the fight in accordance with the injunctions of the Law, and that in the framework of the mission carried out under the tutelage of the Commanding Jurist.

Our Fight

The US has tried, through its local agents, to persuade the people that those who crushed their arrogance in Lebanon and frustrated their conspiracy against the oppressed (mustad'afin) were nothing but a bunch of fanatic terrorists whose sole aim is to dynamite bars and destroy slot machines. Such suggestions cannot and will not mislead our umma, for the whole world knows that whoever wishes to oppose the US, that arrogant superpower, cannot indulge in marginal acts which may make it deviate from its major objective. We combat abomination and we shall tear out its very roots, its primary roots, which are the US. All attempts made to drive us into marginal actions will fail, especially as our determination to fight the US is solid.

We declare openly and loudly that we are an umma which fears God only and is by no means ready to tolerate injustice, aggression and humiliation. America, its Atlantic Pact allies, and the Zionist entity in the holy land of Palestine, attacked us and continue to do so without respite. Their aim is to make us eat dust continually. This is why we are, more and more, in a state of permanent alert in order to repel aggression and defend our religion, our existence, our dignity. They invaded our country, destroyed our villages, slit the throats of our children, violated our sanctuaries and appointed masters over our people who committed the worst massacres against our umma. They do not cease to give support to these allies of Israel, and do not enable us to decide our future according to our own wishes.

In a single night the Israelis and the Phalangists executed thousands of our sons, women and children in Sabra and Shatilla. No international organization protested or denounced this ferocious massacre in an effective manner, a massacre perpetrated with the tacit accord of America's European allies, which had retreated a few days, maybe even a few hours earlier, from the Palestinian camps. The Lebanese defeatists accepted putting the camps under the protection of that crafty fox, the US envoy Philip Habib.

We have no alternative but to confront aggression by sacrifice. The coordination between the Phalangists and Israel continues and develops. A hundred thousand victims - this is the approximate balance sheet of crimes committed by them and by the US against us. Almost half a million Muslims were forced to leave their homes. Their quarters were virtually totally destroyed in Nab'a, my own Beirut suburb, as well as in Burj Hammud, Dekonaneh, Tel Zaatar, Sinbay, Ghawarina and Jubeil - all in areas controlled today by the 'Lebanese Forces',. The Zionist occupation then launched its usurpatory invasion of Lebanon in full and open collusion with the Phalanges. The latter condemned all attempts to resist the invading forces. They participated in the implementation of certain Israeli plans in order to accomplish its Lebanese dream and acceded to all Israeli requests in order to gain power.

And this is, in fact, what happened. Bashir Jumayyil, that butcher, seized power with the help also of OPEC countries and the Jumayyil family. Bashir tried to improve his ugly image by joining the six-member Committee of Public Safety presided over by former President Elias Sarkis, which was nothing but an American-Israeli bridge borrowed by the Phalangists in order to control the oppressed. Our people could not tolerate humiliation any more. It destroyed the oppressors, the invaders and their lackeys. But the US persisted in its folly and installed Amin Jumayyil to replace his brother. Some of his first so called achievements were to destroy the homes of refugees and other displaced persons, attack mosques, and order the army to bombard the southern suburbs of Beirut, where the oppressed people resided. He invited European troops to help him against us and signed the May 17th, [1984] accord with Israel making Lebanon an American protectorate.

Our people could not bear any more treachery. It decided to oppose infidelity - be it French, American or Israeli - by striking at their headquarters and launching a veritable war of resistance against the Occupation forces. Finally, the enemy had to decide to retreat by stages.

Our Objectives

Let us put it truthfully: the sons of Hezbollah know who are their major enemies in the Middle East - the Phalanges, Israel, France and the US. The sons of our umma are now in a state of growing confrontation with them, and will remain so until the realization of the following three objectives:

(a) to expel the Americans. the French and their allies definitely from Lebanon, putting an end to any colonialist entity on our land;
(b) to submit the Phalanges to a just power and bring them all to justice for the crimes they have perpetrated against Muslims and Christians;
(c) to permit all the sons of our people to determine their future and to choose in all the liberty the form of government they desire. We call upon all of them to pick the option of Islamic government which, alone, is capable of guaranteeing justice and liberty for all. Only an Islamic regime can stop any further tentative attempts of imperialistic infiltration into our country.

These are Lebanon's objectives; those are its enemies. As for our friends, they are all the world's oppressed peoples. Our friends are also those who combat our enemies and who defend us from their evil. Towards these friends, individuals as well as organizations, we turn and say:

"Friends, wherever you are in Lebanon... we are in agreement with you on the great and necessary objectives: destroying American hegemony in our land; putting an end to the burdensome Israeli Occupation; beating back all the Phalangists' attempts to monopolize power and administration.

Even though we have, friends, quite different viewpoints as to the means of the struggle, on the levels upon which it must be carried out, we should surmount these tiny divergencies and consolidate cooperation between us in view of the grand design".

We are an umma which adheres to the message of Islam. We want all the oppressed to be able to study the divine message in order to bring justice, peace and tranquillity to the world. This is why we don't want to impose Islam upon anybody, as much as we that others impose upon us their convictions and their political systems. We don't want Islam to reign in Lebanon by force as is the case with the Maronites today. This is the minimum that we can accept in order to be able to accede by legal means to realize our ambitions, to save Lebanon from its dependence upon East and West, to put an end to foreign occupation and to adopt a regime freely wanted by the people of Lebanon.

This is our perception of the present state of affairs. This is the Lebanon we envision. In the light of our conceptions, our opposition to the present system is the function of two factors; (1) the present regime is the product of an arrogance so unjust that no reform or modification can remedy it. It should be changed radically, and (2) World Imperialism which is hostile to Islam.

We consider that all opposition in Lebanon voiced in the name of reform can only profit, ultimately, the present system. All such opposition which operates within the framework of the conservation and safeguarding of the present constitution without demanding changes at the level of the very foundation of the regime is, hence, an opposition of pure formality which cannot satisfy the interests of the oppressed masses. Likewise, any opposition which confronts the present regime but within the limits fixed by it, is an illusory opposition which renders a great service to the Jumayyil system. Moreover, we cannot be concerned by any proposition of political reform which accepts the rotten system actually in effect. We could not care less about the creation of this or that governmental coalition or about the participation of this or that political personality in some ministerial post, which is but a part of this unjust regime.

The politics followed by the chiefs of political Maronism through the 'Lebanese Front' and the 'Lebanese Forces' cannot guarantee peace and tranquillity for the Christians of Lebanon, whereas it is predicated upon 'asabiyya (narrow-minded particularism), on confessional privileges and on the alliance with colonialism. The Lebanese crisis has proven that confessional privileges are one of the principal causes of the great explosion which ravaged the country. It also proved that outside help was of no use to the Christians of Lebanon, just when they need it most. The bell tolled for the fanatic Christians to rid themselves of denominational allegiance and of illusion deriving from the monopolization of privileges to the detriment of other communities. The Christians should answer the appeal from heaven and have recourse to reason instead of arms, to persuasion instead of confessionalism.

To the Christians

If you, Christians, cannot tolerate that Muslims share with you certain domains of government, Allah has also made it intolerable for Muslims to participate in an unjust regime, unjust for you and for us, in a regime which is not predicated upon the prescriptions (ahkam) of religion and upon the basis of the Law (the Shari'a) as laid down by Muhammad, the Seal of the Prophets. If you search for justice, who is more just than Allah? It is He who sent down from the sky the message of Islam through his successive prophets in order that they judge the people and give everyone his rights. If you were deceived and misled into believing that we anticipate vengeance against you - your fears are unjustified. For those of you who are peaceful, continue to live in our midst without anybody even thinking to trouble you.

We don't wish you evil. We call upon you to embrace Islam so that you can be happy in this world and the next. If you refuse to adhere to Islam, maintain your ties with the Muslims and don't take part in any activity against them. Free yourselves from the consequences of hateful confessionalism. Banish from your hearts all fanaticism and parochialism. Open your hearts to our Call (da'wa) which we address to you. Open yourselves up to Islam where you'll find salvation and happiness upon earth and in the hereafter. We extend this invitation also to all the oppressed among the non-Muslims. As for those who belong to Islam only formally, we exhort them to adhere to Islam in religious practice and to renounce all fanaticisms which are rejected by our religion.

World Scene

We reject both the USSR and the US, both Capitalism and Communism, for both are incapable of laying the foundations for a just society.

With special vehemence we reject UNIFIL as they were sent by world arrogance to occupy areas evacuated by Israel and serve for the latter as a buffer zone. They should be treated much like the Zionists. All should know that the goals of the Phalangists regime do not carry any weight with the Combatants of the Holy War, i.e., the Islamic resistance. This is the quagmire which awaits all foreign intervention.

There, then, are our conceptions and our objectives which serve as our basis and inspire our march. Those who accept them should know that all rights belong to Allah and He bestows them. Those who reject them, we'll be patient with them, till Allah decides between us and the people of injustice.

The Necessity for the Destruction of Israel*

We see in Israel the vanguard of the United States in our Islamic world. It is the hated enemy that must be fought until the hated ones get what they deserve. This enemy is the greatest danger to our future generations and to the destiny of our lands, particularly as it glorifies the ideas of settlement and expansion, initiated in Palestine, and yearning outward to the extension of the Great Israel, from the Euphrates to the Nile.

Our primary assumption in our fight against Israel states that the Zionist entity is aggressive from its inception, and built on lands wrested from their owners, at the expense of the rights of the Muslim people. Therefore our struggle will end only when this entity is obliterated. We recognize no treaty with it, no cease fire, and no peace agreements, whether separate or consolidated.

We vigorously condemn all plans for negotiation with Israel, and regard all negotiators as enemies, for the reason that such negotiation is nothing but the recognition of the legitimacy of the Zionist occupation of Palestine. Therefore we oppose and reject the Camp David Agreements, the proposals of King Fahd, the Fez and Reagan plan, Brezhnev's and the French-Egyptian proposals, and all other programs that include the recognition (even the implied recognition) of the Zionist entity.

The Jerusalem Quarterly, number Forty-Eight, Fall 1988
This is a slightly abridged translation of "Nass al-Risala al-Maftuha allati wajahaha Hizballah ila-l-Mustad'afin fi Lubnan wa-l-Alam", published February 16, 1985 in al-Safir (Beirut), and also in a separate brochure. It carries the unmistakable imprint of Sheikh Muhammad Hussein Fadlallah, the Hizballah mentor, and is inspired by his book Ma'maal-Quwma fi-l-Islam (Beirut 1979). See also his article in al-Muntalak (Beirut), October 1986.

*This paragraph did not appear in the original translation published by the Jerusalem Quarterly. It is possible that this omission is due to the fact that the source (al-Safir) for the translation did not include this text, which appears in the original Hizballah Program. The original Program was published on 16 February 1985. The organization's spokesman, Sheikh Ibrahim al-Amin read the Program at the al-Ouzai Mosque in west Beirut and afterwards it was published as an open letter "to all the Opressed in Lebanon and the World". It should be emphasised that none of Hizballah's web sites have published the full text of the organization's program, and they prefer to publish the 1996 electoral program which was intended for the specific propoganda campaign before the Lebanese Parliamentary elections in 1996.

In His Name Be He Exalted
The Electoral Program of Hizbullah, 1996

And those who strive in our (cause), - we will certainly guide them to our paths for verily Allah is with those who do right.

(Holy Koran)

Faithful Lebanese;

In persistence with our political course that is based on divine values,

In commitment to our vast cultural affiliation with all its diversity, richness and sublimation of human value, within a framework of integration and unity,

On the basis of our firm pledge of the Lebanese people's interests in liberating our land in the South and West Bekaa, of maintaining our security and right in a decent life and an honorable living besides their looking forward to a political society of more balance and justice, a society more capable of understanding the internal flaw points and confronting the foreign challenges and a more stable society,

We continue the unlimited course of giving, the giving of blood, the honesty of stand, the courageous word, and the political behavior that aims at changing instead of submitting to the status quo, overcomes balances instead of falling because of them and seeks a nation beyond sectarianism, a state with no monopolization or absorption, a state of development with no discrimination and participation with no exclusion or elimination.

In the light of a conscious reading of the magnitude of the perils and challenges that overwhelm the regional situation due to the policies of American hegemony and Zionist terrorism,

Out of the position of deep realization of the historic stage through which our country is passing,

Under the staggering production of a sound political life and the disappointing results of the state institutions' performance and their alleged attempts of development,

Before the regression of the state situation due to a combination of many factors surging out of the unbalanced nature of the Lebanese political system and the wrong practices by the authority men that led to deepening the status of corruption, favoritism and migration of qualifications, besides establishing the sectarian, confessional and regional divisions,

In the light of all that, and after four years, during which we had the honor of contribution in serving the Lebanese from the parliamentarian post, we run with you for the scheduled parliament elections with established responsibility and greater insistence on shouldering the trust that our dear Lebanese people made us carry to complete the course of all the noble martyrs who died while defending our sacred soil and the dignity, freedom, future and welfare of our people, on top of whom the Master of the Islamic Resistance martyrs Sayyed Abbas Mussawi and Sheikh of its martyrs Sheikh Ragheb Harb (May Allah be pleased with them).

As it has always been, Hizbullah will continue to be, with greater drive and increasing responsibility, the party of Resistance and Liberation, the party of steadfastness and construction and the party of change to a better status, according to the following program:

First: Resisting the occupation:

Through its liberating and striving course and its field and political achievement, the most distinguished of which were the steadfastness and victory in two large-scale wars, July 1993 and April 1996, the Islamic Resistance has affirmed its being the only option towards a dignified liberation with no conditions or prices that would damage the sovereignty, resources and right; it has also affirmed its being an element of unity and dignity for the Lebanese and a major guarantor for their security and their regional and international presence. Therefore, we confirm the following:

- We will work on the strong and efficient continuation of the Resistance until our occupied land is completely liberated and restored to the national sovereignty, until our people in the occupied strip are released and able to secure a free honorable decent living away from any direct or indirect presence of the usurping Zionists. We will also work on confronting the logic of the theatrical negotiations that seek to establish Israel's position at the expense of the people of the land.

- Protecting the Lebanese civilians will remain essential in the Resistance performance, due to its being a major objective and main role performed by the Resistance with wisdom, awareness and responsibility.

- We will seek with all carefulness that the Lebanese people with all its sects, categories and individuals, remain the Resistance's embracer and base from which it derives strength and presence. The sought-after liberation - Allah willing-will only be a gift to all the Lebanese and a major contribution in constructing a country with complete sovereignty and a state of consideration and estimation in the arena of regional and international conflict .

- We will continue seeking to achieve more effective state involvement in the operation of liberation and embracing the Resistance men, and the prisoners, detainees and martyrs' families plus providing the steadfastness requirements through establishing and developing foundations for these ends, besides supporting any action that assists in fighting normalization and cultural invasion along with rejecting any form of reconciliation with the enemy.

Second: Achieving Equality and Establishing the Just State:

Achieving justice and equality among the Lebanese is considered one of the main bases for establishing a stable dignified and prosperous country in which all the Lebanese engage in the process of construction with drive and solidarity under equality of opportunities, equality of all, individuals, classes and areas, in rights and duties, whether political, economical or social. Consequently we will seek to continue working until we achieve:

- Abolishing political sectarianism that represents the center of the essential flaw in the formula of the Lebanese political system and its social structure, besides being what secretes most of the domestic instability features, the fertile soil for the disturbance that marks the authority institutions and the inter-confessional relations.

- A just and balanced electoral system that treats all the Lebanese even-handedly, allows for real representation, and leads towards developing the Lebanese political status through the approbation of Lebanon as one constituency with a proportional representation system.

- Establishing real political institutions that can not be summarized in individuals, nor emptied by the dominance of parties or groups, or employed to serve the "favorites" and "guys". The most dangerous thing that confronts the state and topples its logic is politicizing the administration and linking it to political loyalties away from the criteria of qualification and equality.

- Applying the principle of administration decentralization through a consistent and proportionate law that guarantees achieving administrative divisions capable of accomplishing efficient development in the various areas besides reviving the municipal and mayor councils to allow for real participation by the civil society in running its development and social affairs.

Third: At the Economical Level:

We will work on making the state adopt economical policies that give priority to achieving integral human development instead of being confined to imported economical policies that do not consider in their priorities the economical and social particularities discharged by the war and that led to increasing the rates of poverty, unemployment, and the evanescence of the middle class that is considered the scales of economical justice. Moreover, we will work on realizing justice in the distribution of taxes and charges among citizens according to their capabilities.

What is required is the rearrangement of development priorities and subsidizing the sectors of industry, agriculture, animal breeding and fishery, plus providing loans and production requirements, protection, and marketing, in addition to supporting all forms of craftsmanship.

The state's role in the economical operation must be based on a delicate harmonization between the necessity of activating the public sector, prosperity of its movement and investments, on one hand, and the necessity of not deserting the state's responsibilities towards the citizens and the public utilities, especially what concerns supporting the steadfastness of the areas confronting the Zionist occupation.

Fourth: At the Educational and Syndical levels:

- The chronic demand of enhancing and reforming public schooling has not taken its implementation course seriously and effectively until today, therefore; it is vital to seek enhancing and developing public schooling, as schools, teachers and administrations. Furthermore, the development of the educational structure must be followed by the policy of reestablishing and modernizing the curriculums in harmony with the modern necessities, besides accomplishing the history book drafting on objective basis and working on increasing the interest in vocational education, taking into account the necessity of linking it to the Lebanese market needs.

Uplifting the Lebanese University is a vital demand that we will work on achieving through modernizing its curriculums, uniting the branches of the capital and the surrounding areas, enhancing the branches of the areas, reviving specialization scholarships and sponsoring topping students and strengthening research methods to get out of the currently-adopted dictation method and allow for developing talents and qualifications.

Reinforcing the labor movement and the syndical frameworks is a civil and political must; that ought to be away from pressure, straitening and harassment that are being practiced by the authority at times of crises and critical phases. Moreover, justice to teachers and university professors in achieving their various demands, without procrastination and postponement is an urgent measure for the stability of these two sectors. Therefore, Hizbullah affirms its persistence on staying in the stand of supporting the syndical movement and supplying it with political, and popular support and power.

Fifth: At the Social and Health Levels:

- We affirm the importance of the role of the youth in constructing their country and the necessity of providing them with the essentials for strengthening their personalities and filling their times with constructive activities.

- The woman's role is based on her being the other half that raises and is effective in all the political, educational, social, cultural and economical life. Women must not be treated as supplements nor as commodities of advertisement.

- Enhancing and maintaining the unity of the family that is the cornerstone in building a good society and providing all the educational and social conditions to establish this direction.

- The completion of resolving the two issues of naturalization and the displaced so as those who have the right to the nationality obtain it and all the displaced return to their houses or villages in dignity, plus giving the displaced of the occupied strip a special priority attention and consideration.

- Completing the task of improving public hospital and health clinics with the required equipment, spreading these health centers all over the country especially in remote areas and the steadfast and resisting areas in the South and West Bekaa, in addition to making health security accessible to all the sectors of the Lebanese society.

- Developing the social welfare foundations, supporting the social care institutions, adopting old-age pension, and establishing institutes specialized in treating the various social problems and perversions.

- The necessity of reforming and developing prisons, establishing reformations for juvenile delinquents in all the Lebanese provinces.

- Activating the foundations and legislative laws that protect the public resources and the environment, adopting a forestry policy that would restore the balance to the Lebanese environment, protect it from the jeopardy of aridity, maintain the water resources, set projects to be used in all the Lebanese areas and reclaim the lands in order to increase the arable areas.

- Making serious plans that secure a gradual resolution for the housing problem in Lebanon, plus considering this issue one of the great challenges that confront the Lebanese society and have negative social results at numerous levels.

Sixth: Safeguarding Public Freedoms:

- To work carefully and persistently on safeguarding public freedoms, i.e. the freedom of belief, freedom of syndical and political activity, freedom of practicing religious rituals and schooling, in addition to accomplishing the regulation of the media without abating the freedom of press, on one hand, but while preserving the maintenance of the identity, public ethics and morals on the other.

Seventh: Foreign Policy:

- Adherence to maintaining the Lebanese-Syrian relations, being the practical application of Lebanon's Arab affiliation and since these relations represent a major element of inaccessibility and fortification for Lebanon before the attempts of isolating it under the regional challenges. Furthermore, the previous years have proven that these relations comprise factors of stability for the uneasy Lebanese formula.

- To work on cementing the Lebanese stand in the face of the American pressure policies which are being practiced against Lebanon politically and economically, to reject the continuous American interference in its internal affairs and to deal with the American policy on the grounds of its being identical to and supportive for the positions of the Israeli enemy that occupies our land, kills our children and targets our villages with its incessant daily aggressions.

- The necessity of adopting serious policies and efficient plans to communicate with the Lebanese communities in the countries of expatriation; sponsoring the frameworks that organize those communities' existence; protecting them from attempts to expose them, weaken them or damage their economical presence (as has been the case in more than one African country); working effectively and persistently on rehabilitating the Lebanese expatriate existence and precluding its being vulnerable and without political protection before the challenges and plots it confronts.

- To emphasize building normal and balanced relations with the Arab and Islamic countries and all the countries of the world on the basis of independence and strengthening the ties that assist in confronting the plots of the American arrogance and allow for honorable and constructive cooperation.

Dear Lebanese People,

From the position of representing the people, with all its implications of religious, national and ethical dimensions and responsibilities, and with our full realization of the magnitude of the complications and obstacles that our Lebanese society is experiencing and with our realization of the long time needed to achieve all what our people anticipates, Hizbullah confirms its candidates' observance and their doing their utmost to put into effect this electoral program that will formulate the framework for the political-legislative role of Hizbullah's parliamentarian bloc.

Success is Granted by Allah

HIZBULLAH POLITICAL MANIFESTO 2009

This political document aims at characterizing the political vision of the party and includes its visions, stands, and ambitions. It also comes as a result of the liability of sacrifice and action which we have well experienced.

At an outstanding time crowded with changes, it is no longer possible to address such transformations without noting the special stand our resistance has reached or the package of achievements that we have accomplished.

And it will be a necessity to address these transformations through two paths:

The first is the Resistance one that refuges to the military and political victories as well as the spreading out of the Resistance to the extent that it can affect the balance of power in the region.

The second is the path of the US-"Israeli" arrogance and supremacy in its different dimensions and extensions which is witnessing military defeats as well as political failures that reflected a collapse in administering the developments in our Arab and Islamic world.
These data integrate in the comprehensive framework of a broader international scene which exposes the decline of U.S. "unipolar" hegemony.

And what deepens the international hegemony system impasse are the collapses in the financial markets and the entry of the US economy in a situation of disarray and deficiency which mirrors the profundity of the crisis.

Therefore, it's possible to say that we are amid historical transformations that predict the retreat of the US role as an omnipotent power, the break of the unipolar system and the demise of the Zionist entity.

The resistance movements stand at the heart of international transformations and emanate as a strategic factor in the international scene after performing a central role in producing those transformations in our region.

The Resistance in Lebanon was the first to fight occupation. It adopted this option at the time where U.S. era was at its peak, as some considered the option of resistance amidst the balance of powers at that time as political tendency which is contrary to the obligations of rationality and realism.

Despite all of this, the resistance perceived since the beginning that it will reach victory at the end.

Through its long path and its marked victories, the Resistance's project has developed from a liberation power to a balance and confrontation one to a defence and deterrence one in addition to its internal political role as an influencing foundation in building the just and capable state.

CHAPTER ONE - Domination and Hegemony

Section 1 - American-Western Hegemony and the world

Following World War II, the United States became the centre of polarization and hegemony in the world; as such a project witnessed tremendous development on the levels of domination and subjugation that is unprecedented in history, making use and taking advantage of the multifaceted achievements on the several levels of knowledge, culture, technology, economy as well as the military level- that are supported by an economic-political system that only views the world as markets that have to abide by the American view.

The most dangerous aspect in the western hegemony-the American one precisely- is that they consider themselves as owners of the world and therefore, this expanding strategy along with the economic-capitalist project has become a "western expanding strategy" that turned to be an international scheme of limitless greed.

Savage capitalism forces- embodied mainly in international monopoly networks of companies that cross the nations and continents, networks of various international establishments especially the financial ones backed by superior military force have led to more contradictions and conflicts of which not less important are the conflicts of identities, cultures, civilizations, in addition to the conflicts of poverty and wealth.

These savage capitalism forces have turned into mechanisms of sowing dissension and destroying identities as well as imposing the most dangerous type of cultural, national, economic as well as social theft.

Globalization has reached its most dangerous facet when it turned into a military one led by those following the Western scheme of domination- of which it was most reflected in the Middle East in Afghanistan, Iraq, Palestine and Lebanon, where the latter's share was the July 2006 aggression by the "Israelis".

This plot found its peak with the neoconservative grip under the administration of George Bush since their project found its way to execution after he was sworn in. It was neither weird nor surprising that what the neoconservative platform focused on the most was rebuilding US capabilities; which reflected a strategic vision of US national security through building military strategies not only as a force of deterrence but also as a force of action and intervention.

Following the September 11 attacks, the Bush administration found that the opportunity was appropriate to exercise the largest possible influence under the slogan of "universal war against terrorism". It has performed many attempts that were considered as successful in the beginning based on the following:

1- Militarizing relationships and foreign policies with other countries to the utmost.

2- Monopolizing decision-making by taking strategic decisions, relying on coordination only at times of necessity exclusively with allies that can be trusted.

3- Rapidly ending war in Afghanistan to have the maximum amount of time for the next step, consequently; taking over Iraq which is considered as the foundation of launching the New Middle East project in conformity with the world's demands post the 11 September incident.
The Bush administration was not hesitant about resorting to all means of deceive, mislead, and diversion as to justify its wars, particularly its war on Iraq, and against all those who fight and resist its colonialist scheme, whether entities, nations, or movements.

Furthermore, the Bush administration sought to establish conformity between "terrorism" and "Resistance", in order to strip off the latter's humanitarian and legal legitimacies and by that justify its wars against these movements, seeking to remove the fundamental right of the nations of defending their right to live with dignity and national sovereignty.

Terrorism has turned into an American pretext for hegemony through many tools such as pursuit, arbitrary detention, unjust trials witnessed in Guantanamo as well as through direct meddling in the sovereignty of other countries and states in addition to imposing sanctions against complete nations, giving itself the right to launching destructive wars that know no difference between the guilty and the innocent and does not differentiate between the man, woman, elderly or children.

So far, not only these US wars have caused tremendous mass destruction but also have cost millions of lives and not only affected concrete but societies and nations. This hegemony has aimed at dividing societies, and producing civil conflicts of various dimensions.

There is no doubt that the American Terrorism is the origin of all terrorism in this world. The Bush administration has turned the United States into a threat menacing the whole world on all levels and dimensions.

The failure of the US wars on Iraq and Afghanistan as well as the complete US failure in Lebanon and Palestine through "Israeli" tools led to the wear away of American fear as well as a decline in the strategies and capabilities of the US to seek new adventures.
Yet this failure does not mean the US will easily stop interfering, but will make an effort to protect its strategic interests.

Section 2 - Our region and the American Scheme:

Indeed, if the whole world was suffering from the American hegemony, the Arab and Islamic nations seem to suffer even more for many considerations related to history, civilization, culture, as well as geographical site.

Since decades, the Arab and Islamic world has always been subject to endless wild and savage wars. However, this hegemony's most dangerous phase took place with the creation of the Zionist entity and its embedment in the region, which is part of the scheme to divide and detach nations of the region into entities in constant conflict under different titles.

The central goal of the American hegemony resides in dominating the nations politically, economically, culturally and through all aspects. It also resides in looting the treasures and resources of the region, topping these resources is the fuel as it is the base of controlling the world economy not to mention resorting to all merciless, inhumane and unethical means including the use of extreme military power whether directly or through a mediator.

To achieve this goal, Washington resorted to different general policies and work strategies, of which the most outstanding are:

1- Providing the Zionist entity with stability guarantees, in such a way that allows this entity to play the role of a cancerous gland that absorbs and sucks out all the energies and capabilities of the nation as to destruct its ambitions and aims.

2- Manacling the spiritual, civil and cultural capabilities of our people and aiming at weakening its morals through media and psychological wars in order to affect the image and symbols of the resistance and its struggle.

3- Supporting the systems of dictatorship and tyranny as well as subjection in the region.

4- Taking control of the geographical strategic points in the region whether land, air, or water and spreading military bases its vital locations as to back up its wars in the region.

5- Disallowing any movement in the region from rising and possessing means of power and development as to play a major role in the world history.

6- Creating and embedding sedition and divisions of all types, especially sectarian ones.
It is very obvious that the only way to view any conflict in any region worldwide is through a strategic international dimension, as the American threat is not only local in this region, and does not affect one place without the other, therefore; the front of confrontation with this American threat should be international as well.

There is no doubt this confrontation is delicate and difficult, it is a battle of a historical aspect, a battle of generations that requires benefiting every single assumed power and ability. Our experience in Lebanon had taught us that difficulty does not imply impossibility, rather means we are ready to utmost levels, people and authority for all possibilities, ready to achieve victories and this is possible elsewhere .

CHAPTER TWO-Lebanon

Section 1 - The Homeland

Lebanon is our homeland and the homeland of our fathers, ancestors. It is also the homeland of our children, grandchildren, and the future generations. It is the country to which we have given our most precious sacrifices for its independence and pride, dignity and freedom.

We want a unified Lebanon for all Lebanese alike. We oppose any kind of partition or federalism, whether apparent or disguised. We want Lebanon to be sovereign, free, independent, strong and competent. We want it also to be powerful, active, and present in the geopolitics of the region. We want it also to be an influential provider in making the present and the future as it was always present in making the history.

One of the most important conditions for the establishment of a home of this type and its persistence is having a strong, capable and just state, in addition to a political system which truly represents the will of the people and their aspirations for justice and freedom, security and stability, well-being and dignity. This is what all the Lebanese people seek and work to achieve and we are a part of them.

Section 2 - The Resistance:

"Israel" embodies an eternal threat to Lebanon - the State and the entity - and a real hazard to the country in terms of its historical cravings in land and water especially that Lebanon is considered to be a model of coexistence in a unique formula that opposes with the idea of the racist state which expresses itself in the Zionist entity. Moreover, Lebanon's location at the borders of occupied Palestine urged it to abide national and pan-Arab responsibilities.

The "Israeli" threat to this country started since the establishment of the Zionist entity in the land of Palestine, an entity that did not falter to divulge its aspirations to occupy some parts of Lebanon and to grasp its wealth, mainly its water. Thus, it sought to achieve these ambitions progressively. This entity began its aggression on Lebanon since 1948 from the border to the depth of the country, from the Houla massacre in 1949 to the aggression on the Beirut International Airport in 1968, including long years of assaults on border areas, their land, population and wealth, as a preface to confiscate direct land through repeated invasions, leading to the March 1978 invasion and the occupation of the border area, making its people subject to its influence at all levels, as a prelude to suppress the whole country in the invasion of 1982.

All of this was taking place with a full back of the United States and ignorance until the level of collusion of the so-called international community and its institutions in the midst of a suspicious Arab official silence and an absence of the Lebanese authority at the time leaving the land and people subject to the Israeli occupation without assuming its responsibilities and national duties.

Under this immense national tragedy, Lebanese who are loyal to their homeland didn't have the choice but to use their right and persist from their national duty and moral and religious in the defence of their land. Thus, their choice was: the launch of an armed popular resistance to face the Zionist danger and permanent hostility.

In such difficult circumstances, the process of renovating the nation through armed resistance started, paving the way for liberating the land and the political choice from the hands of the Israeli occupation as a prelude to the restitution of the State and the building of its constitutional institutions. The Resistance has coroneted all these dimensions together through achieving the Liberation in 2000 and the historic victory in July 2006, presenting to the whole world a true experience in defending the homeland, an experience that became a school from which nations and states benefit to protect their territory, defend their independent and preserve their sovereignty.

This national achievement was made real thanks to the support of a loyal nation and a national army, thus exasperating the enemy's aims and causing him a historic defeat, allowing the Resistance to celebrate along with its fighters and martyrs as well as all of Lebanon through its nation and army the great victory that opened a new chapter in the region entitled crucial role and function of the resistance to daunt the enemy and guarantee the protection of the country's independence, sovereignty and defend its people and carrying out the liberation of the rest of the occupied territory.

The Resistance role is a national necessity as long as the "Israeli" threats and aspirations persist. Therefore, and in the deficiency of strategic balance between the state and the enemy, the Israeli threat urges Lebanon to approve a defensive strategy that depends on a popular resistance participating in defending the country and an army that maintains the security of the country, in a complementarily process that proved to be triumphant through the preceding stage.

This formula, evolved from within the defensive strategy, composes an umbrella of protection for Lebanon, especially after the malfunction of other speculations on the umbrellas, whether international or Arab, or negotiating with the enemy. The adoption of the Resistance choice in Lebanon achieved its role in liberating the land, restoring the State institutions and defending the sovereignty. Afterwards, Lebanese are concerned with safeguarding and maintaining this format because the "Israeli" danger terrorizes Lebanon in all its components, what requires the widest Lebanese participation in assuming responsibilities of defence.

Finally, the accomplishment of the Resistance experience in fighting the enemy and the failure of all plots and schemes to erase resistance movements or besieging them or even disarming them annexed to the extension of the "Israeli" threat in Lebanon obligates the Resistance to do its best to reinforce its abilities and join its strengths to assume its national responsibilities and liberate what remains under the "Israeli" occupation in the Shibaa farms and Kfarshouba hills and the Lebanese town of Ghajar as well as liberating the detainees and missing people and martyrs' bodies.

Section 3 - State and Political System:

The major problem in the Lebanese political system, which thwarts its reform, development and regular updating, is political sectarianism.

The fact that the Lebanese political system was founded on a sectarian basis represents in itself a strong restriction to the achievement of true democracy where an elected majority can rule and an elected minority can oppose, opening the door for a proper exchange of power between the loyalty and the opposition or the various political coalitions. Thus, abrogating sectarianism is a basic condition for the execution of the majority-minority rule.

Yet, and until the Lebanese could achieve through their national dialogue this historic and sensitive accomplishment, which is the abrogation of political sectarianism, and since the political system in Lebanon is established on sectarian foundations, the homogenous democracy will linger the fundamental basis for governance in Lebanon, because it is the actual quintessence of the spirit of the constitution and the core of the Charter of the co-existence.

From here, any approach to the national issues according to the equation of the majority and minority anticipates the achievement of the historic and social conditions for the exercise of effectual democracy in which the citizen becomes a value in itself. Meanwhile, the Lebanese will to live together in dignity and equal rights and duties needs a beneficial collaboration in order to merge the principle of true partnership, which constitutes the most suitable formula to protect the full diversity and stability after a period of instability caused by the different policies based on the affinity towards monopoly, deletion and exclusion.

The consensual democracy represents a proper political formula to assure true partnership and contributes in opening the doors for everyone to join the phase of building the reassuring state.

Our vision for the State that we should build together in Lebanon is embodied in the State that protects public freedoms, the State that is devoted to national unity, the State that protects its land, people, and sovereignty, the State that has a national, strong and prepared army, the State that is structured under the base of modern, effective and cooperative institutions.

It is the State that is dedicated to the application of laws on all its citizens without discrimination, the State that pledges a correct and right parliamentary representation based on a modern election law that permits the voters of choosing their representative away from pressures, the State that depends on capable people despite their religious beliefs and that identifies mechanisms to battle corruption in administration, the State that enjoys an independent and non-politicized Justice authority, the State that sets up its economy chiefly according to the producing sectors and works on uniting them especially the agriculture and industry ones, the State that pertains the principle of balanced development between all regions, the State that cares for its people and works to offer them with appropriate services, that State that takes care of the youth generation and help young people to build up their energies and talents, the State that works to fuse the role of women at all levels, the State that care for education and work to reinforce the official schools and university alongside applying the principle of obligatory teaching, the State that adopts a decentralized system, the State that works hard to prevent emigration and the State that guards its people all over the world and protects them and benefits from their positions to dish up the national causes.

The establishment of a state based on these specifications and conditions is an objective to us just like it's the objective of every honest and sincere Lebanese. In Hizbullah, we will wield all possible efforts, in assistance with the popular and political forces, to attain this noble national objective.

Section 4 - Lebanese-Palestinian ties:

One of the tragic consequences of the emergence of the Zionist entity on the land of Palestine and the displacement of its inhabitants is the problem of Palestinian refugees who moved to Lebanon to live temporarily in its land as guests to their fellow Lebanese until returning to their homes from where they were expelled.

The original and direct reason of the sufferance of Lebanese and Palestinians was actually the "Israeli" occupation of Palestine and all the resulting tragedies and calamities in the entire region. Moreover, the suffering of the Palestinian refugees in Lebanon was not limited to the pain of forced migration but also to the "Israeli" massacres and atrocities which destructed concrete and man, just like what happened in the Nabatiyeh camp that was fully destroyed. This suffering also includes the harsh living circumstances in the refugee camps that lack the basic necessities of a descent life, deprivation of civil and social rights as well as the negligence of the Lebanese government towards them as it did not fulfil its duties.

The Lebanese authorities are nowadays called to assume their responsibilities and therefore build the Lebanese-Palestinian relations under right, solid and legal bases that respect the justice, rights and mutual interests' balances to both nations. It is very essential that the Lebanese-Palestinian relationship become free from being governed by the whims and moods, as well as political calculations, internal interactions, and international interventions.

We believe that succeeding in this mission requires:

- A Lebanese-Palestinian direct dialogue

- A permission for Palestinians in Lebanon to agree on a unified reference that represents them in dialogue.

- Providing Palestinian refugees with their social and civilian rights, in such a way that suits their humanity, preserves their identity and cause.

- Commitment to the Right of Return and rejecting settlement.

SECTION 5 - Lebanon and the Arab Ties

Lebanon of the Arab identity and belonging and that has a vital geographical dimention, enjoys strategic depth and policies of regional integrity and national interests is committed to the just and fair Arab causes, at the top of which comes the Palestinian cause as well as the conflict with the "Israeli" enemy.

Even more, there is a definite need for concerted efforts to overcome the conflicts that run through the Arab ranks.

The contradiction of strategies and the difference of alliances, despite their seriousness and intensity, don't justify the policies of targeting or engaging in external projects, based on the deepening discord and inciting sectarianism, leading to the exhaustion of the nation and therefore serving the Zionist enemy in the implementation of the purposes of America.

Indeed, developing the political practice aiming at restricting conflicts, organizing or even preventing them from happening in first place is a good option to be adopted in order to ripen a selective approach in dealing with national issues, not to mention searching for common factors that can also enhance these practices, provide chances of communication on the levels of the people and the governments in order to provide the broadest platform of solidarity to serve our causes and goals.
The Resistance choice constitutes once again a central need and an objective factor in strengthening the Arab stance and weakening the enemy, away from the determined nature of strategies or political stakes.
Therefore, the resistance finds no problem in providing the different Arab regions with the benefits of the resistance choice, as long as this pours into weakening the enemy and strengthening as well as firming the Arab stand.

In this context, Syria has recorded a distinctive attitude and supported the resistance movements in the region, and stood beside us in the most difficult circumstances, and sought to unify Arab efforts to secure the interests of the region and challenges.

Hence, we emphasize the need to adhere to the distinguished relations between Lebanon and Syria as a common political, security, and economic need, dictated by the interests of the two countries and two peoples, by the imperatives of geopolitics and the requirements for Lebanese stability and facing common challenges. We also call for an end to all the negative sentiment that have marred bilateral ties in the past few years and urge these relations to return to their normal status as soon as possible.

SECTION 6 - Lebanon and Islamic Relations

The Arab and Islamic world is facing challenges that shouldn't be undermined. Indeed, the sectarian fabricated conflicts, especially between Sunnis and Shiites, the fabricated contradictory national facts between Arabs, Turks and Kurds as well as between Arabs and Iranians, the threatening of minorities, the constant draining of Christians in the Middle East particularly Palestine and Iraq not to mention Lebanon, all these threaten the cohesiveness of our societies, decreases levels of cohesion and increases barriers and impediments in the face of its development.

Therefore, and instead of being a source of wealth and social vitality, the sectarian diversities seem to be exploited as factors of division and incitement as well as a means of social destruction.

The situation resulting from this bad use seems to be the result of the intersection of Western deliberate policies, the US in particular, internal irresponsible practices and visions in addition to an unstable political environment.

It is very essential and necessary to take these facts into consideration, and should be one of the core interests of power agendas, political guidelines, including the Islamic movements that are responsible of facing these challenges and solving these problems.

Hizbullah emphasizes the necessity of cooperation between the Islamic states at the different levels, to gain strength in confronting hegemony schemes. Such cooperation also serves in facing the cultural invasion of the community and media, and encourages the Islamic states to take advantage of its resources in the exchange of the different benefits between these countries.

In this context, Hizbullah considers Iran as a central state in the Muslim world, since it is the State that dropped through its revolution the Shah's regime and its American-"Israeli" projects, and it is also the state that supported the resistance

movements in our region, and stood with courage and determination at the side of the Arab and Islamic causes and especially the Palestinian one.

The policy of the Islamic Republic of Iran is clear and stable in supporting the central and main cause of the Arabs and Muslims- the Palestinian cause.

Since the declaration of the victory of the Islamic Revolution under the leadership of Wali Al Faqih Imam Khomeini (May Allah honour his soul), and since the replacement of the "Israeli" embassy with a Palestinian one and this support has been ongoing in the different shapes and forms until our day under the leadership of Imam Khamenei (may he live long). This has lead to the achievement of outstanding victories for the very first time in the history of the struggle with the Zionist invaders.

The fabrication of some Arab parties of conflict with Iran represents self defamation, as well as a denouncement to the Arab causes and only serves "Israel" and the United States of America.

Iran has presented nothing but support for the main cause- the Palestinian cause and resentment towards "Israel". It has also confronted the American policies, and headed towards integrating with the Arab and Islamic environments. The response to such actions should be cooperation, brotherhood, and a centre of awakening and strategic weight as well as a model for independence and liberty that supports the Arab-Islamic project. It should be viewed as a power that boosts the strength and might of the people of our region.

The Islamic world gains strength with his allies and the cooperation of his countries. We assure the importance of benefiting from the elements of the political, humanitarian, and economic power available in each and every country of the Islamic world, on the basis of integration and non-subjection to the invaders.
We remind of the importance of unity among Muslims, as Allah the Almighty said in his holy book: "And hold fast, all together, by the rope which God (stretches out for you), and be not divided among yourselves" (Sourat Al Imran-verse 103).

We also remind of the importance of cautiousness from sectarian sensitivities-especially between Sunnis and Shiites, as we wager on the conscience of the Muslims in facing the conspiracies and schemes on this level.
SECTION 7 - Lebanon and International Relations

According to Hizbullah's vision and approach, the criteria of divergence and conflict are based upon political-moral grounds, primarily between the arrogant and wretched, the oppressor and oppressed, the haughty occupier and a pursuer of freedom.

Hizbullah considers that the unilateral hegemony in the world overthrows the international balance and stability as well as the international peace and security.

The unlimited US support for "Israel" and its cover for the "Israeli" occupation of Arab lands annexed, in addition to the American domination of international institutions, the dualism in criteria of issuing and applying international policies, the American meddling in various states' affairs, the adoption of the principle of circulating wars worldwide, causing disturbance and instability all around the world puts the American administration in the position of the aggressor and holds it responsible in producing chaos in the international political system.

As for the European policies, these hangs between being barely effective on one side and being a follower to the American policies on the other, and this actually leads to the hollowing out the moderate drift in Europe and pour it in the service of the "Atlantic drift" of colonial backgrounds.

Following American policies- especially in its phase of historic failure- represents a strategic mistake that will only lead to more problems and complications in the European-Arab relations.

Europe holds responsibility for the damage it has caused due to the colonial "inheritance" it has left behind - of which our people still suffer from the consequences and results.
Since some European people have a history in resisting the occupier, Europe's ethical and humanitarian duty-before being a political duty- is to acknowledge the right of the people to resisting the occupier, on the bases of distinguishing between resistance and terrorism.
We think that the stability and cooperation in European- Arab relations require a European approach that is more independent, just, and objective.

Building a common vital dimension would be unfeasible-politically speaking and security wise- without this transformation that should guarantee solving the sources of trouble that cause crisis and instability.

On the other hand, we look at the experience of independence and liberation that rejects hegemony in the countries of Latin America with a lot of respect, attention, and appreciation. We see vast intersection platforms between their project and the project of resistance movements in our region, which leads to constructing a more just and balanced international system.

Such an experience-that of Latin America- brings hope on the international level, in the light of a common humane identity, and a common political and moral background. In this context, the slogan "unity of the wretched" remains a major and basic pillar of our political intellect in building our relations, assents and comprehension towards international issues.

CHAPTER THREE - Palestine and Compromise negotiations

SECTION 1 - Palestine and the Zionist entity:

The history of the Arab-"Israeli" conflict proves that armed struggle and military resistance is the best way of ending the occupation.

The method of negotiations has proven that the Zionist entity becomes more boastful and more belligerent, and that it has no intention of reaching an accord. The resistance has managed to achieve a huge victory over the Zionist entity, provide the homeland with protection, and liberation of the remainder of its land. This function is a lasting necessity before Israel's expansionist threats and ambitions as well as the lack of a strong government in Lebanon.

The ongoing "Israeli" threat forces the resistance to continue to boost its capacity ... in order to fulfill its role in liberating occupied territory.

We categorically reject any compromise with Israel or recognizing its legitimacy This position is definitive, even if everyone recognizes "Israel".

Section 2: Palestinian Resistance

The Palestinian while going through the battle of self defense and struggling to maintain his civil rights that are set in Palestine throughout its historical meaning and geographical reality is doing nothing but adopting a legitimate right that has been put by all religions, international laws, values and humanity.

This right includes the Resistance in all shapes, and ahead of it is the armed forces, and the use of all means that the Palestinian resistance can use, especially with the presence of impunity towards the Zionist enemy that is armed with the latest atrocious and destructive weapon.

Experience has proved -and has made clear, with no doubt throughout the struggle between our nation and the Zionist entity, since its occupation of Palestine and till now- the importance and significance of the choice of the Resistance and the armed forces facing the enemy, liberating the land, regaining the legitimate rights, maintaining neutral language, and the closure of the expanded strategy, through the equations that were forced by the resistance through its capabilities, will, and determination at the battle field.

The best witness and evidence on this is the achievements of victories of the Resistance in Lebanon, and what it has built from its moral and martial accomplishments throughout its battle experience, especially when forcing the Zionists to the Huge "Israeli" withdrawal from the occupied Lebanese lands at May 2000, and the glorious failure of the "Israeli" army during July War year 2006, of where the Resistance achieved a divine, historical and strategic victory that changed the battle equation entirely, and defeated the "Israeli" enemy with high credibility, and crushed the legend of the army that can never be defeated.

Another evidence on that is what the Palestinian resistance has achieved from continuous accomplishments through the Palestinian Revolution experience, and the method of the armed struggle that has been taken, and through the first Intifada, and the second Al-Aqsa Intifada, reaching the brutal collapse of the "Israeli" army during the complete withdrawal from the Gaza Strip year 2005, with no pre-conditions, negotiations, or agreements, and without any political, security, or geographical desires, making it the first victory of that kind, within the historical Palestinian borders, and the value of this victory holds tremendous strategic importance within the conflict between us and the Zionist entity .

In addition to that the glorious perseverance of the Palestinians and its Resistance in Gaza while facing the Zionist occupier year 2008 is a lesson to the generations, and the occupiers.

If that was the motive of the Resistance in Lebanon and Palestine, what was the motive of the choice of negotiations and settlements? What are the conclusions, profits and benefits that the negotiations achieved throughout all its stages and the deals that it made? Isn't it more of the Israeli" bigotry, intolerance and belligerency, and more of the "Israeli" benefits and conditions"?

We hereby assure our prop up to the Palestinians and the Palestinian Case, along with its historical, geographical and political stands, and we reassure our support to these people and the Palestinian Resistance, and their struggle against the "Israel".

SECTION 3: Compromise Negotiations:

Our stance on the negotiations and compromises made by the Madrid Conference, the "Araba Valley retrospect" the "Oslo Accords", the "Camp David Accord" is a total refusal to any kind of compromise with the Zionist entity, which is based on admitting its legitimate presence, and giving in what it occupied from the Palestinian Arab and Islamic land.
This stance is predetermined and permanent and isn't set for any compromise, even if the whole world admits to "Israel".

Starting from here, and from our brotherhood and responsibility we call upon all Arabs to commit to the choice of there people by reconsidering the negotiations, and revising the accords signed with the Zionist enemy, and by completely canceling the

illusion and unjust compromise that is so called "Peace Process", especially those who gave the U.S administration the role of being a decent, just mediator in this process, they have witnessed with no doubt that it has failed, pressured and blackmailed them, and fought their people, and stood by its strategic ally the Zionist entity.

As for the "Israeli" entity has showed through all the stages of negotiations, that peace isn't what it aims for, and that the negotiations are used to gain their conditions and accomplish their own needs, and breaking the belligerence of the Arabs towards them, by receiving a free and opened official normalization, and forcing others to see them as a reality in the region, and admitting their legitimacy, after we give in the Palestinian land that they've occupied.

We expect and hope that all Arabs and Muslims reclaim to Palestine and Jerusalem as a central case, of where they all unite and commit to liberating it from the cantankerous occupying Zionist, and to do what their religious and humane responsibility calls them to do towards their holy land of Palestine and towards its deprived people, and we call them to provide all needs of support so that the Palestinians maintain their perseverance and continue their struggle. We also call them to reject all normalization processes with the Zionist enemy, and refuse any kind of settlements, and immediately work on breaking the siege on the Palestinians, especially the complete siege on Gaza Strip, and adopting the case of more than 10000 detainees in the "Israeli" prisons, and setting plans and programs to set them free.